

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
E MEIO AMBIENTE**

GISLAINE CRISTINA PAVINI

**O MÉTODO SESI DE ENSINO NA ESCOLA DO CAMPO:
A CONTROVERSA CHEGADA DO ESTRANHO**

ARARAQUARA – SP

2012

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E
MEIO AMBIENTE**

GISLAINE CRISTINA PAVINI

**O MÉTODO SESI DE ENSINO NA ESCOLA DO CAMPO:
A CONTROVERSA CHEGADA DO ESTRANHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA, como exigência para obtenção do título de Mestre.

***ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. VERA LÚCIA SILVEIRA BOTTA FERRANTE
CO-ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. JANAÍNA FLORINDA FERRI CINTRÃO***

ARARAQUARA – SP

2012

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes”

Paulo Freire.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado a vida.

A minha mãe, por me fazer determinada.

Ao meu pai, por me mostrar a vida.

Aos meus familiares que sempre estiveram do meu lado mesmo nas minhas constantes ausências.

Aos meus velhos amigos que nunca desistiram de mim quando eu estava sempre estudando.

Aos novos e grandes amigos que fiz durante o curso de mestrado.

Aos professores e alunos da turma de 2010.

A minha orientadora Vera Botta, pela dedicação e carinho para comigo durante esta jornada.

A minha co-orientadora Janaina Cintrão, pelo carinho constante.

Ao professores do Mestrado pela amizade e pelas longas conversas e estímulos.

Ao pessoal do NUPEDOR, que sempre me acolheu com muito carinho e amizade.

A Dai (Daiane Roncato Cardozo Traldi), pela amizade e ajuda nos momentos difíceis da minha dissertação.

As meninas da secretaria do Mestrado Fernanda, Ivani, Luciana e Silvia que sempre com boa vontade me auxiliaram.

RESUMO

O presente trabalho é “fruto” dos dilemas com os quais me deparei na Escola do Campo, após a implantação da Metodologia Sesi de Ensino na escola “Profº Hermínio Pagotto, localizada no Assentamento Bela Vista, Araraquara/SP. A questão norteadora da pesquisa remeteu à seguinte discussão: A inserção do Método Sesi de Ensino modifica ou descaracteriza os princípios do Projeto Escola do Campo, por meio de conteúdos e exemplos urbanos trazidos pelo material utilizado? A metodologia utilizada para essa discussão foi baseada em registro de campo; análise documental de projetos, planos de ensino, propostas curriculares e materiais didáticos (utilizados por alunos e professores); no acompanhamento do Sistema Sesi de aulas, através de entrevistas com professores e com a direção escolar; e na coleta de redações e de desenhos feitos por alunos do 6º ano. Foram discutidos comparativamente a Metodologia Sesi de Ensino e o Projeto Escola do Campo, a partir da proposta pedagógica desenvolvida pela escola e dos entraves encontrados em relação aos vínculos singulares à vivência rural.

Palavras-chave: Projeto Escola do Campo. Metodologia Sesi. Educação Rural.

ABSTRACT

This work is meeting with the dilemmas exposed in the School Field, after the implementation of Sesi Methodology Teaching in school "Prof. Herminio Pagotto, located in the Settlement Bela Vista, Araraquara/SP. The question guiding the research referred to the following discussion: the insertion of the Teaching Method Sesi modify or mischaracterizes the principles of the Field School Project, through content and urban examples brought by the material used. The methodology used for this discussion was based on record field; documentary analysis of projects, lesson plans, proposals, curriculum and learning materials (used by students and teachers) in monitoring the system Sesi classes, through interviews with teachers and the school board, and the analysis of texts and drawings made by students in the 6th grade. Were discussed in comparison with Sesi Teaching Methodology and Field School Project, from the pedagogical proposal developed by the school and the barriers encountered in relation to the natural links rural life.

Keywords: Project Field School. Methodology Sesi. Rural Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Assentamento Bela Vista do Chibarro.....	13
Figura 2: Vista aérea do município de Araraquara.....	17
Figura 3: Agrovila do assentamento Bela Vista.....	28
Figura 4: Mapa do estado de São Paulo com os principais centros urbanos.....	30
Figura 5: EMEF do Campo “Prof. Hermínio Pagotto”.....	32
Figura 6: Desenho de uma escola do campo.....	36
Figura 7: Livro Didático Língua Portuguesa SESI.....	41
Figura 8: Fazer Pedagógico SESI.....	42
Figura 9: Livro Didático Língua Portuguesa SESI.....	43
Figura 10: Livro Didático Língua Portuguesa SESI.....	44
Figura 11: Livro didático de Língua Portuguesa SESI.....	48
Figura 12: Livro didático de Língua Portuguesa SESI.....	50
Figura 13: Livro didático de Língua Portuguesa SESI.....	51
Figura 14: Redação de aluno.....	52
Figura 15: Livro didático de Língua Portuguesa SESI.....	53
Figura 16: Livro didático de Ciências SESI.....	55
Figura 17: Livro didático de Ciências SESI.....	56
Figura 18: Livro didático de Língua Portuguesa SESI.....	56
Figura 19: Livro didático de Língua Portuguesa SESI.....	57
Figura 20: Livro-texto do aluno: “Muitos textos...Tantas palavras” SESI.....	59
Figura 21: Livro-texto do aluno: “Muitos textos...Tantas palavras” SESI.....	59
Figura 22: Livro-texto “Muitos textos...Tantas palavras” SESI.....	60
Figura 23: Livro-texto “Muitos textos...Tantas palavras” SESI.....	61
Figura 24: Livro-texto “Muitos textos...Tantas palavras” SESI.....	62
Figura 25: Livro-texto “Muitos textos...Tantas palavras” SESI.....	62
Figura 26: Livro-texto do aluno: “Muitos textos...Tantas palavras” SESI.....	63
Figura 27: Livro-texto do aluno: “Muitos textos...Tantas palavras” SESI.....	64
Figura 28: CNE da Educação Básica do Campo.....	65
Figura 29: Desenho - Local onde mora e gosta de ajudar seu pai.....	66
Figura 30: Foto aérea do assentamento Bela Vista.....	67
Figura 31: Missão e valores do Sistema Municipal de Educação e da Unidade Escolar.....	70

Figura 32: Apostilas do método Sesi (6º ano do Ensino Fundamental).....	72
Figura 33: Livro didático de Língua Portuguesa SESI.....	75
Figura 34: Livro didático de Língua Portuguesa SESI.....	76
Figura 35: Livro didático de Língua Portuguesa SESI.....	77
Figura 36: Livro didático de Língua Portuguesa SESI.....	78
Figura 37: Livro didático de História SESI.....	80
Figura 38: Livro didático de História SESI.....	81
Figura 39: Livro didático de História SESI.....	82
Figura 40: Livro didático de Matemática SESI.....	84
Figura 41: Livro didático de Matemática SESI.....	84
Figura 42: Empresa pedagogia, fábrica-escola de móveis no Senai.....	85
Figura 43: Trabalhador na cultura de café.....	86
Figura 44: Aluno 6º ano (11 anos) - Desenho da sua casa e criação de animais no lote.....	87
Figura 45: Apresentação de alunos da escola do campo “Prof. Hermínio Pagotto” no Seminário de Estudos e Pesquisa de Educação do Campo realizado na Ufscar em outubro de 2011.....	89
Figura 46: Creche que atualmente faz parte da escola e atende alunos de 0 a 5 anos.....	90
Figura 47: Aluno 6º ano (12 anos) - Desenho da vista aérea de sua casa na agrovila.....	92
Figura 48: Moradora do Assentamento Bela Vista participando de discussão sobre as questões relacionadas à educação do campo no Seminário de Estudos e Pesquisa de Educação do Campo realizado na Ufscar em outubro de 2011.....	94
Figura 49: Aluna 6º ano (12 anos) - Desenho do local onde gosta de ver seus amigos andarem de moto no final de semana.....	96
Figura 50: Aluna 6º ano (11 anos) - Desenho do “Estradão” (entrada da agrovila).....	98
Figura 51: Aluno 6º ano (10 anos) - Desenho da sua casa no lote do assentamento.....	99
Figura 52: Aluno 6º ano (11 anos) - Desenho de sua casa no lote.....	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Mudanças em minha trajetória de pesquisa.....	11
Capítulo 1 - OLHARES SOBRE A ESCOLA DO CAMPO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
1.1 A preocupação com a escola urbanocêntrica.....	13
Capítulo 2 - O UNIVERSO DA PESQUISA: ESPAÇOS INVESTIGADOS E LUGARES DO PROJETO ESCOLA DO CAMPO	28
2.1 Resgate histórico do Assentamento Bela Vista do Chibarro.....	30
2.2 A escola em questão	32
2.2.1 Conhecendo a Escola de Campo “Hermínio Pagotto”	32
2.2.2 O projeto escola do campo na escola do campo “Prof. Hermínio Pagotto”	36
2.2.3 Finalidades e objetivos da Escola do Campo “Prof. Hermínio Pagotto”	36
2.2.4 Princípios da Escola do Campo “Hermínio Pagotto”	38
Capítulo 3 - O MÉTODO SESI: MUITOS TEXTOS... TANTAS PALAVRAS E A REALIDADE DO CAMPO? ...	40
3.1 Estruturação do material do Sistema Sesi de Ensino	40
3.1.1 Livro do professor – Fazer pedagógico	41
3.1.2 Livro do aluno.....	47
3.1.3 Livro-texto do aluno: “Muitos textos...Tantas palavras”	58
Capítulo 4 – PROJETO ESCOLA DO CAMPO E METODOLOGIA SESI: COMPARAR O INCOMPARÁVEL?.	65
4.1 Análise documental do método Sesi de ensino: a retórica e a prática.....	68
4.2 Programas estratégicos do Sesi relacionados à Educação Básica	71
4.3 Análise Referencial Curricular Sesi/SP (Relevância das Áreas de Conhecimento).....	73
4.3.1 Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	73
4.3.2 Ciências Humanas e sua Tecnologias	79
4.3.3 Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias.....	83
4.4 Um método voltado para a produção e competitividade.....	84
4.5 Projeto Político da Escola do Campo “Profº Hermínio Pagotto”	87
4.5.1 Qualidade Social da Educação.....	88
4.5.2 Inserção num Contexto Global.....	90
4.5.3 Educação voltada para a valorização da cultura de trabalho no campo (teoria e prática) .	91
4.5.4 Democratização do Acesso ao Conhecimento	92
4.5.5 Gestão Democrática – participação da comunidade na tomada de decisões	93
4.5.6 Espaços e tempos alternativos de educação	94
4.5.7 Construção de um novo homem a partir do resgate da sua identidade	95
4.5.8 Resistência e luta do homem e da mulher no campo.....	97
4.5.9 Integração e interação com o meio ambiente ecológica	97
4.5.10 Concepção de que a história é construída pelas lutas sociais	99

4.6 O Programa SESI-SP e seus objetivos estratégicos	100
4.6.1 Contextualização das Estratégias	101
4.7 Projetos vinculados ao Sistema Sesi de Ensino	104
4.7.1 Sistema SESI-SP de Educação Básica	104
4.7.2 Educação em Tempo Integral para Alunos do Ensino Fundamental	106
4.7.3 Educação Digital para Alunos da Educação Básica.....	107
4.4 SESI Indústria do Conhecimento: e a realidade do assentamento?	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	112
ANEXOS	117
ANEXO A: Projetos desenvolvidos no dia a dia da escola	117
ANEXO B: Dificuldades na realização do trabalho pedagógico.....	118

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema surgiu a partir da preocupação vivida pelos integrantes da escola do campo Hermínio Pagotto no assentamento Bela Vista, localizada no município de Araraquara, em relação à introdução do método SESI proposto às escolas da Prefeitura Municipal de Araraquara observado durante a pesquisa de campo que eu realizava para minha dissertação de mestrado. De início, tinha escolhido para tema do meu projeto de pesquisa, a formação de professores de Educação para o Campo e a questão ambiental. A esse respeito fiz várias leituras e constatei a dificuldade de estabelecer uma relação entre a problemática ambiental e a formação de professores, visto que não encontrei nenhum documento ou trabalho desenvolvido em instituições responsáveis pela formação de professores que tivesse a Educação Ambiental fazendo parte da grade curricular, encontrada somente na formação de professores de Ciências.

Sobre a formação de professores li vários textos como: Formação de Professores para o estudo do ambiente: projetos escolares e a realidade socioambiental local (SANTOS; COMPIANI, 2010), (Des) Pedagogia Ambiental e Formação de professores (COUTINHO, 2009), Educação Ambiental e Formação de Professores (FLICK, 2010), Educação e meio ambiente: a formação de professores em tempo de crises (BARRETO, 2007), e nada encontrei de específico sobre a inserção das questões ambientais na formação dos professores. Então, a partir do IV Seminário sobre Reforma Agrária e Assentamento, interessei-me pelo tema e comecei a discuti-lo com as professoras Janaina Florinda Ferri Cintrão e Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante. A possibilidade de realizar uma pesquisa nesse campo temático, por elas aprovada.

O projeto propunha analisar, a partir de uma experiência de Educação no Campo, como se dá a formação dos professores para ensinar na área rural. De que forma é trabalhado o módulo Meio Ambiente e como as crianças respondem a esse processo de ensino-aprendizagem, analisado através da interpretação de redações e desenhos colhidos entre crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Para esse estudo, usaria os dados coletados pelo grupo de pesquisa voltado a assentamentos rurais (NUPEDOR), pesquisando a Escola “Prof. Hermínio Pagotto” do Assentamento Bela Vista do Chibarro em Araraquara, que tem vinte e um anos de existência e cujo Projeto de Educação do Campo é reconhecido nacionalmente.

Após constantes idas ao assentamento, pude acompanhar o grande empenho e dificuldade dos professores em adaptarem o Método Sesi de Ensino à realidade da Escola do Campo. E a partir daí, pude acompanhar o processo no momento em que surge a questão: A inserção do Sistema Sesi modifica os princípios do Projeto Escola do Campo?

Mudanças em minha trajetória de pesquisa

Durante a minha pesquisa de campo exploratória na escola “Prof. Hermínio Pagotto” no Assentamento Bela Vista do Chibarro em Araraquara, pude acompanhar a angústia vivida pelos professores na aplicação do novo método proposto às escolas municipais a partir do ano letivo de 2011, método esse voltado para o profissionalismo, empreendedorismo e para o trabalho. Surge o questionamento se esse novo método, mesmo com uma adaptação à realidade dos alunos do assentamento, permitiria continuar a desenvolver o Projeto Escola do Campo ou descaracterizaria a Escola do Campo através dos conteúdos e exemplos urbanos trazidos pela proposta pedagógica do novo método. Método que foi oferecido em curso de apenas 2 dias no início do ano letivo para sua implantação nas escolas da rede municipal. Iniciativa controversa. Até que ponto a implantação do método Sesi, sem qualquer investimento contínuo na formação dos professores e na qualidade do ensino representa a reprodução de um viés urbanocêntrico que tenderia a anular as especificidades e avanços do Projeto Educação do Campo.

Então, surgiu a hipótese de pesquisa: a inserção do Sistema Sesi modifica os princípios do Projeto Escola do Campo. No início, a proposta metodológica consistia em entrevistar professores, acompanhar aulas, analisar diários de classe, colher desenhos e redações de alunos que passaram pela experiência da Educação do Campo e agora estavam vivendo a metodologia Sesi. Por sugestão da banca de qualificação, estes últimos recursos deixaram de ser o centro das estratégias de pesquisa que passaram a ter nas entrevistas com professores e na análise documental dos dois projetos o centro desta investigação.

E para essa discussão foi utilizada a seguinte metodologia:

1. Análise documental do Projeto Político Pedagógico, Plano de Ensino, projetos desenvolvidos pela Escola do Campo “Prof. Hermínio Pagotto”;
2. Análise do material didático do 6º ano do Sistema Sesi utilizado por alunos e professores na escola estudada;

3. Acompanhamento do Sistema Sesi através de entrevistas com os professores desta escola, registro em diários de campo das principais dificuldades e facilidades com o uso dessa nova metodologia de referências estruturais com professores que estão há mais tempo na escola, podem ter uma avaliação comparativa dos dois projetos;
4. Acompanhamento sistemático das aulas dadas pelos professores e coleta de redações e desenhos dos alunos do 6º ano que já fizeram parte do método anterior e hoje estão vivendo o método Sesi.

A partir destas mudanças apresento a estruturação da minha dissertação. No capítulo primeiro é feita uma revisão bibliográfica das diferentes dimensões envolvendo a Escola do Campo.

No capítulo segundo apresento os espaços e lugares centrais da investigação e descrevo os pilares principais do projeto Escola do Campo.

No capítulo terceiro, discuto o método Sesi sob vários ângulos, destrinchando o material didático utilizado pelo professor e pelo aluno, a proposta do Referencial Curricular do Sesi/ São Paulo, reunindo todos os elementos que pude coletar a respeito da sua metodologia.

No quarto capítulo, discuto comparativamente os dois projetos, chegando, pois, ao coração da dissertação. Neste capítulo a comparação é feita a partir das propostas pedagógicas, dos projetos desenvolvidos pela escola, dos entraves encontrados e de preservação ou diminuição com os vínculos com a vivência rural.

Nas considerações finais retomo a hipótese central do trabalho, contrapondo-a com os resultados encontrados.

Espero com esta dissertação espero contribuir para a contradição entre os dois métodos.

Capítulo 1 - OLHARES SOBRE A ESCOLA DO CAMPO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 A preocupação com a escola urbanocêntrica

Podemos ver claramente essa discussão sobre a educação urbana e rural nos trabalhos de Whitaker (2000) que questiona como ter uma educação de qualidade se a escola urbanocêntrica tem como ponto de partida sempre o capital cultural que apenas uma pequena camada tem condições de acumular? Poder-se-ia se pensar em uma pedagogia que valorize a sabedoria e a beleza da cultura acumulada dos que trabalham na terra e não somente tornar sua aprendizagem um conteúdo específico e sim que seja uma Educação do Campo significativa, o que será investigado no decorrer do trabalho.



Figura 1: Assentamento Bela Vista do Chibarro
Fonte: NUPEDOR, 2010.

A escola – família e a pedagogia da alternância surgiram na França após a Segunda Guerra Mundial para solucionar dois grandes problemas que seriam as questões relacionadas ao ensino regular que levava os adolescentes camponeses a abandonar a terra levados às atividades urbanas e a necessidade de trazer para o campo a tecnologia de que

precisavam. O nome Casa Familiar Rural foi dado após a implantação do projeto pela ARCAFAR por referência direta da experiência francesa.

O Projeto Escola do Campo começou a se desenvolver no Paraná em 1988 quando os agricultores se depararam com o problema de que não havia escola de ensino médio que formasse os filhos de agricultores atendendo a sua realidade e necessidade. Pois neste momento estavam enfrentando dificuldades econômicas nas pequenas propriedades rurais levando muitos trabalhadores a saírem do campo buscando uma melhora de vida.

Por iniciativa da prefeitura da cidade de Barracão/PR¹, houve várias reuniões entre os agricultores e a comunidade local formando a Associação Regional das Casas Familiares Rurais (ARCAFAR). E no ano seguinte houve um primeiro grupo de jovens da zona rural a ter acesso à formação em agricultura. E o Projeto Escola do Campo é justamente o programa de apoio do governo do Paraná às Casas Familiares Rurais (CFR).

Durante o período de implantação das Casas Familiares Rurais no Paraná, o projeto recebeu orientação do engenheiro agrônomo francês Pierry Gilly sobre a “Pedagogia da Alternância”. Segundo Gilly (1995), esta pedagogia envolve dez etapas, começando pela pesquisa participativa – quando os agricultores refletem sobre o desenvolvimento global da região e determinam os temas a serem trabalhados na escola – e pelo planejamento anual baseado no calendário agrícola, até chegar à troca de experiências, aos cursos, às visitas de estudos, aos experimentos e às avaliações (são três anos de curso, destinados, principalmente, a jovens que não terminaram o primeiro grau e, também aos seus familiares, pois estes são envolvidos, de forma direta, fazendo com que a tradição de “pai para filho”, seja modificada lenta e gradualmente) (GILLY, 1995 apud PASSADOR, 2003, p. 55).

Do resultado de todas essas etapas, os jovens elaboram o dossiê pedagógico, ou seja, o resultado dos três anos de estudo na CFR. Ele é formado pelo plano de estudo, mais a colocação em comum, que formarão as fichas pedagógicas nas quais se acrescentarão os novos conhecimentos adquiridos através de cursos, palestras, visitas de estudo e experiências que vão envolver o jovem, a família e a comunidade. Tudo isso ficará registrado no caderno de exploração agrícola (PASSADOR, 2003, p. 66).

A autora estudou o Projeto Escola do Campo – Casa Familiar Rural (CFR) no Estado do Paraná que tem por objetivo o ensino pela pedagogia da alternância:

¹ Barracão é uma cidade do sudoeste do Paraná conurbada com a cidade de Dionísio Cerqueira (Santa Catarina), e Bernardo de Irigoyen (Argentina), com as quais forma uma triplice fronteira (Argentina, Santa Catarina e Paraná).

(...) aliando teoria e prática, formando duas gerações ao mesmo tempo, ou seja, pais e filhos, os agricultores do município em que se instala. A profissionalização e a formação geral do homem do campo surgem dentro desse projeto que objetiva proporcionar ao jovem as condições, instruções e formação para o exercício da agricultura, fixando-o no meio onde vive e melhorando o nível de produção e de vida. A idéia é manter o jovem no campo sem que ele perca o vínculo com sua realidade (propriedade e família) e fazendo com que tenha consciência do exercício da cidadania plena. Em outras palavras, o projeto “Escola do Campo – Casa Familiar Rural” capacita os jovens do campo a imprimir qualidade e competitividade aos seus produtos e a auferir, inclusive, a renda necessária à obtenção da qualidade de vida no campo. Além disso, o Projeto leva aos jovens da zona rural os conceitos de cidadania e conhecimentos para qual possam se tornar os “novos agricultores”, valorizados como responsáveis pela produção de alimentos e pela preservação do meio ambiente (PASSADOR, 2003).

Os principais objetivos das Casas Familiares Rurais são:

- Oferecer formação integral que atenda à realidade dos jovens agricultores podendo atuar como profissionais no meio rural;
- Tornarem-se homens e mulheres que sejam capazes de exercer plenamente a cidadania;
- Aplicar conhecimentos científicos a partir dos conhecimentos já adquiridos pelas famílias dos agricultores, melhorando a qualidade de vida deles;
- Promover no jovem agricultor o desenvolvimento de espírito associativo e de comunidade;
- Nortear o jovem quanto à possibilidade de trabalhar no seu meio, permanecendo no campo com condições dignas;
- Fomentar no jovem e nas comunidades a consciência de que é possível promover uma agricultura sustentável, sem agressões e prejuízos ao meio ambiente.

A pedagogia da alternância gera uma formação realista, educa e desenvolve a personalidade, pois segundo os envolvidos no projeto a alternância e a responsabilidade da participação das famílias são essenciais para o desenvolvimento das atividades da CRF (PASSADOR, 2003). Essa pedagogia respeita o saber próprio dos agricultores e a partir disso, busca tecnologias alternativas.

Segundo Haygert (2000 apud PASSADOR, 2003, p. 65), a pedagogia da alternância ocorre em três grandes fases nas Casas Familiares Rurais:

1) Interesse e motivação – o jovem levanta as situações da vida familiar e profissional sobre o tema do momento em discussões com sua família, através do plano de estudo, nas duas

semanas em que passa na propriedade. Essa discussão da realidade na unidade familiar leva à reflexão toda a família, levantando problemas e soluções por eles encontrados. Durante esse período, o monitor visita a propriedade. O monitor ajuda a família a refletir sobre o tema, mediando as indagações do jovem com a reflexão dos pais e observando se a família está apoiando o jovem para que coloque em prática o que está aprendendo na CFR;

2) Aquisição de novos conhecimentos – Durante a semana na CFR, o jovem coloca em comum os dados levantados nas duas semanas em sua propriedade, com o plano de estudo. Na colocação em comum, o grupo de alunos senta, em semicírculo, e cada um apresenta seu plano de estudo, que foi amplamente discutido com a família. Daí resultam as experiências colocadas pelo grupo. A colocação em comum não tem só o objetivo de fazer com que os jovens conheçam a forma como cada família executa o tema em sua propriedade, mas também o desenvolvimento pessoal desses jovens. Como dissemos anteriormente, eles têm dificuldade de falar, de apresentar seus resultados, mas depois de algum tempo na CFR, eles expandem essas características, o que é muito importante para a formação como cidadãos. Com o resultado da colocação em comum, o monitor vai organizar a semana para apresentar aos jovens novos conhecimentos sobre o tema: palestras, visitas às propriedades que aplicam técnicas de alta tecnologia, cursos, etc. Resgata-se, através de cursos, técnicas de apoio de como fazer ferramentas de trabalho. Desenvolvem-se, ainda, noções básicas de eletricidade, carpintaria e outras atividades;

3) Experiências ou novas realizações – O jovem vai fazer suas experiências, observar, analisar, interpretar na sua realidade, com sua família, com o apoio dos monitoramentos e com o envolvimento da comunidade a que pertence. Essa fase se caracteriza pela prática. É quando o jovem realiza a síntese do conhecimento que construiu, colocando-o na execução dos projetos que escolheu desenvolver em sua propriedade em conjunto com sua família. Experiência que é transmitida para a comunidade, transformando o jovem em agente de transmissão do conhecimento.

Então, podemos concluir que a Casa Familiar Rural consegue respeitar o conhecimento rural agregando-o à busca de necessidades tecnológicas que facilitaram o trabalho do campo, melhorando a produção e aumentando a qualidade de vida da família desse jovem agricultor advinda dessa nova aprendizagem:

A mudança que então se estabelece é, principalmente, a da condição do jovem rural que passa a ter a oportunidade de argumentar e demonstrar as saídas para a reprodução familiar dentro da realidade contemporânea que vivenciam. Assim, os filhos que passam pela Casa Familiar Rural adquirem um saber que proporciona melhor rendimento da propriedade

familiar e a possibilidade de agregar valor ao que ali é produzido. “Em razão disso, legitimam para si uma relativa autoridade dentro do grupo familiar, já que através desse novo saber aumentam a possibilidade de manter e mesmo ampliar o patrimônio familiar” (PASSADOR, 2003, p. 69).

De acordo com Whitaker (2008), o “Capitalismo criou um saber que se diz universal”. Não podemos pensar em uma educação que atenda somente às especificidades dos alunos da Escola do Campo, podemos e devemos aproveitar o conhecimento que esses alunos já trazem para facilitar e promover uma educação mais completa, o que não significa reforçar o viés urbanocêntrico.

O que se propõe hoje quando se fala em educação para o campo não é uma volta à razão dualista e sim um avanço em direção à razão dialética. A escola do campo precisa incorporar a valorização de modos de vida e os conhecimentos sobre os processos de trabalho, não para ensinar aos homens do campo, mas para aprender com eles (WHITAKER, 2008, p. 299).



Figura 2: Vista aérea do município de Araraquara
Fonte: ARARAQUARA, 2010.

Andrade (1995 apud WHITAKER, 2008), em sua dissertação, estudou o processo de produção do bicho da seda, no qual a produção das larvas é feito em um dos mais sofisticados laboratórios de importante multinacional japonesa. Em seguida, as larvas são criadas durante seis meses em barracões rústicos por assentados, alimentadas com brotos de

amoreiras e depois os casulos são entregues a uma empresa japonesa para a produção da mais pura seda. As crianças cujas famílias trabalham no processo de produção do bicho da seda, conseguem com grande habilidade descrever e sistematizar todo o processo de produção do bicho da seda. A difícil questão da metamorfose, relação essa com o cotidiano do aluno que muitas vezes a escola não estimula, nem valoriza dentro da sala de aula.

E aqui vamos perguntando: de que forma uma escola urbanocêntrica e sociocêntrica se liga às disposições afetivas de uma criança que contempla metamorfoses de borboletas ao vivo e vivencia técnicas artesanais de cultivo, adquirindo noções ricas de significado que formam seus esquemas de assimilação? (WHITAKER, 2008, p. 299).

Feng (2008) discute as propostas e estratégias do Programa Escola do Campo implantado na EMEF Hermínio Pagotto, dentro do Assentamento Bela Vista do Chibarro no município de Araraquara. A partir da abordagem do projeto pedagógico desta escola e das vertentes políticas que a norteiam, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Curriculares Nacionais, Referências Para uma Política Nacional de Educação no Campo, surgiram algumas questões que foram tratadas no decorrer do artigo escrito com Ferrante:

As estratégias de ensino impactam positivamente a comunidade assistida? Este processo educacional ajuda a amenizar o quadro de problemas da educação rural? Este modelo difere das outras propostas educativas em quais pontos? (FENG; FERRANTE, 2008).

O Projeto Educação do Campo foi instaurado em 2004 pela Prefeitura Municipal de Araraquara e é desenvolvido em três escolas da zona rural. Ele funciona com uma proposta pedagógica de ensino no campo que pretende estimular o aluno, evitando problemas como abandono, altos índices de repetência e choques culturais. Para o que isso ocorra, essa proposta educativa segue diversos princípios que abrangem a formação do sujeito através de projetos de emancipação humana, valorização de diversos saberes no processo educativo e também o respeito perante os espaços e tempos de formação dos sujeitos da aprendizagem, considerando com isso, uma estratégia possível de desenvolvimento sustentável. Os autores nos mostram claramente essa idéia:

Põe-se, portanto, como perspectiva de transformação da educação tradicional, a qual se pauta, segundo Whitaker (1992) por vieses urbanocêntricos, voltados para os conteúdos que informam e são informados no processo de urbanização; sociocêntricos, por privilegiar a cultura relativa ao mundo ocidental, a chamada racionalidade do capitalismo, fortemente

atrelada ao avanço científico e tecnológico (FENG; FERRANTE, 2008, p.196).

É importante que os professores entendam que é necessário perceber e compreender o contexto sócio-político dos pais e alunos, mantendo atenção constante sobre a sua prática, seus resultados e conseqüências. Para esses professores, não é fácil implementar relações inovadoras no processo de ensino-aprendizagem, pois isso requer estímulo da reflexão e criatividade para renovar os procedimentos e posturas de ensino. E a maior dificuldade que os docentes enfrentam é em relação às mudanças no procedimento de ensino e avaliação porque se sentem inseguros e sem subsídios, pois não sabem se devem se desfazer de tudo aquilo que vêm aprendendo durante sua carreira profissional, opção para a qual não recebem estímulos ou perspectivas de gratificação.

As matérias promovidas pelo projeto pedagógico precisam ampliar o conhecimento, identificar pontos frágeis e pontos fortes a partir da experiência da prática docente; apontar caminhos para o aprimoramento das práticas pedagógicas e possibilitar a aproximação e troca de experiências entre os docentes. As atividades fora das aulas são orientadas e acompanhadas em geral pela diretora e a maior parte delas são desenvolvidas durante o período da manhã e dependem de recursos que auxiliem a promoção das aulas como o fornecimento de insumos para a agricultura e transporte para as visitas nos lotes mais distantes. O projeto pedagógico do Programa Escola do Campo demanda uma organização curricular que necessita de uma maior integração entre conteúdos, revisão de cargas horárias de disciplinas, coerência das temáticas oferecidas por ciclos e níveis de complexidade. Isso é efetuado gradativamente na freqüentes reuniões dos professores semanalmente. Só assim é que se possibilita a ampliação do leque de alternativas de aprendizagem, desenvolvimento do saber e a superação de diversos obstáculos e adversidades encontradas ao longo do caminho da promoção de uma educação diferenciada (FENG, 2007, p. 67).

A escola estudada se destaca pela elaboração de projetos inovadores, pois mesmo com as dificuldades encontradas, a direção da escola consegue se envolver com o corpo docente, discente e com a comunidade, segundo estudos e o acompanhamento da pesquisa na escola. Comunidade esta, que em sua trajetória, vem defendendo a melhoria desta escola e consolidando uma história de lutas e reivindicações.

Através do acompanhamento das aulas, percebi que os professores buscam ensinar conteúdos, relacionando-os às práticas cotidianas dos alunos. É comum os professores utilizarem espaços que a escola possui como: sala de multimeios, laboratório de informática, cozinha experimental, horta, laboratório de ciências e também, levarem os alunos constantemente a visitas à agrovila.

Conclui-se, segundo Feng e Ferrante (2008), neste artigo, que esta proposta educacional promove uma emancipação cultural que ultrapassa diversos estigmas pré-concebidos sobre a vida no campo:

O processo educacional promovido na escola Hermínio Pagotto abrange basicamente questões pertinentes à realidade rural da população que usufrui de seus serviços. Assim sempre se procura possibilitar o desenvolvimento de perspectivas futuras e a manutenção de uma identidade pessoal. No desenvolvimento deste trabalho, pude compreender que a educação rural e o processo de seu desenvolvimento no contexto brasileiro, não deve se restringir a um ensino técnico como muitos querem promover. Existe a necessidade de uma educação que promova o desenvolvimento dos saberes, de forma a permitir que o aluno tome suas próprias decisões sobre a sua profissão futura, sem perder sua identidade, cultura e história de vida. Para promover uma educação popular do campo que possibilite superar a situação precária da educação [...] é necessário o desenvolvimento de cursos que promovam as competências necessárias para um ensino de qualidade que leve em conta as especificidades do campo (FENG; FERRANTE, 2008, p. 220).

Brancaleone (2001), em sua dissertação, estudou o processo de adaptação dos alunos que saem da 4ª série da escola de um assentamento rural e vão para a escola urbana, entendendo como a comunidade rural consegue se adaptar a comunidade urbana. Para isso, estuda os alunos na etapa escolar final da 4ª série e posteriormente, no início da 5ª série em uma escola urbana.

Usa como coleta de dados: observação participante, análise documental e entrevistas semi-estruturadas. Busca conhecer como essas mudanças são vivenciadas pelos alunos e pela comunidade. Entrevistando dois pais de alunos que estudam na escola urbana, um líder comunitário, um professor do assentamento, cinco alunos da 4ª série, dois alunos que moram no assentamento e cursam a 6ª série na escola urbana, a diretora e uma funcionária, a autora percebeu que ao irem para a 5ª série havia uma grande ruptura na vida dos alunos, sem haver qualquer preparação prévia e sistematizada. Havia também a redução da participação da comunidade rural, tornando-se até inexistente. E que também, a recepção na escola urbana não previa nenhum projeto específico para o recebimento dos alunos do assentamento ou de outros locais (A escola é grande e recebe alunos de diversos locais).

Brancaleone constatou ainda que a escola rural tinha uma boa integração com a comunidade, porém notou uma cisão na equipe técnica entre professores, funcionários e direção. Percebendo que isso contribuía bastante para o fracasso escolar de muitos alunos, ela concluía que essa transição para a 5ª série na escola urbana criava uma ruptura na vida desses

alunos, e o mais preocupante é que não havia preparação desses alunos para essa mudança de escola. “Um dado interessante também, é que se constata que, na escola urbana, praticamente todos se sentem enquanto estrangeiros, visto que poucos possuem vínculos com o bairro onde a escola se encontra” (BRANCALEONE, 2001, p. 30).

Bezerra (1999) aponta também para uma ausência de propostas dos órgãos oficiais para a educação rural como sendo um grave problema vivenciado pelos trabalhadores rurais. Afirma que os problemas educacionais em nosso país abrangem também os professores. Estes, além das falhas na formação, são preparados para trabalhar no meio urbano, não considerando o que a criança do meio rural traz em sua bagagem (BEZERRA, 1999 apud BRANCALEONE, 2001, p. 30).

Durante sua pesquisa também acompanhou várias aulas e fez as seguintes observações: não presenciou problemas de indisciplina, citando somente dois alunos que apresentaram divergências com os professores e não observou nenhum problema em relação à violência na escola do campo.

Em seguida, ainda durante sua pesquisa, acompanhou a ida desses alunos para a escola urbana, desde o transporte até sua rotina dentro da escola. Percebeu que a equipe técnica considera a escola boa devido às regras de conduta impostas por ela, desde a formação de fila até o comportamento dentro da sala. Não viu muitas brigas na escola, porém as brigas são um dos maiores responsáveis pelo abandono de alguns alunos que vêm da escola do campo para a cidade, pois têm medo de apanhar dos outros alunos da escola.

Segundo relato de alunos, “tudo é diferente na escola da cidade”, “agora tudo é pago”. Antes os alunos estavam acostumados a resolverem qualquer problema na escola, pois a escola era mesmo uma extensão da comunidade. Agora se viam até excluídos quando não conseguiam fazer parte ou participar do que a nova escola propõe, como por exemplo, a compra de uma rifa oferecida pela escola. Muitas das práticas dessa nova escola causavam bastante impacto e incompreensão por parte dos alunos do assentamento, como a arrecadação de verbas para a APM².

Outro grande problema também era o transporte escolar, pois além de precário e a distância do percurso ao assentamento fosse longa, os alunos esperavam cerca de 45 minutos pela chegada do ônibus do lado de fora da escola, gerando cansaço das crianças e principalmente, preocupação dos pais.

² APM – Associação de Pais e Mestres.

A escola rural funcionava enquanto ponto de referência e apoio na resolução dos problemas, mesmo pessoais dos alunos, o que não ocorre na escola urbana. Como o ocorrido com o Rodrigo, o garoto reclamou de dor de cabeça que acreditava ser pela necessidade do uso de óculos. Na saída ele me diz que a escola havia dado um papel para que ele consultasse. Quando li o papel, este relatava aos pais o problema que o aluno estava tendo e determinava que o garoto não fosse enviado para a aula enquanto não fosse resolvido o problema, em virtude de ultrapassar as possibilidades de ação da escola que não podia mediar a criança. Ele se mostrou decepcionado e perguntou se eu achava que a diretora do assentamento poderia ajudá-lo. Tempos depois ele me contou que ficou vários dias sem ir à escola (NC) (BRANCALEONE, 2001, P. 127).

Temos ainda Lopes, que afirma:

A escola é considerada uma das instituições que mais contribuem para a hegemonia cultural do mundo moderno, criada pelo Estado, em consonância ao processo de socialização do mundo industrial, visando assim, difundir a ordem social burguesa. Essa contraposição de modelo de socialização educacional, teve muitos desencontros com a realidade do Brasil que se formava, uma delas é que as escolas não atendiam às necessidades das populações rurais. Um dos componentes do “fracasso escolar” está na falta de interação entre os programas escolares e as características culturais dos alunos provenientes dessas populações migratórias. As demandas que se colocam hoje para as reformas educacionais enfatizam a necessidade de se estabelecer pontes mais efetivas entre os ambientes culturais dos alunos e os conteúdos formais escolares [...] precisam dialogar com a forma com que a escolaridade organizou os modos de inserção do indivíduo no conhecimento. Sem esse diálogo não existe alento para a afirmação de uma sociedade forte (LOPES, 2006, p.86).

Ainda nesse mesmo eixo, Bastos (2006), analisou a gestão democrática na escola Hermínio Pagotto³. Considerando que a autonomia da escola advém do interesse do governo, professores, pais, alunos e demais agentes que fazem parte da escola e da sociedade. Como exemplo disso, podemos citar Barroso: “[...] afirma-se como expressão da unidade social que é a escola e não preexiste à ação dos indivíduos. Ela é um conceito construído social e politicamente, pela interação dos diferentes atores organizados numa determinada escola (BARROSO, 1996, p.186).

Para que a escola tenha autonomia é preciso que se crie uma cultura de colaboração e participação de todos os membros nela envolvidos. E isso tem estreita relação

³ Esta pesquisa foi desenvolvida numa escola rural em um assentamento rural pertencente à cidade de Araraquara/SP. A autora procurou trabalhar um dos eixos de um projeto financiado pelo CNPq e pela FUNADESP: “Assentamentos Rurais e Poder Local: expressões de conflito, de acomodação e resistência”, tendo como objetivo, compreender as relações entre o poder local e os assentados; destacando nesse artigo, a construção da gestão democrática na escola deste assentamento.

com a gestão democrática da escola, pois a gestão que almeja ser democrática, exige uma mudança de mentalidade da comunidade para que eles sejam dirigentes e gestores da escola e não somente meros fiscalizadores.

Podemos entender um pouco mais sobre essas mudanças quando analisamos a LDB e o ECA, porém, encontramos uma contradição entre eles em relação à gestão democrática da escola. Na LDB, o Art. 12 estabelece a importância da família e da comunidade:

Os estabelecimentos de ensino (...) terão a incumbência de:

I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;

VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

VII - informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como a execução de sua proposta pedagógica.

Contraditoriamente, temos o Art. 14 do ECA, no qual consta:

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

A participação da comunidade gera autonomia e por isso a comunidade deve ter o poder de decisão. Por isso é necessário a construção de uma escola que leve em conta os interesses da comunidade. A maioria das escolas nos assentamentos são multisseriadas ou unidocentes, porém na escola estudada, as reivindicações e lutas da comunidade, conseguiram melhoria na educação e impedir a criação das salas multisseriadas, ou seja, a escola melhorou junto com as mudanças do assentamento.

Uma das principais mudanças foi à vinda de uma nova diretora que conseguiu desenvolver um trabalho consciente junto à comunidade. O primeiro passo da direção foi um convite para a reforma da escola, que ficou mais limpa e acolhedora. Desde o início convidou

os alunos para participarem das reuniões e que estabelecessem as relações (normas de convivência da escola. Envolveu a comunidade nas decisões administrativas da escola e conseguiu um número significativo de participantes, para atuarem desde festas, até em reuniões de conselho. E, principalmente, a participação dos pais fora de reuniões, acompanhando o rendimento dos filhos.

É comum encontrar pais na escola para saber a situação de seus filhos ou para participar de algum evento para melhoria da escola e até para conversar algo, que na opinião dos pais poderia melhorar a escola, segundo relatos de mães. A escola também passou a ser local importante de reuniões que discutem melhorias para a comunidade, pois segundo uma moradora, isso faz com que a escola se torne mais ainda local de convívio de todos da comunidade. Segundo o autor:

A gestão escolar conduzida pela diretora abriu espaço para a participação de diversos sujeitos da comunidade escolar. É uma decisão que melhora a qualidade da escola no sentido democrático e, por isso, também passa a ser um espaço permeado por conflitos provindos de opiniões de pessoas e grupos divergentes (BASTOS, 2006, p.106).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Hermínio Pagotto, a Gestão Democrática só existe quando a educação se dá em comunhão à construção da nossa escola do Campo.

Sem dúvida alguma, somente juntos podemos caminhar rumo a um horizonte aberto, luminoso, marcado pela esperança; juntos... podemos garantir uma educação no campo e do campo, na cidade e da cidade, para crianças, jovens, adultos e idosos com qualidade social através de uma prática transformadora e libertadora, cheia de amor e esperança. Norteiam o nosso ambiente a gestão democrática da escola, por meio de mecanismos de participação coletiva, efetiva e afetiva de toda a comunidade – Conselho de Escola, APM e Grêmios Estudantil (ARARAQUARA. 2009/2011).

A Gestão Democrática consiste na participação de todos os segmentos envolvidos no processo educacional, na discussão e tomada de decisões, seja nas relações entre a Secretaria de Educação e a rede escolar, seja nas relações entre a escola, família e a comunidade, seja ainda no âmbito da unidade escolar, em que a gestão é compartilhada entre a Direção, Conselho de Escola e unidade escola. A construção da gestão democrática nesta escola pesquisada, só foi possível após a chegada da nova diretora, que incentivou a participação da comunidade junto às decisões e compromissos da escola que

conseqüentemente, melhorou a educação e teve interferências na qualidade de vida dos assentados.

Araujo (2006) em sua tese de doutorado, fez sua pesquisa em uma escola do campo num assentamento no município de Araraquara entrevistando professores desta escola. Buscou conhecer a origem de cada professor e encontrar as familiaridades que esses professores tinham com o campo. A maioria lembra de sua infância associada à vida no campo e examinou o porquê da escolha do magistério. Foram quatro professores pesquisados. Em seguida, ela faz uma análise da educação do campo no Brasil chegando à conclusão de que nunca houve um projeto de educação para o campo e, sim, apenas adaptações.

Podemos encontrar no MEC/INEP, 2007, algumas premissas no estabelecimento de ações para superar os problemas relativos à educação do campo:

I – a educação básica no meio rural deve ter por objetivo principal a oferta de uma educação de qualidade que assegure o direito do aluno ao acesso e permanência na escola;

II - a educação a ser oferecida no campo deve ter caráter universal, porém contextualizada de acordo com as especificidades do meio, na perspectiva de sua valorização cultural;

III – a educação no meio rural deve proporcionar aos alunos oportunidade de prosseguimento nos estudos, inserção no mundo do trabalho e ampliação dos padrões de cidadania da população rural.

Araujo (2009) analisa também os problemas enfrentados pela docência, fazendo algumas reflexões sobre questões próprias da docência e mostrando os problemas encontrados na docência no campo e suas especificidades, como relata esse professor entrevistado:

Tem HTPC⁴ e a secretaria de educação oferece alguns cursos. Mas não especificamente pro campo. Oferece alguns cursos, mas, não pro campo. Eu falo assim que a gente que tem que entrar na internet procurar, alguns simpósios. Alguma coisa pra ir nos orientando, alguns artigos. A gente está buscando saber, está mais atualizado nesse sentido. Mais aí eu falo que falta porque a necessidade até mesmo da gente pegar outras escolas. A minha formação não é para isso e para o governo você vai assumir a identidade e além do mais que vai na questão financeira. Que a gente tem transporte, tem que estar apaixonado para estar aqui mesmo. Por que esse não vai acordar quatro e meia da manhã para estar vindo para cá? Tem que ser apaixonado (Fala do professor entrevistado, Araujo, 2009, p. 124).

⁴ HTPC – Horário Trabalhado de Planejamento Coletivo.

A autora mostra ainda, que a escola do campo é uma arena do jogo político, pois historicamente há o confronto entre os ideais dos sujeitos do campo que tentam torná-la real e a classe dominante e ruralista que a vê como direito de passível dominação, ou seja, a educação do campo é sempre uma adaptação à realidade do campo e nunca uma educação projetada para o campo. “Com isso, adéquam a docência para a escola do campo, mas a não cooptação de uma clara postura política pode impedir que ela seja para o campo de forma a projetá-lo mais amplamente” (ARAUJO, 2009, p. 133).

Desta forma, concluimos que:

A solidão dos grupos de professores do campo nesta trajetória os leva a desconhecer o quão profundas e valiosas são as histórias dessa caminhada. A ausência de intervenções de formação, de reconhecimento e valorização junto a esses profissionais concorre para mantê-los ocultos nas escolas do campo entre mosaicos de plantações, estradas e terra, usinas e lotes (ARAUJO, 2009, p. 136).

Pensando em uma escola do campo, em um assentamento rural agraciado pela beleza da natureza, Silva (2011) em sua pesquisa, fez uma análise da educação ambiental e da formação ambiental como base no ecoletramento na formação do aluno.

Estudou um 5º ano de uma escola do campo num assentamento de Araraquara. Estudou o Projeto político Pedagógico, o Plano de Ensino e o Diário de classe, tendo como objetivo identificar como se processa a formação ambiental nessa escola.

Os objetivos específicos deste trabalho são: Olhar a Escola do Campo quanto à sua proposta de formação ambiental, analisando seus documentos e estabelecer e aproximar o ecoletramento da formação ambiental, enquanto aspecto da educação ambiental.

O que seria letramento, segundo Orr:

Para ser ecologicamente alfabetizada uma pessoa precisa ter no mínimo conhecimentos básicos de ecologia humana e dos conceitos de sustentabilidade, bem como dos meios necessários para a solução de problemas. Levada a sua conclusão lógica, a meta de alfabetizar ecologicamente todos os nossos estudantes resgataria a idéia de que a educação é antes e acima de tudo uma ampla troca envolvendo aspectos técnicos, não apenas um conhecimento técnico... E, no nosso tempo, a grande questão é como viver à luz da verdade ecológica de que somos uma parte inextricável da comunidade da vida, una e indivisível (ORR, 2006 apud SILVA, 2011, p. 51).

Segundo o autor, a grande missão e desafio desse século é promover a consciência ambiental, ou seja, uma educação para a formação ecológica, os ecoletrados, para que se consiga uma sociedade sustentável. Isto é, envolve um sentimento de pertencimento ao lugar.

Num ambiente propício que envolve o meio rural, é possível formar o sujeito ecológico ou ecoletrado, que “possui um senso de lugar, pertencimento e compreende as relações ecossistêmicas que estabelece consigo mesmo (sujeito ecológico) com a natureza e com o contexto social, cultural, local, regional e global” (Silva, 2011).

A educação para o campo, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola estudada, tem a intenção de preparar o sujeito para o campo, “sujeitos ecológicos letrados”, uma conquista “da vida que brota e dá sentido, advinda de suas raízes da terra”.

A educação do campo tem-se constituído a partir das reflexões feitas pelos sujeitos envolvidos com a vida do campo, nas mais variadas práticas estabelecidas [...] que integram a articulação por uma educação do campo [...] Isso significa ter a educação como estratégia de ação direta da libertação dos sujeitos, podendo, assim, obter avanços concretos na formação dos seres humanos, para que estes sejam capazes de ultrapassar as barreiras da desigualdade, forjando uma nova sociedade (DANSA, 2008 apud SILVA, 2011, P. 132).

Capítulo 2 - O UNIVERSO DA PESQUISA: ESPAÇOS INVESTIGADOS E LUGARES DO PROJETO ESCOLA DO CAMPO



Figura 3: Agrovila do assentamento Bela Vista
Fonte: NUPEDOR, 2010.

Atualmente o assentamento conta com 233 lotes, cerca de 257 famílias (aproximadamente 862 moradores) provenientes de várias cidades do Estado de São Paulo e de outros estados, além dos/as agregados/as.

A administração desta área de Assentamento é do Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária – INCRA – juntamente com o Instituto de Terras do Estado de São Paulo – ITESP – órgão vinculado à Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania que presta a assistência técnica às famílias.

A economia local constitui-se quase na sua maioria pela agricultura e pecuária de subsistência, além das pequenas plantações de diversas culturas como arroz, milho, feijão, mandioca, soja e hortaliças.

Hoje em dia, o assentamento conta com uma infra-estrutura muito boa. O lugar tem um campo de futebol, mais de 200 casas de alvenaria, posto de saúde, uma escola de boa

qualidade, igrejas de várias religiões e um casarão, que os moradores lutam por sua reforma. Segundo Ferrante (2008), a trajetória histórica da população hoje assentada, bem como de seu principal mediador político (o movimento sindical dos assalariados rurais), repõe resistências e acomodações específicas frente à integração dos assentados no sistema produtivo sucroalcooleiro, que se relacionam com o tempo anterior, de assalariamento. Os dilemas da inserção regional desses projetos de assentamento não se referem apenas à trajetória das famílias – um retrato das contradições da modernização agrícola da região - ou à participação no mercado que esses produtores assentados têm ou almejam ter. Ainda hoje, tanto a colheita de laranja como a de cana são formas de assalariamento temporário às quais os assentados recorrem.

Contudo, o Assentamento Bela Vista tem, inerente à sua estrutura, uma economia baseada na agricultura familiar. Sua população é composta na maior parte por ex-bóias frias e meeiros de diferentes regiões. Estes vivenciaram recentes conflitos e constantes pressões, no que diz respeito à desocupação de lotes (2005-2007), por parte do INCRA e da polícia. Algumas famílias, sem alternativas, impossibilitadas de realizar empréstimos para diversificar as culturas, optaram pela monocultura da cana, em razão do interesse das usinas de cana de açúcar e pela alta rentabilidade que esta cultura representa no momento. Desta forma, descumpriram alguns acordos de cessão das terras sendo por isso, despejadas retornando ao seu estado anterior de “sem terras” e desta vez também de “sem-tetos”.

A trajetória dessas experiências de assentamentos não se diferencia muito das demais, sobretudo no Estado de São Paulo, no tocante à ação dos órgãos públicos responsáveis pelos projetos. A falta de planejamento, a desorganização de um cronograma racional de investimentos e o esvaziamento cíclico da estrutura de assistência técnica acaba por prejudicar em muito o desenvolvimento econômico dos produtores assentados. Conflitos entre assentados ligados a distintas direções políticas, expressos em protestos contra os órgãos técnicos, conflitos que tiveram interferência nas experiências frustradas de cooperativas e de associações reavivados por muitas disputas internas fazem parte desta trajetória. Em comparação com inúmeros outros projetos, tanto sob responsabilidade do governo estadual quanto do governo federal, a característica mais marcante desses assentamentos é justamente sua inserção territorial numa região de agricultura modernizada, praticamente monopolizada pelas culturas da cana-de-açúcar e de citros. A maior parte das terras agricultáveis da região está cultivada com cana - cuja extensão chega, no município de Araraquara, há cerca de 32 mil hectares – e cuja cadeia de produção constitui o maior complexo agroindustrial da região (FENG; FERRANTE, 2008, p. 197).

2.1 Resgate histórico do Assentamento Bela Vista do Chibarro



Figura 4: Mapa do estado de São Paulo com os principais centros urbanos, em destaque, a cidade de Araraquara.

Fonte: SEMPRETOPS, 2011.

Em 1807, Pedro José Neto e seus filhos vieram de Minas Gerais, se embrenharam nas matas onde hoje é está localizado São Carlos, e após de percorrê-las por muito tempo, fixaram-se no local aonde viria se formar a cidade de Araraquara.

Araraquara fica a 270 km de SP e possui alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Teve um imenso desenvolvimento por volta de 1850 com a chegada da ferrovia e do café. Após a crise do café a cidade passou a produzir cana-de-açúcar que é ainda hoje um dos principais produtos agrícolas do município. O Assentamento Bela Vista era a antiga Fazenda Bela Vista, que pertencia ao Coronel Francisco Pinto Ferraz, que residia no “casarão”, que hoje se encontra totalmente degradado. Porém, os moradores têm um projeto de restaurar o antigo casarão e transformá-lo no Museu do Trabalhador Rural, evitando a perda da memória histórica local.

O assentamento era localizado em uma região dedicada à produção cafeeira e a fazenda Bela Vista utilizava a mão de obra escrava. Mas com a crise do café em 1920, o excessivo aumento da produção sucedido pela queda das exportações, a fazenda viu-se endividada e o achatamento dos negócios provocou a sua ruína e falência, como também de muitas outras fazendas que se encontravam na mesma situação. Em 1937, a Fazenda Bela Vista foi vendida, e tornou-se a antiga refinaria de açúcar, conhecida como Usina Tamoio.

O assentamento “Bela Vista” teve como marco a Usina Tamoio, sendo que com essa força econômica surgiram as seções onde a Família Morganti imperou por mais de 78 anos. Depois de altos e baixos, esse império passou para as mãos do Grupo Silva Gordo que dirigiu a Usina por 26 anos. Dos 13,5 mil hectares esse grupo foi vendendo as terras para poder saldar suas dívidas e só restaram 7,2 mil hectares.

Após a crise que afetou todo o setor açucareiro na década de 60, algumas usinas começaram a entrar em decadência, como foi o caso da Usina Tamoio. Em julho de 1980 ela fez um empréstimo junto à Caixa Econômica Estadual e como o pagamento desta dívida não foi efetuado, a área passou para o domínio deste banco e a Usina Tamoio decretou falência em 1983. Em seguida, o pequeno império da Usina foi comprado pelo Grupo Corona, que tentou resgatar o movimento dos tempos passados.

Por causa disso, poucas famílias permaneceram na sede da usina, pois não tinham preparo para executar outro tipo de trabalho e muitas famílias migraram para as cidades onde se tornaram trabalhadores assalariados.

Depois de muitas revoltas, em 13 de abril de 1989, ocorre a desapropriação da Fazenda Bela Vista e o INCRA – Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária – oficializou a desapropriação dessas terras de acordo com a lei que possibilitava que áreas ociosas fossem aproveitadas para fins sociais. A fazenda foi dividida em 176 lotes, sendo duas áreas de proteção ambiental formando o assentamento, que foram distribuídos para as famílias através da Portaria INCRA/P 661/90 DE 24/07/1990.

É importante destacar ainda, o papel do Sindicato dos Empregados Rurais de Araraquara, hoje, FERAESP (Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo), que foi o mediador da luta pela reforma agrária nesta região.

Gradativamente, ocorre uma recuperação do Assentamento, com políticas de infra-estrutura e famílias passam a controlar o próprio lote. E aos poucos, a fazenda vai se organizando internamente e com a união das famílias consegue-se transporte, educação, igreja, posto de saúde.

Não houve, entretanto, em momento algum a preocupação com a preservação do local que por si só constituía um importante registro histórico do período cafeeiro. Muitas construções se perderam, pois os moradores dessa época estavam preocupados apenas com sua sobrevivência, perdendo dados históricos importantes.

2.2 A escola em questão

2.2.1 Conhecendo a Escola de Campo “Herminio Pagotto”



Figura 5: EMEF do Campo “Prof. Herminio Pagotto”
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A escola de campo pesquisada é o antigo prédio do Grupo Escolar Pedro Morganti que foi construído em meados da década de 40, na seção Bela Vista da usina Tamoio, localizada próximo à cidade de Araraquara. O dono desta fazenda, Pedro Morganti, patrono da escola, era também o dono da usina. O financiamento da construção desta escola foi da família Morganti.

O Grupo Escolar foi instituído em abril de 1942 e era vinculado à Delegacia Regional de Ensino Básico de Araraquara, pertencente à Divisão Regional de Ribeirão Preto, sob a coordenação da antiga Secretaria dos Negócios da Educação e da Saúde Pública do Estado de São Paulo. Em 1970, ficou sob a coordenação da Secretaria de Educação do Estado, pela Coordenadoria do Ensino Básico e Normal.

A princípio, a escola teve o nome de “Grupo Escolar Comendador Pedro Morgante” e atendia educando/as do ensino primário. Em 1975 passou a se chamar “Primeira Escola Mista da Secção Bela Vista”. Em 1977, muda novamente e passa a se chamar “Escola Estadual de Primeiro Grau (Isolada) Secção Bela Vista – Tamoio”. Em 1988 muda para “EEPG da Fazenda Bela Vista”. Em 1994 passa a ser chamada “EEPG Prof. Hermínio Pagotto. No ano de 1999 sofre nova alteração e passa a ser chamada “EE Prof. Herminio Pagotto”. Com a municipalização em 2002, houve um grande salto qualitativo da educação no assentamento, tanto na parte física como pedagógica passando a ser denominada “EMEF Hermínio Pagotto”. Atualmente é chamada de “EMEF do Campo Prof. Hermínio Pagotto”.

Trata-se de uma escola municipal do 1º ao 9º ano do ensino fundamental existente dentro do assentamento promovido pelo governo federal (INCRA) no município de Araraquara/SP: O projeto do Assentamento Bela Vista do Chibarro. A mobilização que levou à sua instalação (da escola) acaba sendo emblemática da luta dos trabalhadores rurais nas terras dos canaviais (FERRANTE, 1992). O assentamento tem 211 lotes agrícolas e o mesmo número de famílias⁵.

Podemos ver em Caldart (2003), a luta e a preocupação do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) em relação à escola:

O processo da luta pela terra é que aos poucos foi mostrando que uma coisa tem a ver com a outra. Especialmente quando começaram a se multiplicar os desafios dos assentamentos, ficou mais fácil de perceber que a escola poderia ajudar nisso, desde que ela fosse diferente daquela de triste lembrança para muitas famílias. Hoje já parece mais claro que *uma escola não move um assentamento, mas um assentamento também não se move sem a escola*, porque ele somente se move, no sentido de que vai sendo construído como um lugar de novas relações sociais, de uma vida mais digna, se todas as suas partes ou dimensões se moverem junto. E a escola, à medida que se ocupa e ocupa grande parte do tempo de vida especialmente da infância Sem Terra, se não se move junto, é de fato um freio no processo mais amplo. Sem ela não se constrói uma das bases culturais decisivas às mudanças sociais pretendidas pelo MST (CALDART, 2003, p. 65).

Sabemos que quando a aprendizagem do aluno é significativa, se dá com maior facilidade e se consolida no decorrer da sua trajetória. Piaget reconheceu a importância dos fatores sociais no desenvolvimento intelectual do educando, apresentando a interação entre o indivíduo e o meio através da organização interna das experiências e adaptação ao meio em que vive.

⁵ Encontramos no banco de dados do NUPEDOR inúmeros elementos da caracterização e das mudanças que vêm ocorrendo no Assentamento Bela Vista do Chibarro.

Desta forma, acredita-se que a construção do conhecimento é um trabalho contínuo e apoiado ao conhecimento prévio que o aluno possui para facilitar e consolidar a aprendizagem. Sendo assim, Piaget nos fornece vários elementos teóricos que comprovam os equívocos entre o Método Sesi e o Projeto Escola do Campo:

A ação humana consiste neste movimento contínuo e perpétuo de reajustamento ou de equilibração. É por isto que, nas fases de construção inicial, se pode considerar as estruturas mentais sucessivas que produzem o desenvolvimento como formas de equilíbrio, onde cada uma constitui um progresso sobre as precedentes [...] Os interesses de uma criança dependem, portanto, a cada momento do conjunto de suas noções adquiridas e de suas disposições afetivas, já que estas tendem a completá-los em sentido de melhor equilíbrio (PIAGET, 1967, p.14).

Por isso há a preocupação de uma pedagogia que valorize a sabedoria e a beleza da cultura acumulada dos que trabalham na terra e não somente tornar sua aprendizagem um conteúdo específico e sim que seja uma Educação do Campo significativa (WHITAKER, 2000).

Piaget concebe o conhecimento como uma construção contínua do saber... E defende a idéia de que, em nenhum momento, o conhecimento está pronto ou acabado, mas sempre em construção, graças às interações do indivíduo com o meio físico e social [...] Todo novo conhecimento se liga de alguma forma a estruturas cognitivas previamente desenvolvidas. Entretanto, essa ligação não ocorre passivamente, ou numa simples passagem de fora para dentro, mas sim num processo de reconstituição interna do que está sendo conhecido (MOREIRA, 1999, p. 156).

O Projeto Escola do Campo, tenta facilitar a aprendizagem dos alunos que vivem no campo, demonstrando que a importância do conteúdo utilizado pela escola deve partir de sua realidade.

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que se impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. Um dos equívocos de uma concepção ingênua do humanismo está em que, na ânsia de corporificar um modelo ideal de “bom homem”, se esquece da situação concreta, existencial, presente, dos homens mesmos.” [...] “ Simplesmente, não podemos chegar aos operários, urbanos ou camponeses, estes, de modo geral, imersos num contexto colonial quase umbilicalmente ligados ao mundo da natureza de que se sentem mais partes que transformadores, para, à maneira da concepção “bancária”, entregar-lhes “conhecimento” ou impor-lhes um

modelo de bom homem, contido no programa cujo conteúdo nós mesmos organizamos (FREIRE, 2005, p. 97).

Ainda segundo Freire (2005), é importante a preocupação com os temas geradores do qual os alunos apropriam o conhecimento:

Este é um esforço que cabe realizar, não apenas na metodologia da investigação temática que advogamos, mas, também, na educação problematizadora que defendemos. O esforço de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes. Desta maneira, as dimensões significativas que, por sua vez, estão constituídas e partes em interação, ao serem analisadas, devem ser percebidas pelos indivíduos como dimensões da totalidade. Deste modo, a análise crítica de uma dimensão significativo-existencial possibilita aos indivíduos uma nova postura, também crítica, em face das “situações-limites”. A captação e a compreensão da realidade se refazem, ganhando um nível que até então não tinham. Os homens tendem a perceber que sua compreensão e que a “razão” da realidade não estão fora dela, como, por sua vez, ela não se encontra deles dicotomizada, como se fosse um mundo à parte, misterioso e estranho, que os esmagasse. Neste sentido é que a investigação do tema gerador, que se encontra contido no “universo temático mínimo” (os temas geradores em interação), se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo (FREIRE, 2005, p.111-112).

2.2.2 O projeto escola do campo na escola do campo “Prof. Hermínio Pagotto”



Figura 6: Desenho de uma escola do campo
 Fonte: NUPEDOR, 2010.

Encontramos no Projeto Político Pedagógico da Escola do Campo “Prof. Hermínio Pagotto” (2011/2013), os seguintes itens:

2.2.3 Finalidades e objetivos da Escola do Campo “Prof. Hermínio Pagotto”

O Projeto Educação do Campo foi instaurado em 2004 pela Prefeitura Municipal de Araraquara e é desenvolvido nas três escolas da zona rural. Tem como proposta pedagógica ao aluno do campo, estimular, evitar problemas como abandono, reduzir os altos índices de repetência e diminuir os choques culturais. Essa proposta educativa segue diversos princípios que abrangem a formação do sujeito através de projetos de emancipação humana, valorização de diversos saberes no processo educativo e o respeito perante os espaços e tempos de formação dos sujeitos da aprendizagem, considerando com isso, uma estratégia possível de desenvolvimento sustentável.

A escola Hermínio Pagotto tem por finalidades e objetivos a formação básica do cidadão através da “construção“ de um novo homem e de uma nova mulher, a produção coletiva da terra e o resgate da cultura do campo. Norteiam a Escola do Campo a gestão

democrática da escola, através de seus mecanismos de participação coletiva de toda a comunidade, a democratização do acesso, através de educadores comprometidos em atender às especificidades dos educandos da zona rural e à partilha da qualidade social da educação entre todos, a partir de conteúdos que sejam significativos.

Os membros da equipe escolar buscam desenvolver uma educação de qualidade social através da formação dos educandos para uma cidadania ativa e para o desenvolvimento pleno do ser humano. Atende alunos do Ensino Fundamental, através dos ciclos de formação, com duração de nove anos, iniciando aos 6 anos e, comportando três ciclos de 3 anos, mantida pelo poder público municipal, visa de forma integrada a formação básica do cidadão, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, mediante:

- Organização de uma Escola voltada para atender os educandos do campo, da área rural e dos assentamentos resultantes da Reforma agrária;
- Universalização do acesso, regresso e permanência com sucesso da população rural na Educação Básica;
- Instrumentalização do educando com as concepções do processo permanente de escolha e luta e, de trabalho produtivo e coletivo da terra;
- Democratização das oportunidades de permanência, com sucesso, do homem e da mulher do campo;
- A construção do novo;
- O desenvolvimento do educando, assegurando-lhe a formação comum, indispensável para o exercício da cidadania através de meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (preparo para o trabalho intelectual e manual, a partir da prática);
- O desenvolvimento da capacidade de aprender através do pleno domínio da leitura, interpretação, escrita, cálculo e transformação da realidade;
- A compreensão do ambiente natural, cultural e social do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade (realidade local e geral);
- O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem visando à aquisição de conhecimentos, habilidades e a formação de atitudes e valores (preocupação com a pessoa integral);
- Fortalecimento dos vínculos de família, dos princípios de liberdade e solidariedade humana em que se assenta a sociedade;

- Nossa contribuição, para que a interação e a convivência do educando na sociedade seja marcada pelos valores de solidariedade, liberdade, cooperação e respeito;
- A criação de um espaço de expressão forte da realidade em que vive o educando, que será retratada de maneira viva, criativa e atrativa. A história da organização e da luta dos trabalhadores, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios do educando, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva dos pais, para qual a sua história (trajetória) junto à família, vão aprendendo a amar e a lutar com paixão e admiração por tudo o que foi e que e conquistado coletivamente (geração de sujeitos da história).

No começo os sem-terra acreditavam que se organizar para lutar por escola era apenas mais uma de suas lutas por direitos sociais; direitos de que estavam sendo excluídos pela sua própria condição de trabalhador *sem (a) terra*. Logo foram percebendo que se tratava de algo mais complexo. Primeiro porque havia (como há até hoje) muitas outras famílias trabalhadoras do campo e da cidade que também não tinham acesso a este direito. Segundo, e igualmente grave, se deram conta de que somente teriam lugar na escola se buscassem transformá-la. Foram descobrindo, aos poucos, que as escolas tradicionais não têm lugar para sujeitos como os sem-terra, assim como não costumam ter lugar para outros sujeitos do campo, ou porque sua estrutura formal não permite o seu ingresso, ou porque sua pedagogia desrespeita ou desconhece sua realidade, seus saberes, sua forma de aprender e de ensinar (CALDART, 2003, p. 62-63).

2.2.4 Princípios da Escola do Campo “Hermínio Pagotto”

Segundo a análise documental do Projeto Político Pedagógico da Escola do Campo “Prof. Hermínio Pagotto”, encontramos a seguinte proposta:

- I – Qualidade Social da Educação
- II – Inserção num Contexto Global
- III – Educação voltada para a valorização da cultura de trabalho no campo (teoria e prática)
- IV – Democratização do Acesso ao Conhecimento
- V – Gestão Democrática – participação da comunidade na tomada de decisões

VI – Espaços e tempos alternativos de educação

VII – Construção de um novo homem e de uma nova mulher a partir do resgate da sua identidade

VIII – Resistência e luta do homem e da mulher no campo

IX – Integração e interação com o meio ambiente ecológico

X – Concepção de que a história é construída pelas lutas sociais

Tais concepções e princípios serão retomados no capítulo quarto, quando é feita uma análise comparativa deste projeto com os pressupostos do método Sesi.

Capítulo 3 - O MÉTODO SESI: MUITOS TEXTOS... TANTAS PALAVRAS E A REALIDADE DO CAMPO?

A Educação do SESI-SP, segundo pesquisado no Plano Estratégico do Sesi (SESI, 2007-2011), busca oferecer, desde o final da década de 1940, uma Educação Básica que contribua na formação integral dos beneficiários da indústria e seus dependentes legais, visando à melhoria da qualidade de ensino, mediante opção estratégica de investimentos na formação continuada de seus profissionais e utilização de recursos tecnológicos.

Ainda no Plano Estratégico do Sesi, a Rede Escolar SESI-SP é uma das maiores redes particulares de ensino, composta por 180 unidades escolares, localizadas em 109 municípios paulistas com atendimento superior a 170.000 alunos. Todos os atos escolares praticados pelas Escolas da Rede de Ensino SESI/SP são orientados e supervisionados pela Divisão de Educação que possui Supervisão de Ensino própria concedida pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Porém, não foi encontrado no material estudado, nenhum contexto ou conteúdo que se remetesse à escola do campo.

Neste capítulo será analisado o material do aluno e do professor do Método Sesi de Ensino do 6º ano.

3.1 Estruturação do material do Sistema Sesi de Ensino

As capas de todos os livros que compõem a coleção do material do Sistema Sesi de Ensino, são de cor alaranjada. O que identifica o ano da série é a cor da tarja na capa.

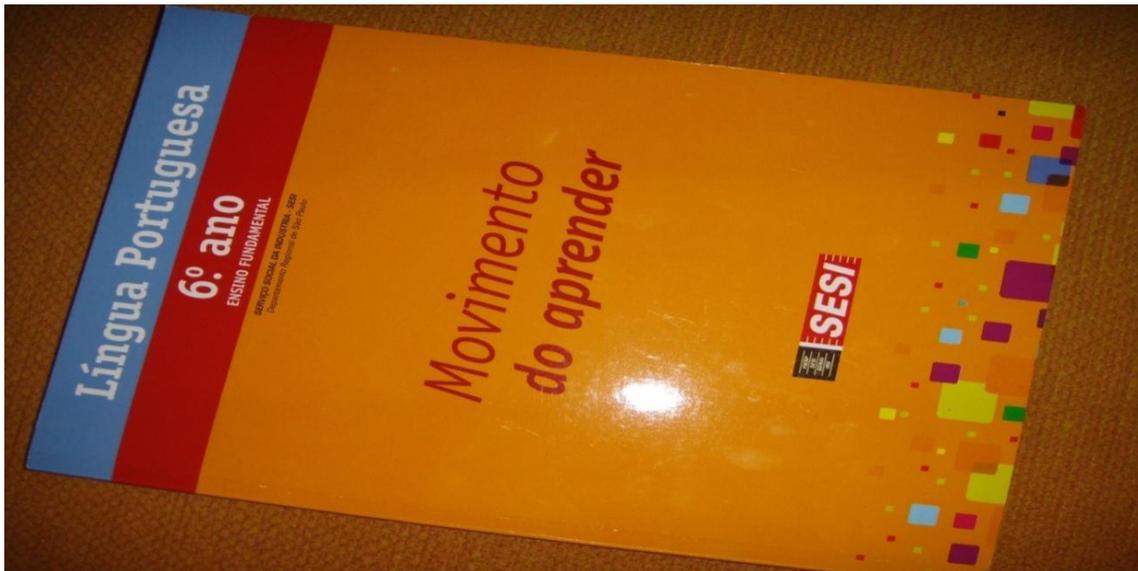


Figura 7: Livro Didático Língua Portuguesa Sesi
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Cada aluno recebe um conjunto de oito livros, sete com o título “Movimento do aprender”, sendo cada livro referente a uma disciplina: Língua Portuguesa, Arte, História, Geografia, Matemática, Inglês e Ciências. E ainda, o livro-texto “Muitos textos... Tantas palavras” que contém uma seleção de diferentes textos contemplando todas as áreas do conhecimento.

O docente recebe o material do professor, o “Fazer pedagógico” que está organizado em fichário, contendo orientações para as atividades do livro do aluno em todas as disciplinas. As orientações para o uso do livro do professor e livro do aluno estão discriminadas nas subseções seguintes.

3.1.1 Livro do professor – Fazer pedagógico

As orientações para os professores sobre o uso do material didático e para nortear a ação docente no planejamento de situações diversas de aprendizagem, são encontradas no “Fazer pedagógico”, que é o manual do professor do material do Sistema Sesi de Ensino. Neste material do professor, encontramos os seguintes itens:

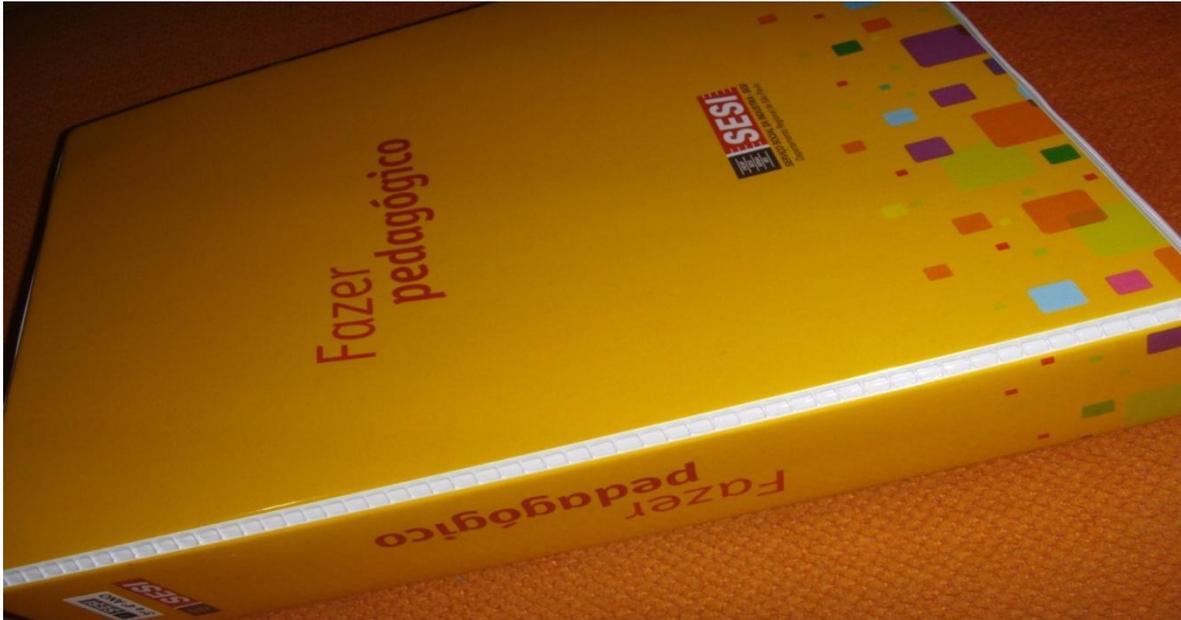


Figura 8: Fazer Pedagógico SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

- **Expectativas de ensino e aprendizagem**

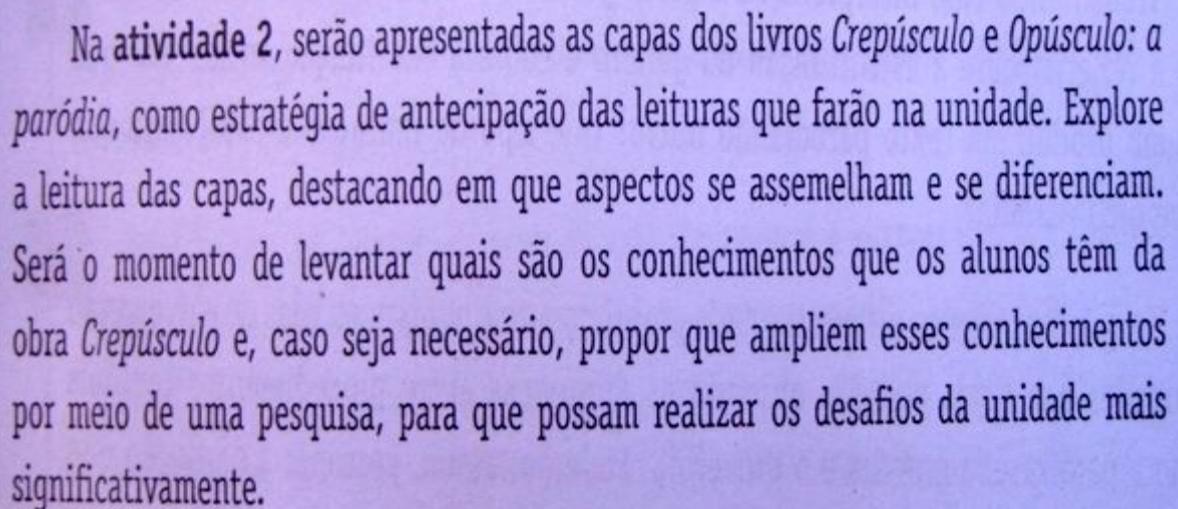
Este ítem, explicita a ação do professor e do educando, estabelecendo o vínculo no processo de ensino e aprendizagem e possibilitando a intencionalidade do fazer pedagógico. Nessa seção, o professor encontrará as habilidades e as competências que poderão ser desenvolvidas a partir das unidades significativas de cada área. Um exemplo é que, nas diversas áreas, o aluno deve opinar sobre o texto lido, tendo como referência citações do próprio texto; localizar informações contidas no texto lido, explicando-as; criar textos e encenar com o grupo; pesquisar, conhecer e apreciar obras musicais e diversos gêneros, estilos, épocas e culturas. E apresenta ainda, lista de expectativas de ensino e aprendizagem contempladas em cada unidade⁶.

Nosso mestre da Educação Popular, Paulo Freire, nos disse em suas reflexões sobre a *pedagogia do oprimido*: a escola não transforma a realidade mas pode ajudar a formar os sujeitos capazes de fazer a transformação, da sociedade, do mundo, de si mesmos... Se não conseguirmos envolver a escola no movimento de

⁶ Existe uma lista de “Expectativas de ensino e aprendizagem” com os objetivos a serem alcançados em cada área do conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Artes, Língua Inglesa e Educação Física), Ciências Humanas e suas Tecnologias (História e Geografia) e Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias (Ciências e Matemática).

transformação do campo, ele certamente será incompleto, porque indicará que muitas pessoas ficaram fora dele (CALDART, 2003, p. 64).

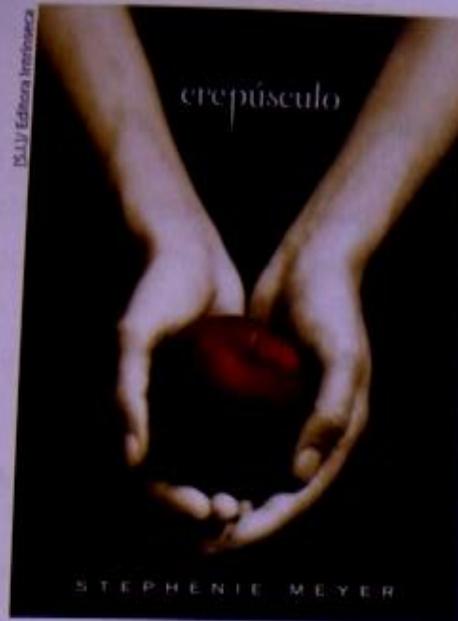
Na figura 9, encontramos uma atividade típica do material. Percebe-se a diversidade de orientações e sugestões que podem ser realizadas nas diferentes atividades, porém os textos apresentados pelo material em nenhum momento são baseados na vida do campo. O que dificulta a compreensão e desenvolvimento das atividades que os alunos realizam no livro e põe em questão a validade de sua aplicação, sem mediações, no meio rural.



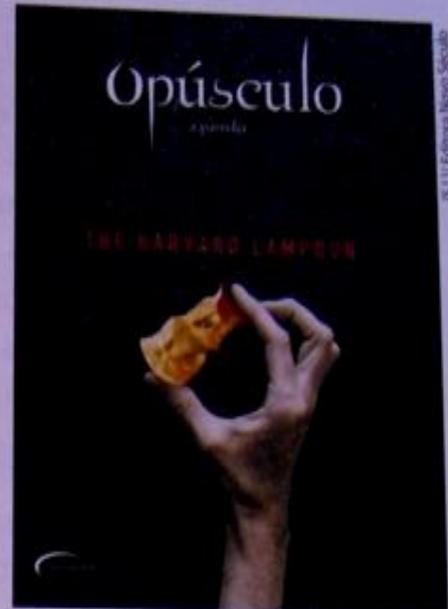
Na atividade 2, serão apresentadas as capas dos livros *Crepúsculo* e *Opúsculo: a paródia*, como estratégia de antecipação das leituras que farão na unidade. Explore a leitura das capas, destacando em que aspectos se assemelham e se diferenciam. Será o momento de levantar quais são os conhecimentos que os alunos têm da obra *Crepúsculo* e, caso seja necessário, propor que ampliem esses conhecimentos por meio de uma pesquisa, para que possam realizar os desafios da unidade mais significativamente.

Figura 9: Livro Didático Língua Portuguesa SESI
Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

2 Observe as capas dos livros e depois responda às questões.



Capa do livro *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, Editora Intrínseca, 2005.



Capa do livro *Opúsculo: a paródia*, da revista satírica *The Harvard Lampoon*, Editora Novo Século, 2010.

- O que as capas têm em comum? E o que têm de diferente?
- Você já leu o livro *Crepúsculo*? Essa obra disputa o lugar de maior fenômeno editorial de ficção da década. Registre o que você sabe sobre:
 - as personagens;
 - o enredo;
 - o tempo – quando acontece a história;
 - o espaço – onde se passam os acontecimentos.
- Qual é a relação entre o título da obra *Crepúsculo* e o seu enredo?

Figura 10: Livro Didático Língua Portuguesa SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

- **Diálogo com o professor**

O item, “Diálogo com o professor”, apresenta o referencial teórico da unidade e o encaminhamento metodológico que o professor deve seguir, ou seja, detalha os pressupostos pedagógicos que nortearão cada atividade proposta no livro do aluno. Ele dá uma pincelada sobre o tema, mas bem simplificada sobre o assunto e segundo os professores, “não é suficiente para que detenha conhecimento sobre o assunto proposto, tendo o professor que recorrer a pesquisas diárias, trazendo insegurança para ensinar ao aluno algo que acabaram de conhecer e não tendo certeza se o que estão ensinando é correto. Como os exercícios não têm respostas e os professores acabaram de conhecer o assunto, a todo momento não há certeza se a resposta que está transmitindo ao aluno é correta, necessitando fazer constantemente pesquisas rápidas na internet e ao encontrarem diferentes conteúdos ou diferentes dados sobre determinado tema, não têm certeza sobre se está ensinando e corrigindo os exercícios propostos corretamente.

Este item também traz como orientação para cada atividade do livro do aluno, como iniciar e prosseguir a atividade; o que fazer durante a atividade; o que a atividade desenvolve no aprendizado do aluno e qual a finalidade dessa atividade. Como podemos ver na figura 9, porém as sugestões para a realização das atividades são muito distantes da realidade dos alunos, tendo o professor que constantemente, adequar as atividades do material do Sesi à realidade dos alunos.

- **Aprendendo com a comunidade: O diálogo truncado**

Sugestões de como encaminhar as atividades de extensão que vão além da sala de aula, possibilitando a interação do aluno com a comunidade e vivência do bairro em que a escola está situada, como entrevistas, pesquisas, palestras, culinária, campeonatos, etc; além de propiciar uma reflexão sobre o contexto sociocultural dos alunos. Esse item é encontrado no livro do professor, toda vez que os conteúdos trabalhados permitirem a participação da comunidade.

Envolver a comunidade faz parte da rotina das atividades desenvolvidas pelos professores da escola do campo “Profº Hermínio Pagotto”. Como vimos no discorrer dos estudos, é constante a preocupação em trazer a comunidade para junto da escola e este é um

dos motivos da escola do campo estudada ter destaque em relação às demais escolas do campo.

Esse item é importantíssimo no Projeto Escola do Campo e poderia ser trabalhados mais constantemente durante a utilização do novo material, no entanto, os temas trabalhados pelo material não permitem relação ou adaptação com o dia a dia dos alunos, facilitando o aprendizado e interesse dos alunos.

Podemos encontrar essa preocupação com a educação rural em Bezerra (1999):

Partindo do pressuposto segundo o qual a escola tradicional não corresponde às suas necessidades, o movimento (MST) reivindica uma educação de classe, com as seguintes características:

- a) Uma educação pensada, planejada e estruturada a partir dos princípios da classe trabalhadora do MST.
- b) Uma alfabetização que vá além do reconhecimento das letras, que vá além do espaço da sala de aula e que se dê nas atividades culturais, religiosas, recreativas, etc, do assentamento.
- c) A escola precisa ser um ambiente seguro, receptivo e acolhedor para que a criança se sinta feliz para poder expressar afetividade, sonhos, desejos, fantasias, etc., desenvolvendo-se com liberdade.
- d) A escola deve ser planejada como um todo, com a participação de alunos, pais, professores, etc., visando atender a todos. (BEZERRA, 1999, p. 76).

▪ Avançar

Apresenta sugestões de atividades que possam ir além do que contemple o que foi proposto no livro do aluno, norteadas pela ação docente no planejamento de situações diversas de aprendizagem.

Essas sugestões são em forma de perguntas ou idéias sobre como prosseguir o assunto estudado, como por exemplo, ilustrações, pesquisa, atividades em grupo, apresentações, jogos, etc.

Não foi encontrado no material, nenhuma sugestão ou possibilidade de adaptação do material para o aluno da escola rural.

- **Saiba um pouco mais...**

Oferece sugestões de textos, livros, *sites*, *links*, filmes, documentários, vídeos, etc, com o objetivo de proporcionar ao professor possibilidades que ampliem a aprendizagem do aluno a partir do que foi trabalhado em sala de aula. Porém, não existem citações de sugestões que possam ser trabalhada com o aluno do campo.

3.1.2 Livro do aluno

Segundo a proposta do Método Sesi, o livro do aluno é elaborado com atividades desafiadoras. Encontra-se organizado de forma a provocar o diálogo, a reflexão, o debate e a exposição dos diferentes pontos de vista dos alunos, sempre com a mediação do professor, sem, no entanto, tirar a autonomia dos alunos (SESI/SP, 2003). Porém, como o aluno pode ter autonomia se ele desconhece ou não consegue relacionar o conteúdo aprendido às suas práticas, àquilo que está aprendendo?

Os livros são divididos em unidades, sendo que em cada unidade será trabalhado um tema. E ainda em cada unidade, encontramos as seguintes sessões:

- **Roda de conversa**

Possibilita aos alunos demonstrarem seu conhecimento prévio sobre o assunto. Por meio da oralidade, o professor diagnostica o nível de conhecimento dos alunos, determinando a profundidade com que a abordagem da unidade será trabalhada (e também, usá-lo como referencial para novas e mais profundas aquisições de conhecimento). São apresentados uma imagem e questões sobre o tema que será estudado na unidade para investigar o conhecimento prévio dos alunos sobre este tema. Podemos ver isso na figura 11, quando o professor trabalha com o ensino de Paródias.



Figura 11: Livro didático de Língua Portuguesa SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Na figura 11, encontramos as seguintes propostas: “Assista a um trecho do filme que será mostrado pelo professor. Depois, em grupo, discutam quais são as diferenças entre o texto original e o filme” e “Ainda em grupo, discutam se há algum motivo para essas diferenças existirem”.

Durante o acompanhamento das aulas, normalmente, os alunos não tinham a mínima noção nem conseguiam levantar hipóteses sobre o assunto que o livro trazia, por serem temas muito distantes da sua realidade, o que dificulta bastante o processo de aprendizagem do aluno.

Pude acompanhar a aplicação dessa aula nessa roda de conversa proposta pelo livro e quando questionados sobre os filmes “Deu a Louca na Chapeuzinho” e “Shrek”, somente alguns alunos que já moraram na cidade conheciam ou já viram algo referente a eles. O que demonstrou pouco interesse da maioria dos alunos da sala, situação explicada pelo modo de vida, cultura e valores.

Outros exemplos encontrados no material é que grande parte dos livros, filmes e obras de arte citados e trabalhados no material do Sesi, são exemplos norte-americanos, tornando ainda mais distante da realidade dos alunos, filhos de assentados.

- **Desafio**

Propõe atividades de leitura e escrita de conhecimentos contidos nas diversas áreas do currículo. Contém propostas de atividades diversificadas, sendo que sua seleção está articulada com a especificidade de cada área do conhecimento. Esse ítem pode ser “desdobrado”, termo usado no material do Sesi, em diferentes níveis de dificuldade como revisão de texto, estudo de texto, reflexão, debate, pesquisa de campo. As atividades podem ser trabalhadas associadas ou independentes do livro-texto (*Muitos textos... Tantas palavras*), mas sempre com o objetivo de desenvolver as expectativas de ensino-aprendizagem em cada área, levando-se em conta o desenvolvimento dos alunos.

Essas atividades são na maioria perguntas para serem respondidas dissertativamente e também planilhas ou quadros para serem completados com apenas uma palavra, atividades com música, leitura de imagens, etc.

Segundo os alunos, durante meu acompanhamento das aulas assistidas na escola pesquisada, essas atividades são repetitivas, cansativas e desestimulantes.

DESAFIO



1 Observe a tira abaixo e responda às questões.



WATTERSON, Bill. **O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo.** São Paulo: Conrad, 2007. p. 52.

- A resposta dada pelo pai do Calvin, no segundo quadrinho, está correta? Qual a melhor maneira de encontrar a resposta?

- A pesquisa é um recurso muito útil para o entendimento dos conhecimentos científicos. Quais são as principais fontes de pesquisa utilizadas para solucionar as questões que surgem quando observamos algo?

- Calvin observou que o gelo não afunda na água. Essa observação gerou uma pergunta. Faça uma lista de perguntas intrigantes a partir de suas observações do dia a dia.

Figura12: Livro didático de Língua Portuguesa SESI

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

6 No livro *Muitos textos... Tantas palavras*, leia *Pan Gu, o criador do Universo* e *O peixe do chifre de ouro*. Com base nesses mitos de criação do mundo, faça as atividades propostas.

- Identifique as personagens de cada mito.

- Identifique as ideias centrais de cada um dos mitos de criação.

- Registre as semelhanças e diferenças entre os dois mitos.

- Esses mitos têm proximidade com algum mito cristão? Qual? Comente.

- Explique o significado da frase "o suor transformou-se no orvalho e na chuva que alimentam todos os seres vivos do planeta" e estabeleça relação com o que você estudou sobre a história até o momento.

Figura 13: Livro didático de Língua Portuguesa SESI
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Uma grande reclamação de professores e alunos estudados é que muitos exercícios são assim, como na figura anterior, só perguntas com respostas dissertativas, que não são desafiadores para os alunos. Como podemos ver o que o aluno escreveu em sua redação⁷, que com esse material tem mais facilidade porque só precisa copiar a resposta do texto:

<i>Kauê – 12 anos – 6º ano</i>	<i>29/08/2011</i>
<i>Não gosto do material do Sesi.</i>	
<i>Agora é mais fácil fazer as coisas.</i>	
<i>O contato com a natureza facilita bastante a minha aprendizagem.</i>	
<i>Agora com o novo material eu tenho mais facilidade.</i>	
<i>Porque já tem resposta no livro. E eu só copio.</i>	

Figura14: Redação de aluno

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

- **Saiba mais**

Essa sessão tem por objetivo indicar fontes de informação que ampliam o repertório do aluno a respeito do que foi tratado em cada unidade. Isto é, estimular o aluno a buscar novos conhecimentos ou aprofundar os temas aprendidos por meio de leituras (livros, artigos científicos, reportagens, documentos históricos), filmes, *sites com atividades*, CDs, documentários, visitas a exposições, museus, laboratórios, etc.

Os exemplos vistos nas figuras seguintes, mostram como o material estudado remete constantemente a conteúdos norte-americanos:

⁷ Foi solicitado a escrita de uma redação, porém, o aluno achou mais fácil escrever como se estivesse respondendo sobre o tema.

SAIBA MAIS

Barry Trotter e a paródia cara-de-pau
 Autor: Michael E. Gerber
 Editora: Planetário

Durante anos, leitores do mundo todo ficaram maravilhados com as incríveis peripécias de Barry Trotter e seus amigos. Contadas nos livros de enorme sucesso da escritora J.G. Rollins, as batalhas de Barry contra o desagradável Lorde Vadermat transformaram o bruxinho no ídolo de milhões de jovens frouxos. Um dia Barry recebe de Calvo Dandemole, o diretor da escola, uma difícil missão: impedir que Hollywood produza um filme baseado nos livros do bruxinho. Afinal, se já é difícil manter a escola escondida dos frouxos, agora imagine se fizerem um filme contando sua localização!



Shrek, Estados Unidos, 2001.
 Direção: Andrew Adamson
 Distribuidora: DreamWorks

Animação dirigida por Andrew Adamson e Vicky Jenson, com roteiro de Ted Elliott, Terry Rossio, Joe Stillman e Roger S. H. Schulman, conta a história de Shrek, um ogro solitário, que vive em um pântano distante e vê, sem mais nem menos, sua vida ser invadida por uma série de personagens de contos de fada, como três ratos cegos, um grande e malvado lobo e ainda três porcos, que não têm um lugar onde morar.



Deu a louca na Chapeuzinho, Estados Unidos, 2005. Autores:
 Cory Edwards, Todd Edwards e Tony Leech
 Distribuidora: Europa Filmes

Animação dirigida por Cory Edwards, com roteiro dele mesmo, Todd Edwards e Tony Leech. Conta a história de policiais do mundo animal investigando um caso de distúrbio doméstico na casa de uma senhora, envolvendo sua neta, uma garota conhecida como Chapeuzinho Vermelho, um lobo aparentemente mau e um machado. A tranquilidade da vida na floresta é alterada quando um livro de receitas é roubado.



Figura 15: Livro didático de Língua Portuguesa SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Mais uma vez como citado anteriormente, a maioria dos alunos do assentamento não conhecem “Sherek”. E nesse momento, os professores têm que buscar adaptar o tema proposto à realidade dos alunos ou buscar exemplos mais próximos da realidade dos alunos do assentamento, o que nem sempre consegue. E conseqüentemente, fica esquecido o Projeto Escola do Campo.

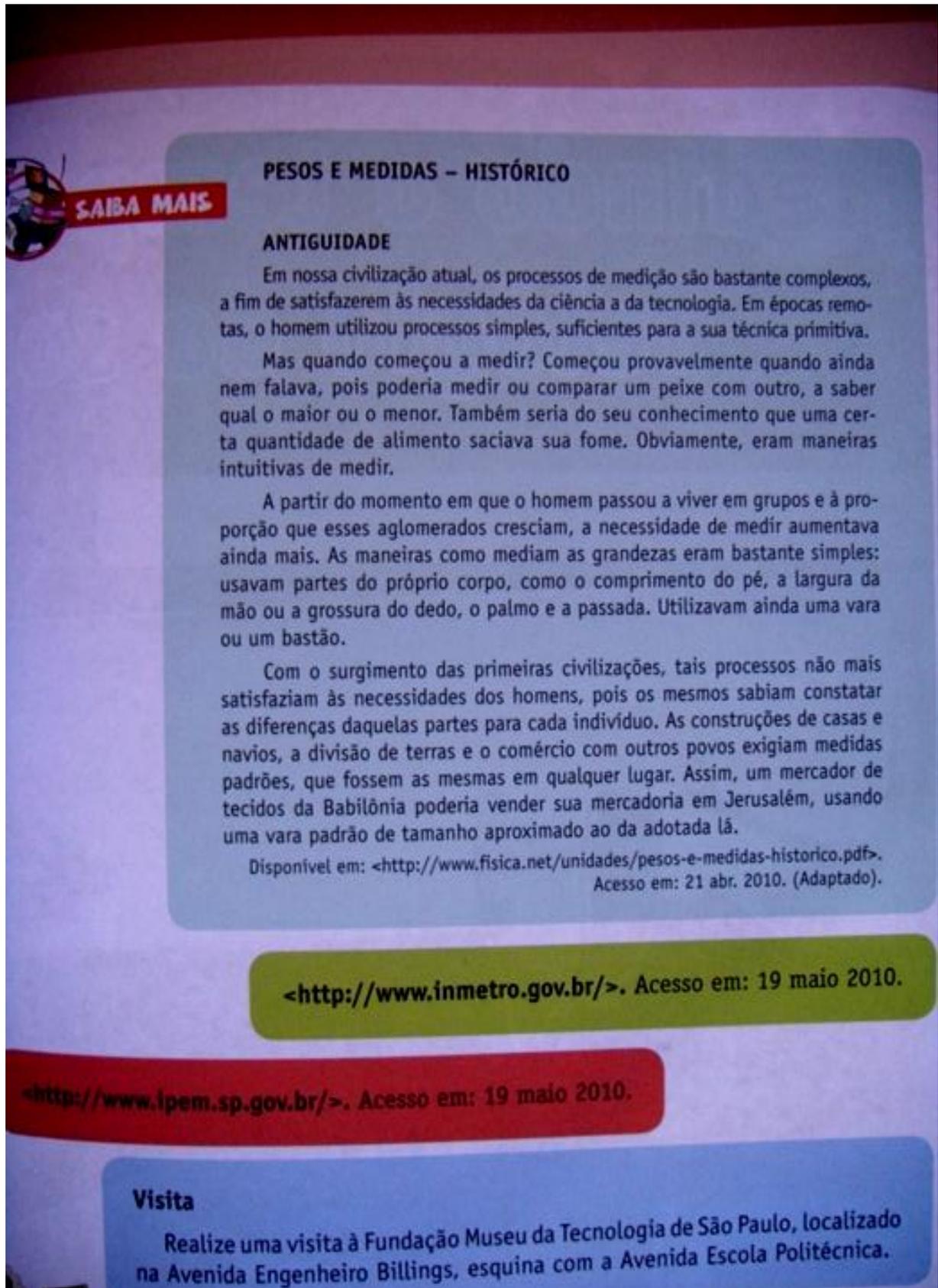
Será que essa situação não está muito distante da vivenciada pelos alunos? Será que a educação do campo merece ser uma constante adaptação a sua realidade? Para tornar a aprendizagem mais significativa, é necessário atender às necessidades e interesses dos alunos, prática enfatizada pelo Projeto Educação do Campo.

Podemos encontrar esses elementos também na colocação do grande educador Freire (2005):

Esta prática implica, por isto mesmo, que o acercamento às massas populares se faça, não para levar-lhes uma mensagem “salvadora”, em forma de conteúdo a ser depositado, mas para, em diálogo com elas, conhecer, não só a *objetividade* em que estão, mas a consciência que tenham desta objetividade; os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo *em* que e *com* quem estão. Por isto é que não podemos, a não ser ingenuamente, esperar resultados positivos de um programa, seja educativo num sentido mais técnico ou de ação política, se, desrespeitando a particular visão do mundo que tenha ou esteja tendo o povo, se constitui numa espécie de “invasão cultural”, ainda que feita com a melhor das intenções. Mas “invasão cultural” sempre (FREIRE, 2005, p. 99).

Após essas discussões, refletimos que tanto Piaget como Freire, fornecem elementos teóricos para provar os equívocos e contradições entre o Projeto Escola do Campo e Método SESI de Ensino.

Um grande problema encontrado no desenvolvimento das atividades propostas pelos livros é a prática da ampliação do conhecimento do aluno através de constantes pesquisas à internet. Pois a internet acabara de chegar há poucos dias na agrovila, não chegando ainda aos lotes, onde moram muitos alunos da escola. Dentro da escola a internet funciona normalmente, porém é necessário um rodízio das classes para o uso da sala de informática. O que não possibilita diferentes consultas à internet. Veja o que propõe o material nas figuras 16 e 17:



SAIBA MAIS

PESOS E MEDIDAS – HISTÓRICO

ANTIGUIDADE

Em nossa civilização atual, os processos de medição são bastante complexos, a fim de satisfazerem às necessidades da ciência e da tecnologia. Em épocas remotas, o homem utilizou processos simples, suficientes para a sua técnica primitiva.

Mas quando começou a medir? Começou provavelmente quando ainda nem falava, pois poderia medir ou comparar um peixe com outro, a saber qual o maior ou o menor. Também seria do seu conhecimento que uma certa quantidade de alimento saciava sua fome. Obviamente, eram maneiras intuitivas de medir.

A partir do momento em que o homem passou a viver em grupos e à proporção que esses aglomerados cresciam, a necessidade de medir aumentava ainda mais. As maneiras como mediam as grandezas eram bastante simples: usavam partes do próprio corpo, como o comprimento do pé, a largura da mão ou a grossura do dedo, o palmo e a passada. Utilizavam ainda uma vara ou um bastão.

Com o surgimento das primeiras civilizações, tais processos não mais satisfaziam às necessidades dos homens, pois os mesmos sabiam constatar as diferenças daquelas partes para cada indivíduo. As construções de casas e navios, a divisão de terras e o comércio com outros povos exigiam medidas padrões, que fossem as mesmas em qualquer lugar. Assim, um mercador de tecidos da Babilônia poderia vender sua mercadoria em Jerusalém, usando uma vara padrão de tamanho aproximado ao da adotada lá.

Disponível em: <<http://www.fisica.net/unidades/pesos-e-medidas-historico.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2010. (Adaptado).

<<http://www.inmetro.gov.br/>>. Acesso em: 19 maio 2010.

<<http://www.ipem.sp.gov.br/>>. Acesso em: 19 maio 2010.

Visita

Realize uma visita à Fundação Museu da Tecnologia de São Paulo, localizado na Avenida Engenheiro Billings, esquina com a Avenida Escola Politécnica.

Figura 16: Livro didático de Ciências SESI
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

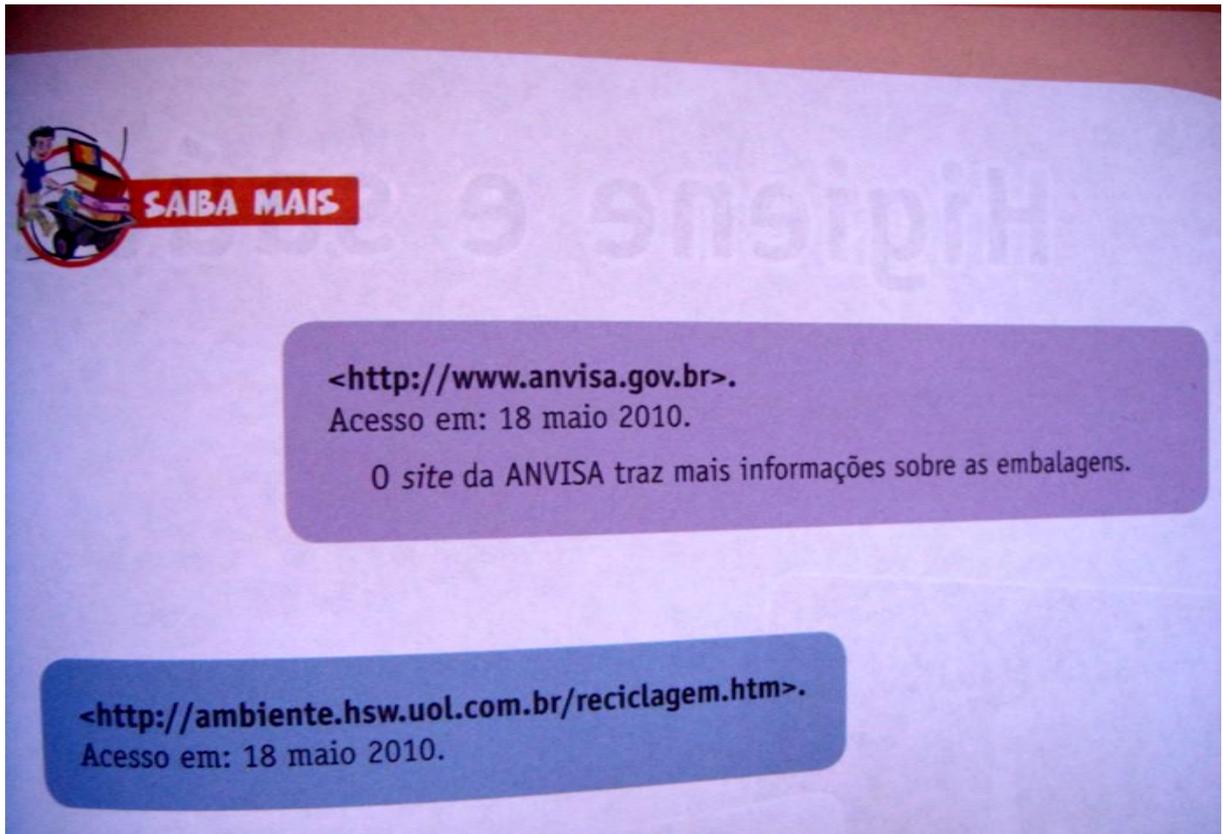


Figura 17: Livro didático de Ciências SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

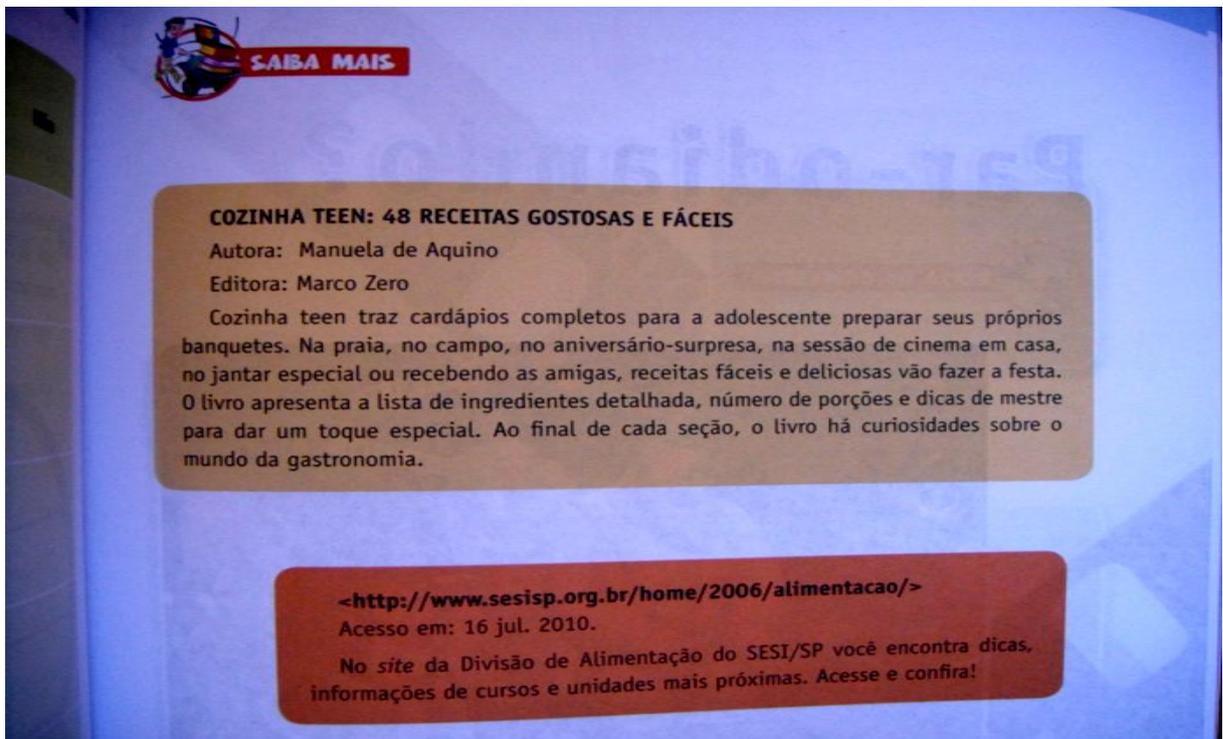


Figura 18: Livro didático de Língua Portuguesa SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Podemos visualizar na figura 18 que a atividade sobre receitas é voltada somente para a adolescente. Será que o garoto também não quer participar dessa atividade? O garoto que gosta ou precisa cozinhar poderá se sentir discriminado durante a realização dessa atividade.

Uma grande reclamação que ouvi de muitos pais durante a minha pesquisa, é que gostariam muito de ajudar a ampliar o conhecimento dos seus filhos através do uso da internet, como sugere o livro, porém como afirmado anteriormente, as famílias que moram no lote não têm internet e mesmo as que moram na agrovila, algumas não possuem computador.

- **O que aprendi sobre...**

Possibilita ao aluno revelar o que aprendeu por meio da sistematização ao longo da unidade, independente da estratégia utilizada. Apresenta uma proposta de uma atividade ou uma reflexão.

Pode ser uma, duas ou até três questões para você pensar um pouco mais sobre o conteúdo estudado ou dica para que você crie algo sobre o que estudou.

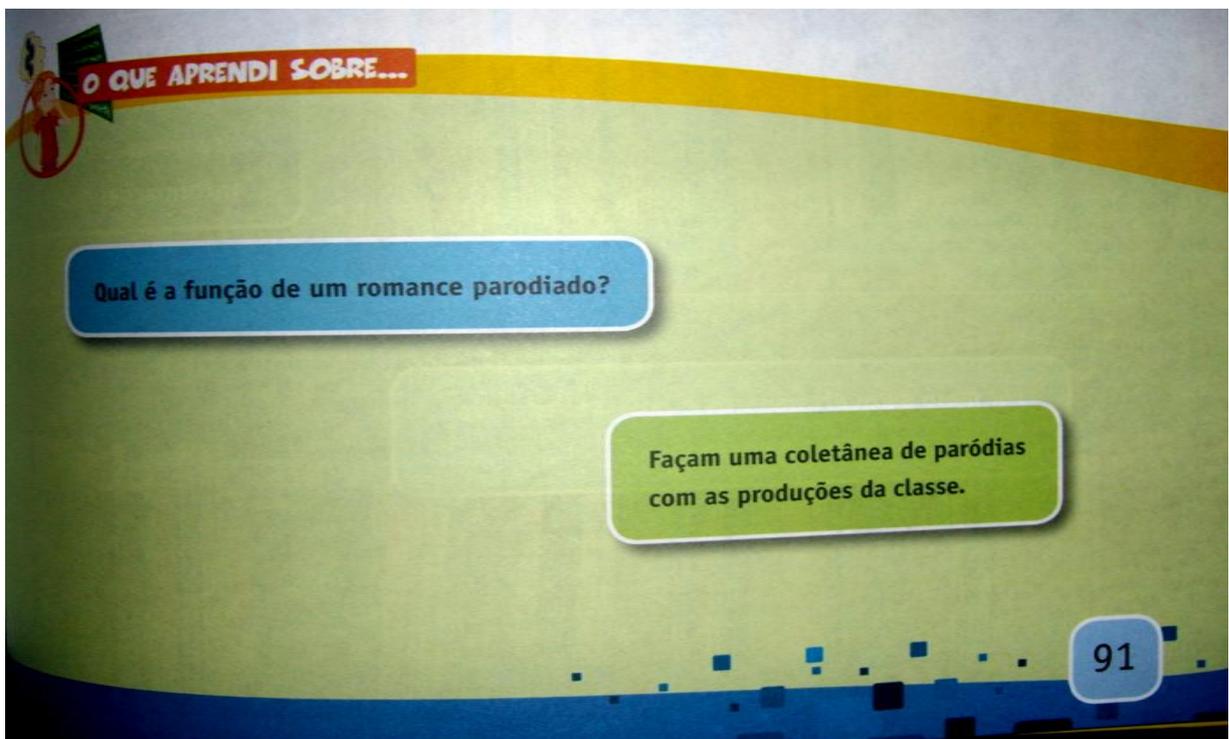


Figura 19: Livro didático de Língua Portuguesa SESI
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Segundo sugestão do livro, no feitiço de uma coletânea de paródias produzidas pela classe, poderia dar continuidade dessa atividade com a comunidade, porém segundo a professora, não é possível continuar nesse assunto porque ela precisa dar continuidade ao próximo conteúdo do material. Pois receia que haja uma avaliação dos alunos feita por órgãos superiores e preocupa-se que os alunos recebam um conceito de nota baixo, pois ainda não sabem como serão avaliados – alunos e professores - a partir do novo método.

As paródias poderiam ser feitas com temas locais e em seguida, tornar-se um material de consulta e de leitura da população. Por isso, a importância do tema estudado fazer parte da realidade do aluno, visto que sem relação com a realidade, perde-se a função social do assunto que acaba se diluindo, a cada final de aula.

3.1.3 Livro-texto do aluno: “Muitos textos...Tantas palavras”

Este livro é parte do material recebido pelos alunos e contempla todas as áreas do conhecimento. Contém uma seleção de textos, cujo critério está ancorado na qualidade, na adequação e na variedade de gêneros textuais, que o educador poderá selecionar para ser lido pelo aluno, conforme as expectativas e os conteúdos a serem trabalhados. Tais textos podem também ser usados em diferentes momentos e espaços do cotidiano escolar, pois este livro tem como finalidade possibilitar aos alunos consulta e manipulação desse material. Não apenas para obter uma informação ou adquirir algum conhecimento, mas também para usufruir de um momento prazeroso e sem cobranças, segundo consta nas orientações dadas pelo material aos professores (SESI, 2010, p. 20).

É importante para os alunos conhecerem diversos textos de diferentes gêneros literários, porém uma reclamação dos alunos durante acompanhamento das aulas foi que nenhum texto os remetia a vida no campo, “Não tem nada escrito que fala da vida da gente que vive na roça!” (fala de aluno em relação aos textos lidos).

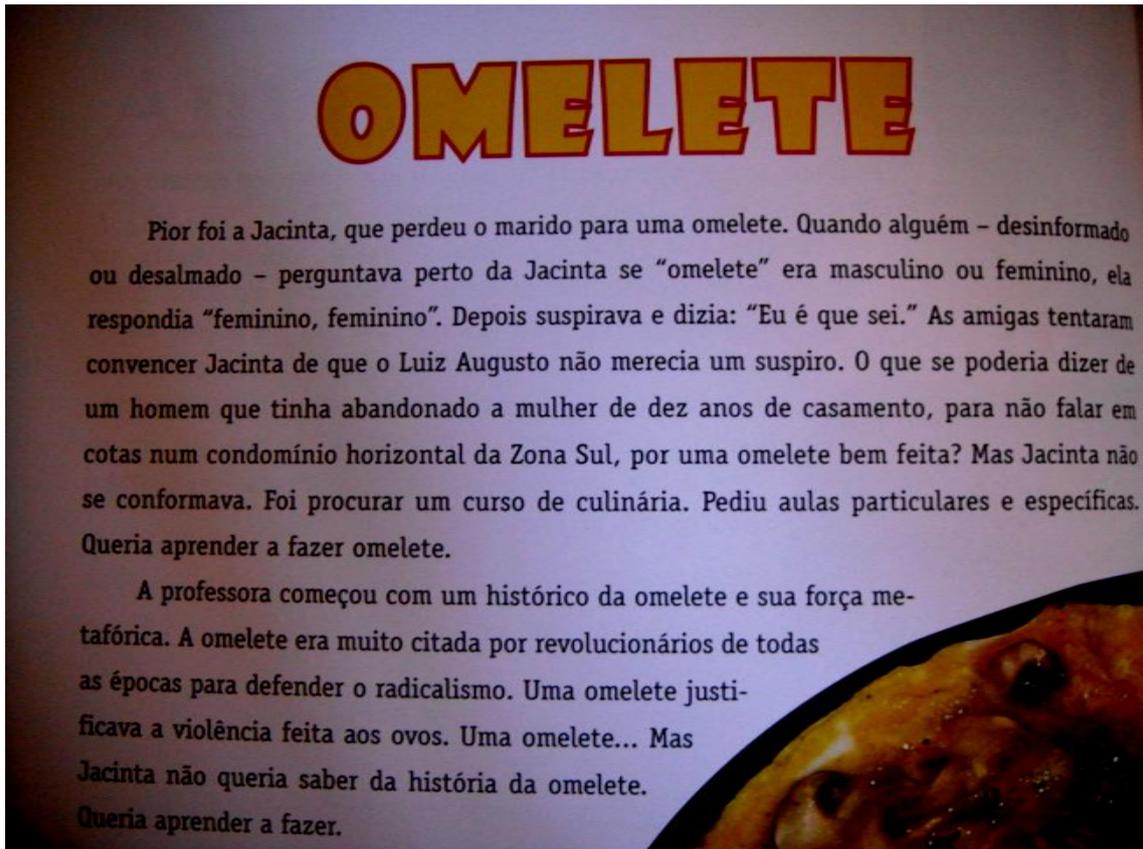


Figura 20: Livro-texto do aluno: “Muitos textos...Tantas palavras” SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

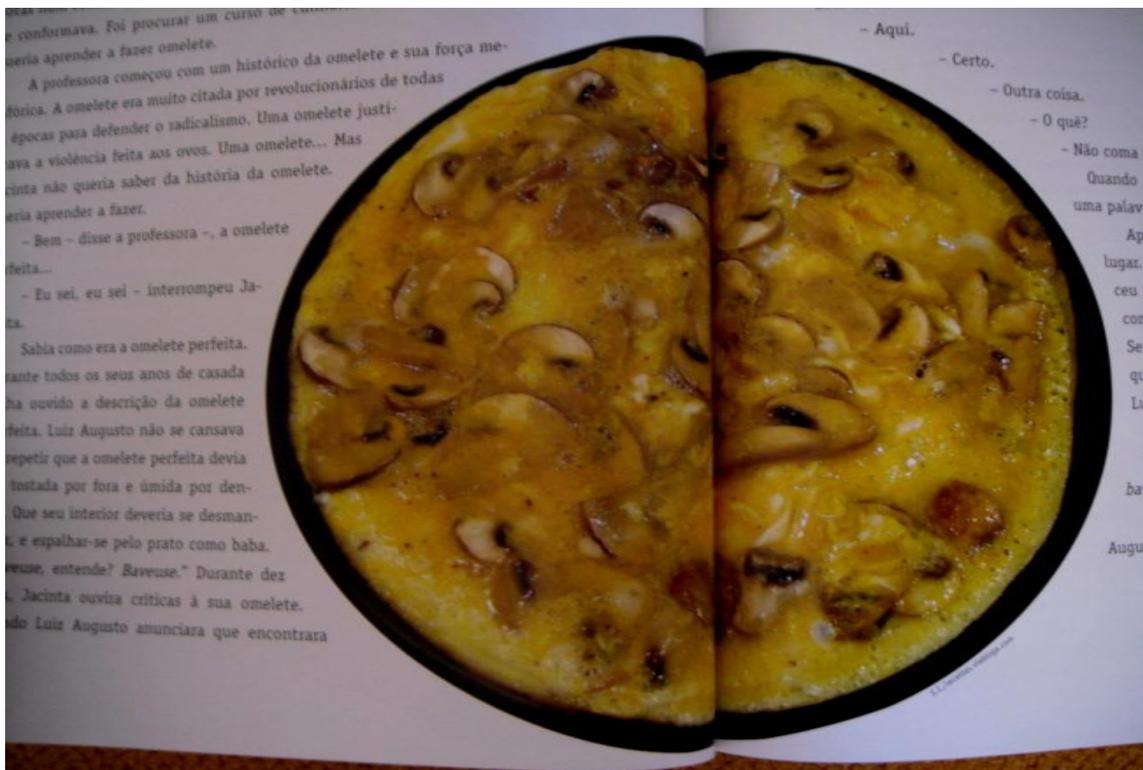


Figura 21: Livro-texto do aluno: “Muitos textos...Tantas palavras” SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

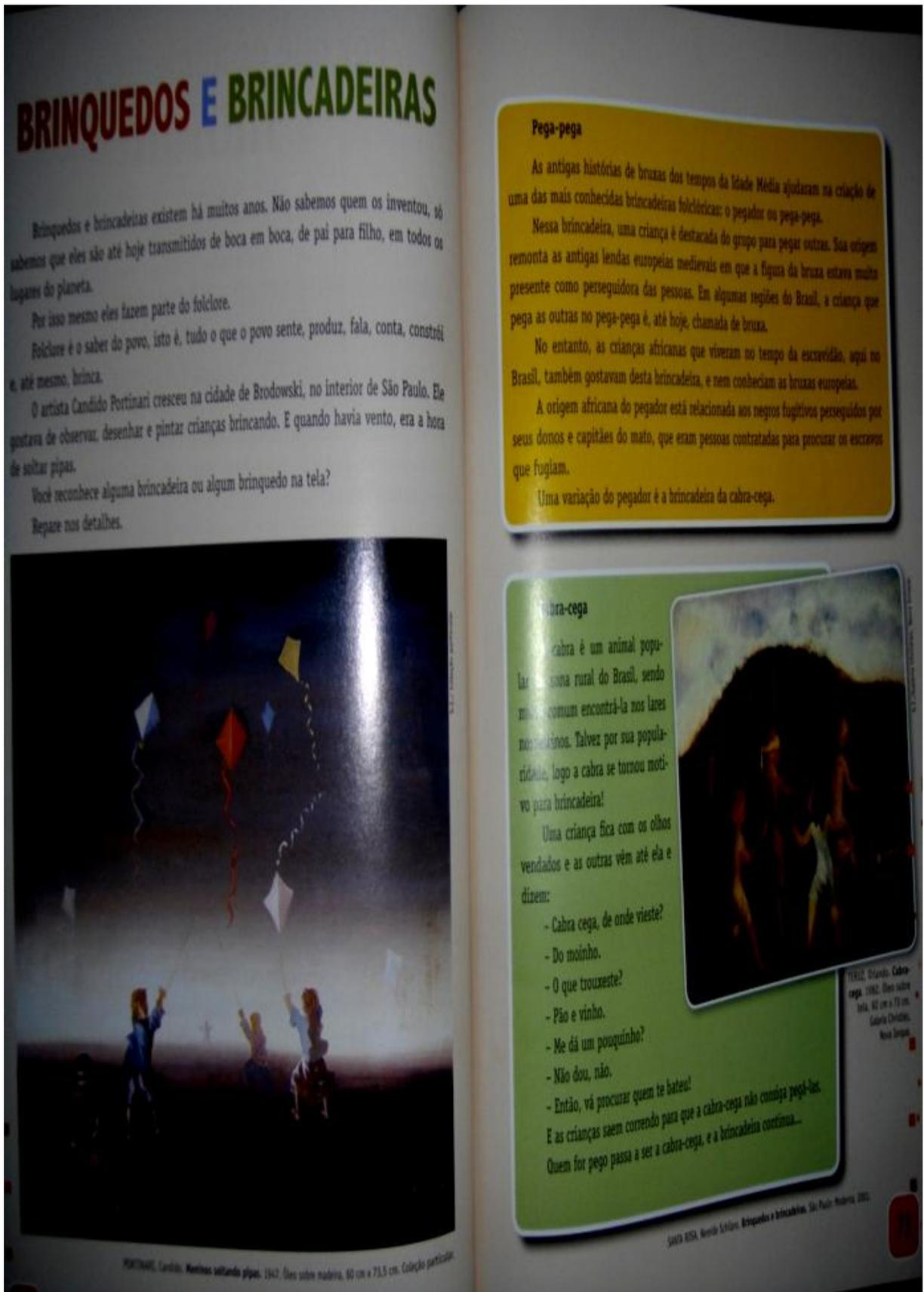


Figura 22: Livro-texto “Muitos textos...Tantas palavras” SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Brinquedos e brincadeiras existem há muitos anos. Não sabemos quem os inventou, só sabemos que eles são até hoje transmitidos de boca em boca, de pai para filho, em todos os lugares do planeta.

Por isso mesmo eles fazem parte do folclore.

Folclore é o saber do povo, isto é, tudo o que o povo sente, produz, fala, conta, constrói e, até mesmo, brinca.

O artista Candido Portinari cresceu na cidade de Brodowski, no interior de São Paulo. Ele gostava de observar, desenhar e pintar crianças brincando. E quando havia vento, era a hora de soltar pipas.

Você reconhece alguma brincadeira ou algum brinquedo na tela?

Repare nos detalhes.



Figura 23: Livro-texto “Muitos textos...Tantas palavras” SESI
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012

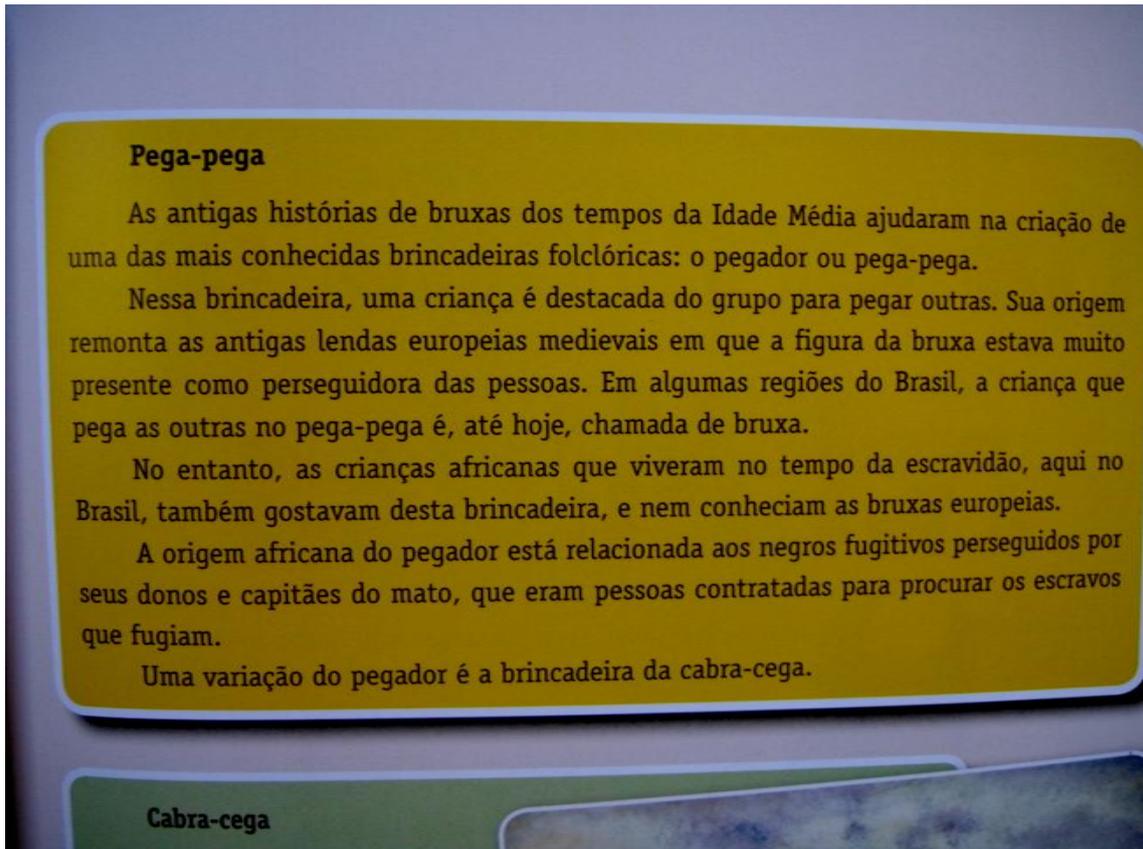


Figura 24: Livro-texto “Muitos textos...Tantas palavras” SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

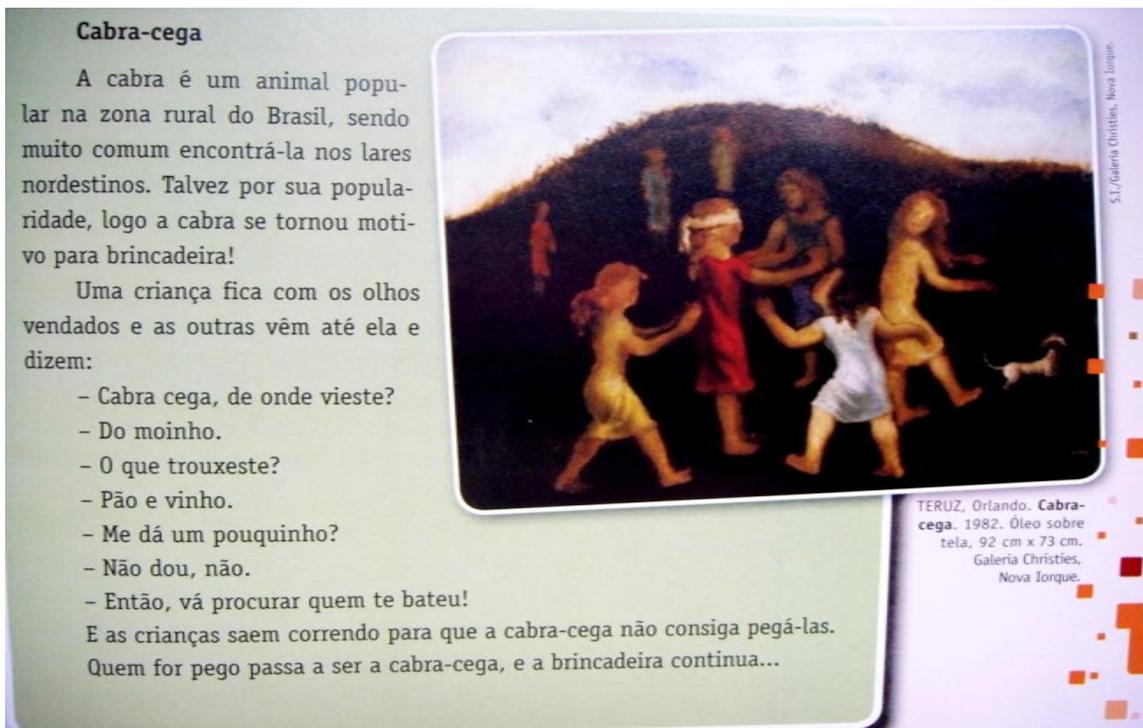


Figura 25: Livro-texto “Muitos textos...Tantas palavras” SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

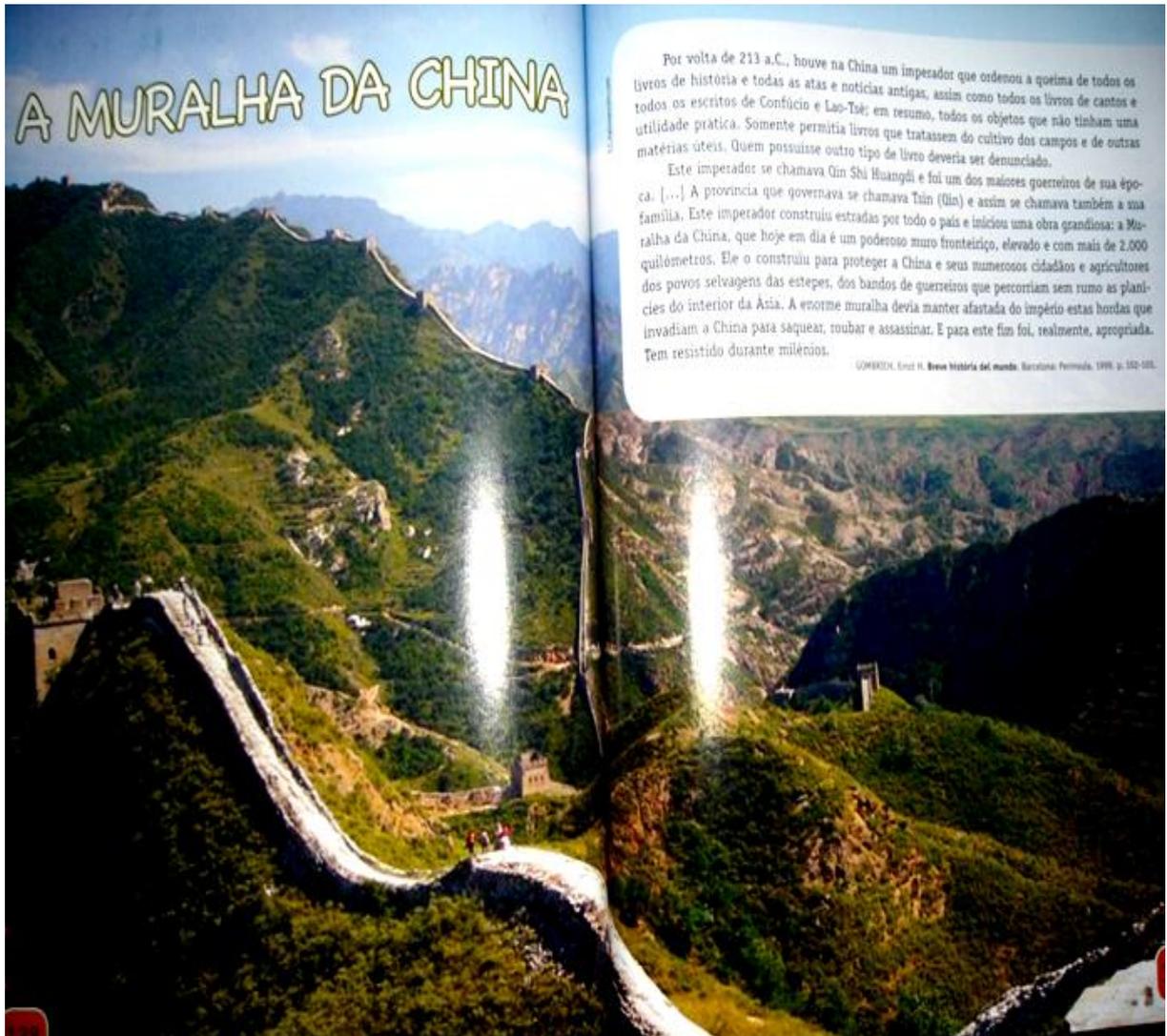


Figura 26: Livro-texto do aluno: “Muitos textos...Tantas palavras” SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

O texto acima é de difícil interpretação pelos alunos. Por ser um texto muito superficial sobre o assunto, conter muitas palavras não conhecidas e ser de difícil entendimento, os alunos nem se interessaram pela leitura, conforme presenciei a leitura da professora da disciplina de Português com os alunos. Durante a pesquisa, percebe-se que a intenção do material do Sesi ao trazer um conteúdo superficial sobre o assunto é proposital, pois a intenção é que o aluno se interesse pelo assunto e vá buscar mais conteúdo sobre ele através de pesquisas. Porém, os alunos se mostraram desinteressados, ocorrendo o contrário do que propunha o método.

Por volta de 213 a.C., houve na China um imperador que ordenou a queima de todos os livros de história e todas as atas e notícias antigas, assim como todos os livros de cantos e todos os escritos de Confúcio e Lao-Tsé; em resumo, todos os objetos que não tinham uma utilidade prática. Somente permitia livros que tratassem do cultivo dos campos e de outras matérias úteis. Quem possuísse outro tipo de livro deveria ser denunciado.

Este imperador se chamava Qin Shi Huangdi e foi um dos maiores guerreiros de sua época. [...] A província que governava se chamava Tsin (Qin) e assim se chamava também a sua família. Este imperador construiu estradas por todo o país e iniciou uma obra grandiosa: a Muralha da China, que hoje em dia é um poderoso muro fronteiro, elevado e com mais de 2.000 quilômetros. Ele o construiu para proteger a China e seus numerosos cidadãos e agricultores dos povos selvagens das estepes, dos bandos de guerreiros que percorriam sem rumo as planícies do interior da Ásia. A enorme muralha devia manter afastada do império estas hordas que invadiam a China para saquear, roubar e assassinar. E para este fim foi, realmente, apropriada. Tem resistido durante milênios.

GOMBRICH, Ernst H. *Breve história del mundo*. Barcelona: Península, 1999. p. 102-103.

Figura 27: Livro-texto do aluno: “Muitos textos...Tantas palavras” SESI
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Capítulo 4 – PROJETO ESCOLA DO CAMPO E METODOLOGIA SESI: COMPARAR O INCOMPARÁVEL?

Neste capítulo, farei uma análise documental dos objetivos do Método Sesi de Ensino e do Projeto Escola do Campo. A escola “Profº Hermínio Pagotto”, no assentamento Bela Vista do Chibarro, por estar situada na zona rural segue a resolução CNE/CBE nº 4, de 13 de julho de 2010 (Figura 28):

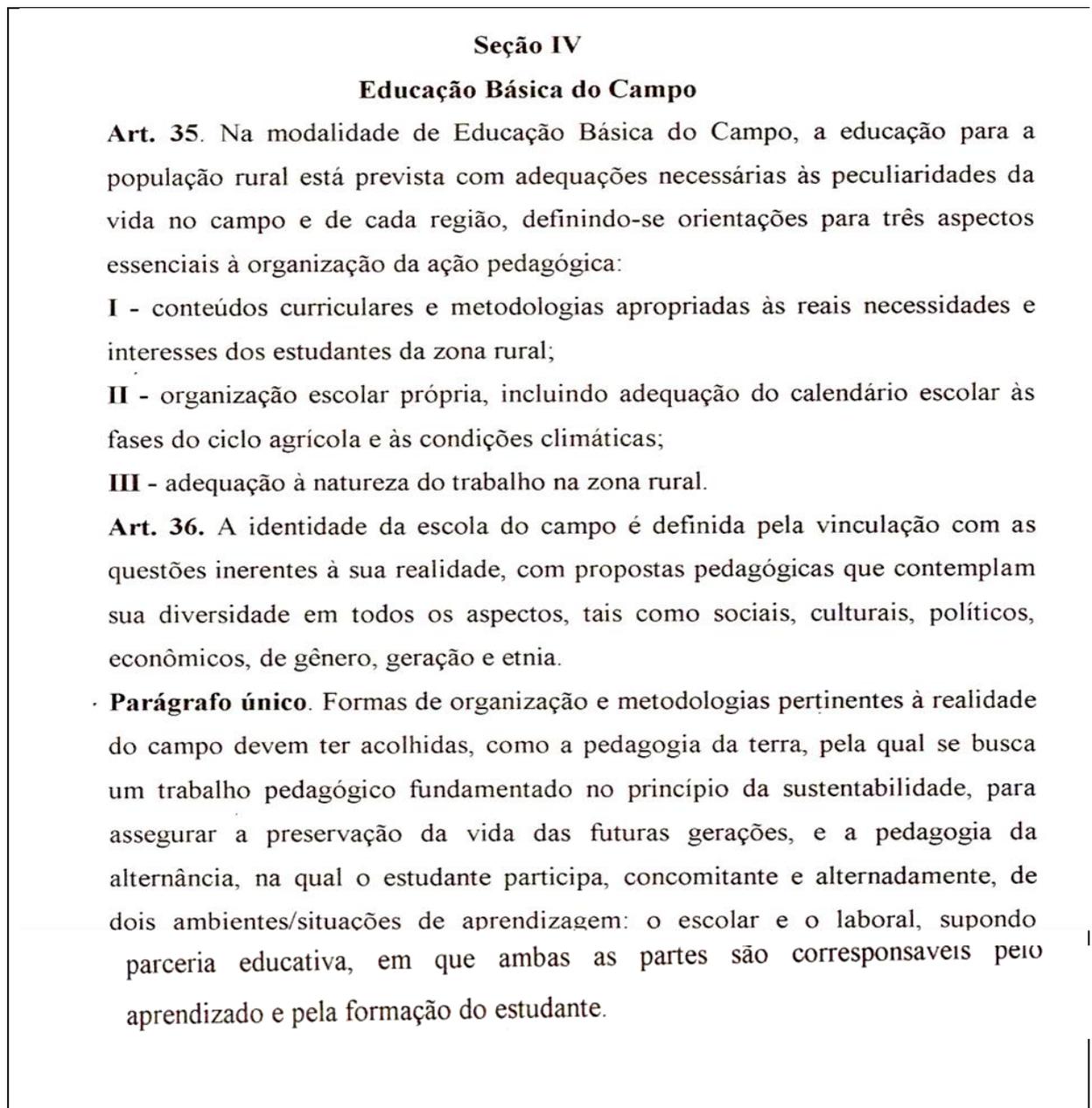


Figura 28: CNE da Educação Básica do Campo

Fonte: Projeto político Pedagógico, 2011.

Segundo a resolução citada na figura 28, a educação para a população rural, requer adequações necessárias às peculiaridades da vida no campo e de cada região, ocasionando três aspectos essenciais quanto à organização pedagógica da escola, como adequação dos conteúdos curriculares e metodológicos apropriados às reais necessidades e interesses dos estudantes da zona rural, organização escolar própria podendo adequar o calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas da região e adequação ao caráter natural do trabalho na zona rural. A análise desta resolução mostra a imediata contradição com o que foi apresentado do material do Método SESI de Ensino.

Podemos observar no decorrer da dissertação, alguns desenhos feitos por alunos do 6º ano da Escola do Campo “Profº Hermínio Pagotto”, retratando a sua realidade local: os lotes onde moram, a agrovila, a estrada para chegar ao assentamento, ou seja, conhecendo a relação dos alunos com o meio rural.



Figura 29: Aluno 6º ano – 11 anos - desenho local onde mora e gosta de ajudar seu pai
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Podemos ver isso também em Freire (2005), que afirma que é importante utilizar conteúdos para ensinar que façam parte da realidade dos alunos, para que a temática seja significativa:

É importante reenfatar que o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homem-mundo. Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis. A metodologia que defendemos exige, por isto mesmo, que, no fluxo da investigação, se façam ambos sujeitos da mesma – os investigadores e os homens do povo que, aparentemente, seriam seu objeto. Quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela (FREIRE, 2005, p. 114).

Tendo então, como base, as orientações à Educação Básica do Campo, farei uma análise comparativa entre o Projeto Escola do Campo e o Material Didático Sesi de Ensino. Metodologia esta, que ainda está em fase de implantação há um ano na Escola do Campo “Profº Hermínio Pagotto”, localizada no assentamento Bela Vista do Chibarro em Araraquara, conforme podemos ver a foto aérea do assentamento⁸.



Figura 30: Foto aérea do assentamento Bela Vista
Fonte: NUPEDOR, 2011.

⁸ A foto aérea do Assentamento Bela Vista retrata os mosaicos característicos da diversidade de cultivos.

4.1 Análise documental do método Sesi de ensino: a retórica e a prática

A Prefeitura Municipal de Araraquara junto com o Sesi-SP implantou em suas escolas de Ensino Fundamental o Sistema Sesi de Ensino no início do ano letivo de 2011.

Segundo o Secretário da Educação do Município de Araraquara, a implantação do Sistema contemplou todos os profissionais que compõem a cadeia de ensino municipal, desde a equipe gestora da Secretaria Municipal de Educação até os professores⁹, passando pelos coordenadores pedagógicos locais. O processo será monitorado pela equipe de educação do Sesi-SP, mensalmente, durante todo este primeiro ano de implantação do sistema. Os alunos também serão avaliados constantemente, com análises e interpretações dos resultados obtidos nos exames do Saresp.

Segundo a Prefeitura, a justificativa para a implantação do Sistema Sesi de Ensino, é que a vantagem do sistema é que ele contribui para a elevação da qualidade de ensino por meio da melhoria dos processos e em sintonia com as especificidades sociais e culturais locais, além de estimular a melhoria da infraestrutura e dos ambientes educacionais em função das inovações didáticas e tecnológicas introduzidas pelo Sesi-SP.

Porém, as dificuldades e necessidades da escola do campo, segundo alunos e professores, não conseguem ser supridas com o uso do material do Sesi, pois é um material totalmente voltado para o setor industrial, cuja prioridade é formar profissionais da indústria.

A educação rural não requer um material distante da grade curricular obrigatória da educação urbana, mas um material com conteúdo que respeite e utilize as riquezas da cultura local para facilitar a aprendizagem do aluno. No entanto, a escola do campo “Prof^o Hermínio Pagotto” é uma escola municipal e por isso, deve respeitar todas as condutas e regras das demais escolas municipais da cidade, como a implantação do uso do material do Sistema Sesi de Ensino. Como compatibilizar esta exigência com as singularidades do modo de vida do assentamento?

Ao entrevistar a diretora e professora coordenadora da EMEF do Campo “Prof. Hermínio Pagotto” sobre se a inserção do método Sesi de Ensino modifica os princípios do Projeto Escola do Campo, podemos observar a preocupação com a manutenção dos princípios do Projeto Escola do Campo:

⁹ Segundo professores das escolas municipais, não somente do assentamento, eles não tiveram nenhum tipo de formação continuada para conhecerem melhor o material que já está sendo utilizado. Encontrando ainda muita dúvida e dificuldades no uso e na interpretação das apostilas do Sesi.

O trabalho com esse método é muito recente e os professores ainda estão se familiarizando com ele. Mas estamos preocupados (a direção), zelando para que não haja perdas no princípio Escola do Campo. O conteúdo urbano apresentado nas apostilas não é muito diferente do encontrado nos livros utilizados no PNDE (Plano Nacional de desenvolvimento da Educação), mas são mais extensos e possibilitam trabalhos diversos com esse conteúdo. Uma dificuldade encontrada pelos professores é não ter muita teoria sobre os exercícios propostos, dispendendo mais tempo na preparação das aulas, mesmo com a grande dedicação dos nossos professores, o tempo de se prepararem para a aplicação desse novo método é muito pequeno, pois muitos trabalham também em outras escolas. Nesse 1º semestre, por mais que os professores não queiram, estão muito preocupados e dispendem tempo para conhecer o material e acabam esquecendo as peculiaridades da Escola do Campo. Seria necessário a formação desses professores, pois só tiveram dois dias de formação para utilização do Método Sesi no início do ano, mesmo que a coordenadora receba orientação sobre o método e posteriormente, oriente os professores, ainda não foi suficiente. Percebe-se a boa vontade dos professores, mas estes trabalham normalmente em dois empregos e ficam só um tempo no assentamento, pois o tempo de percurso demorado e longo até o assentamento dificulta manter os dois cargos (a mudança constante dos professores, é um problema que acompanha sempre a escola do assentamento) (*Junho de 2011*).

Percebe-se pela estrutura, que a diretora preferiu não emitir sua posição, talvez pelos códigos que regem a subordinação da escola às deliberações tomadas pela Prefeitura Municipal de Araraquara.

Podemos ver claramente nas finalidades e objetivos do Sistema Municipal de Educação (SME) e da Unidade Escola no Projeto Político Pedagógico da Escola em relação à Escola do Campo:

05. Missão e Valores da SME e da Unidade Escolar:

A Missão do Sistema Municipal de Educação é garantir o acesso universal, a apropriação do conhecimento e o desenvolvimento humano, contribuindo para a formação de cidadãos plenos e capazes de transformar a sociedade, tornando-a mais justa, igualitária e sustentável.

A Missão das Unidades Educacionais é promover educação pública de qualidade, a apropriação do conhecimento e o desenvolvimento do ser humano, contribuindo para a formação de cidadãos plenos, éticos e responsáveis. Além do mais a missão de nossa Unidade Escolar é promover uma educação humanizadora, solidária e democrática, ou seja, uma educação de qualidade no e do campo, focada no ser humano, considerando todas as suas dimensões e o seu processo de aprendizagem.

Os Valores da SME são: credibilidade, transparência e coerência na comunicação; cumprimento da legislação e das regras estabelecidas; compromisso e responsabilidade; prioridade; disciplina; foco em resultados; busca pelo conhecimento, pela pesquisa e inovação; respeito às diferenças e valorização do potencial humano; respeito e compromisso com a Comunidade Escolar; e compromisso com a sustentabilidade.

Pensando no bem-estar dos/as educandos/as e no bom convívio entre educadores, educandos/as e todos os envolvidos no âmbito escolar, foram levantados doze Valores Fundamentais da nossa Escola do Campo para serem discutidos e efetivamente vivenciados dentro da Escola. Os Valores são: RESPEITO, COMPREENSÃO, PAZ, EQUILÍBRIO, ALEGRIA, AUTO-ESTIMA, DETERMINAÇÃO, ESPERANÇA, UNIÃO, FÉ, SOLIDARIEDADE E RESPONSABILIDADE; sendo todos estes Valores regidos pelo valor maior: o AMOR.

Figura 31: Missão e valores do Sistema Municipal de Educação e da Unidade Escolar
Fonte: Projeto Político Pedagógico, 2009.

De acordo com a figura anterior observamos que o Método Sesi de Ensino, não atendendo com as necessidades da realidade da escola do campo, está dificultando ou até algumas vezes impedindo a aplicação dos princípios do Projeto Escola do Campo. Basta comparar os dois métodos estudados e observar alguns valores como: compromisso com a sustentabilidade e solidariedade, por exemplo.

4.2 Programas estratégicos do Sesi relacionados à Educação Básica

O Plano Estratégico do Sesi (SESI, 2007-2011), traz os seguintes itens em relação à Educação Básica:

- Reformulação da educação básica
- Elevação da escolaridade e redução do analfabetismo funcional do trabalhador da indústria
- Desenvolvimento e transferência de tecnologias sociais
- Ampliação das reservas de serviços
- Implantação de novo modelo de Gestão
- Administrativa e de Negócios
- Dimensionamento e modernização das unidades do SESI-SP
- Valorização e desenvolvimento dos Recursos Humanos
- Melhoria da qualidade de vida do trabalhador da indústria
- Fortalecimento da imagem Institucional

Os produtos e serviços educacionais oferecidos pelo Sesi-SP incluem: referenciais curriculares da rede escolar; introdução ao fazer pedagógico da rede escolar do Sesi-SP; material didático; livro do professor; livro texto; livro de atividades; sistema de administração escolar; capacitação da equipe gestora do município; avaliação dos processos e da dinâmica escolar; monitoramento e orientações in loco. Produtos e serviços estes que trazem, claramente, a marca de um modelo padronizado de organização do setor industrial, que conflita com a diferenciação de estratégias constatadas nas ações dos assentados e suas famílias.



Figura 32: Apostilas do método Sesi (6º ano do Ensino Fundamental)
 Fonte: Sesi, 2011.

O ingresso dos estudantes na rede escolar Sesi/SP nas demais unidades escolares ocorre por meio de inscrição, prioritariamente dentre os dependentes dos beneficiários de empresas contribuintes do sistema Sesi e funcionários da Entidade. Beneficiário significa todo trabalhador que tem vínculo empregatício com empresas, cujo ramo de atividade pertence ao grupo econômico que contribui mensalmente para o Sesi. Os candidatos da comunidade participarão somente se as vagas disponíveis não forem preenchidas pelos dependentes dos trabalhadores da Indústria e com posterior sorteio de vagas, quando for o caso.

Segundo Paulo Skaf, presidente do Sesi, o Sistema Sesi de Ensino tem como diferencial estimular o professor a identificar e atender às expectativas de aprendizagem dos alunos mediante orientação e acompanhamento de todas as etapas da implantação da metodologia, indo muito além da substituição de livros didáticos para alunos e professores e o método Sesi tem três eixos básicos:

- 1) Tratamento global dos temas em estudo, voltados para experiências de vida, ainda que atrelados às matérias por questões didáticas¹⁰;
- 2) Abordagem multidisciplinar, levando-se em conta as relações entre os diversos conhecimentos, possibilitando complementação e/ou questionamentos;

¹⁰ Experiência de vida dos filhos de trabalhadores na indústria.

- 3) Enfoque socioafetivo, uma vez que está comprovado que o processo de aprendizagem não é apenas intelectual.

Será que não seria um equívoco pensar que um material voltado para o indústria e não para o campo, pudesse atender as especificidades do Projeto Escola do Campo? Podemos observar a seguir, que o próprio Sistema Sesi de Ensino, identifica a importância de atender as necessidades cotidianas para suprir as dificuldades de aprendizagem, mesmo não dando necessariamente conta do processo.

O Sistema Sesi possui o “Sistema de Avaliação de Competências” que começou a ser implantado em 2002 pela Unesco e pelo Sesi, com o objetivo de identificar o desenvolvimento de competências importantes para a plena inserção do indivíduo na sociedade, seja no mundo do trabalho ou nas relações pessoais. Dentro desse sistema de avaliação, existem algumas propostas, dentre elas, no desempenho de Matemática, como suprir algumas dificuldades: “O ensino deve envolver situações práticas para que a verdadeira compreensão destes conteúdos seja alcançada” (UNESCO/SESI, 2006). E cita ainda alguns exemplos que o professor deve seguir em suas aulas, como aproveitar situações cotidianas, por exemplo, utilizar a hora do lanche para ensinar fração para dividir uma maçã ou um bolo em partes iguais.

4.3 Análise Referencial Curricular Sesi/SP (Relevância das Áreas de Conhecimento)

4.3.1 Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Segundo o Fazer pedagógico Sesi-SP (2010), o homem ao interagir com a sua realidade, desenvolve elementos essenciais da sua cultura e consequentemente, a linguagem, que configuram as suas construções de sentido. Descreve ainda, a importância da ampliação do conhecimento:

Será ampla e profunda a leitura quanto mais abrangente for o repertório do leitor e maior sua capacidade de ativar conhecimentos culturais que incluem

não só os lingüísticos, mas também os sociais, históricos e econômicos. Assim, mais profundas e complexas serão as inferências e as relações de sentido que esse leitor poderá construir em interação com os textos (SESI, 2010a, p.9).

Em vista das transformações dos processos de produção advindos dos avanços científicos, o conhecimento torna-se cada vez mais provisório. A escola é o espaço social que promove a interação consciente dessas tecnologias, o que implica também suprir as novas exigências para a formação do cidadão (SESI, 2010a, p.10).

Ao analisar a apostila de Português, pude observar que havia muita interpretação de texto com questões dissertativas e pouca gramática. E a reclamação dos alunos e professores é que grande parte dos textos encontrados, além de nunca trazer como conteúdo a realidade dos alunos no assentamento, apresenta conteúdos que dificultam o entendimento do aluno, como podemos observar abaixo, em uma unidade do livro:



Figura 33: Livro didático de Língua Portuguesa SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

1 Leia o texto a seguir e responda às perguntas que o seguem.

ESPAGUETE À MARINARA

Tempo de preparo: 40 minutos

Porções: 6

Valor nutritivo por porção:

- 480 cal
- proteínas = 30 g
- gordura = 15 g
- hidratos de carbono = 50 g
- fibra dietética = 5 g
- colesterol = 225 mg

INGREDIENTES

- 12 mexilhões frescos
- 60 ml de vinho branco
- 60 ml de caldo de peixe
- 1 dente de alho esmagado
- 375 g de espaguete
- 30 g de manteiga (ou margarina)
- 125 g de corpos de lulas pequenas, em fatias
- 125 g de filé de peixe branco sem espinhas, cortados em cubos
- 200 g de camarões crus, descascados e sem a tripa
- 30 g de salsa fresca picada

Ingredientes para o molho de tomate

- 2 colheres de sopa de azeite
- 1 cebola, em cubos pequenos
- 1 cenoura em fatias
- 1 malagueta vermelha, sem sementes e picada
- 2 dentes de alho esmagados
- 425 g de tomates enlatados, esmagados
- 125 ml de vinho branco
- 1 colher de chá de açúcar
- 1 pitada de pimenta-de-caiena



Figura 34: Livro didático de Língua Portuguesa SESI
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Essa roda de conversa busca, a partir dessa imagem, identificar o conhecimento prévio que os alunos têm do tema que será proposto nesta unidade.

Acompanhei a aplicação dessa unidade na sala de aula, e observei a dificuldade até da professora em explicar aos alunos quais eram os frutos do mar encontrados na receita. Neste dia a sala de informática estava reservada para outros professores e a professora não pode fazer uso da internet para pesquisa, o que tornou difícil para os alunos conhecerem o conteúdo da receita e interpretá-la.

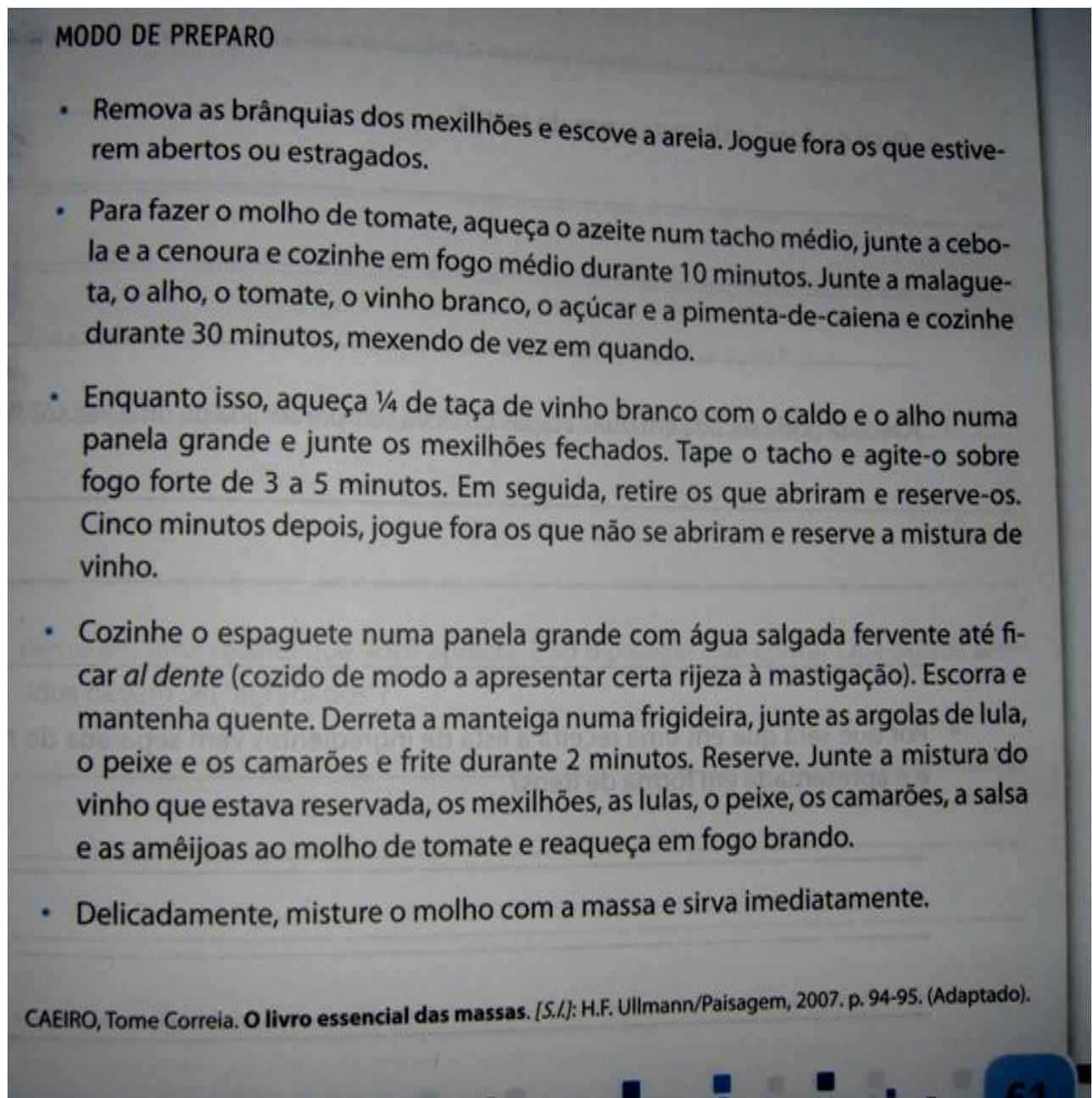


Figura 35: Livro didático de Língua Portuguesa SESI
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

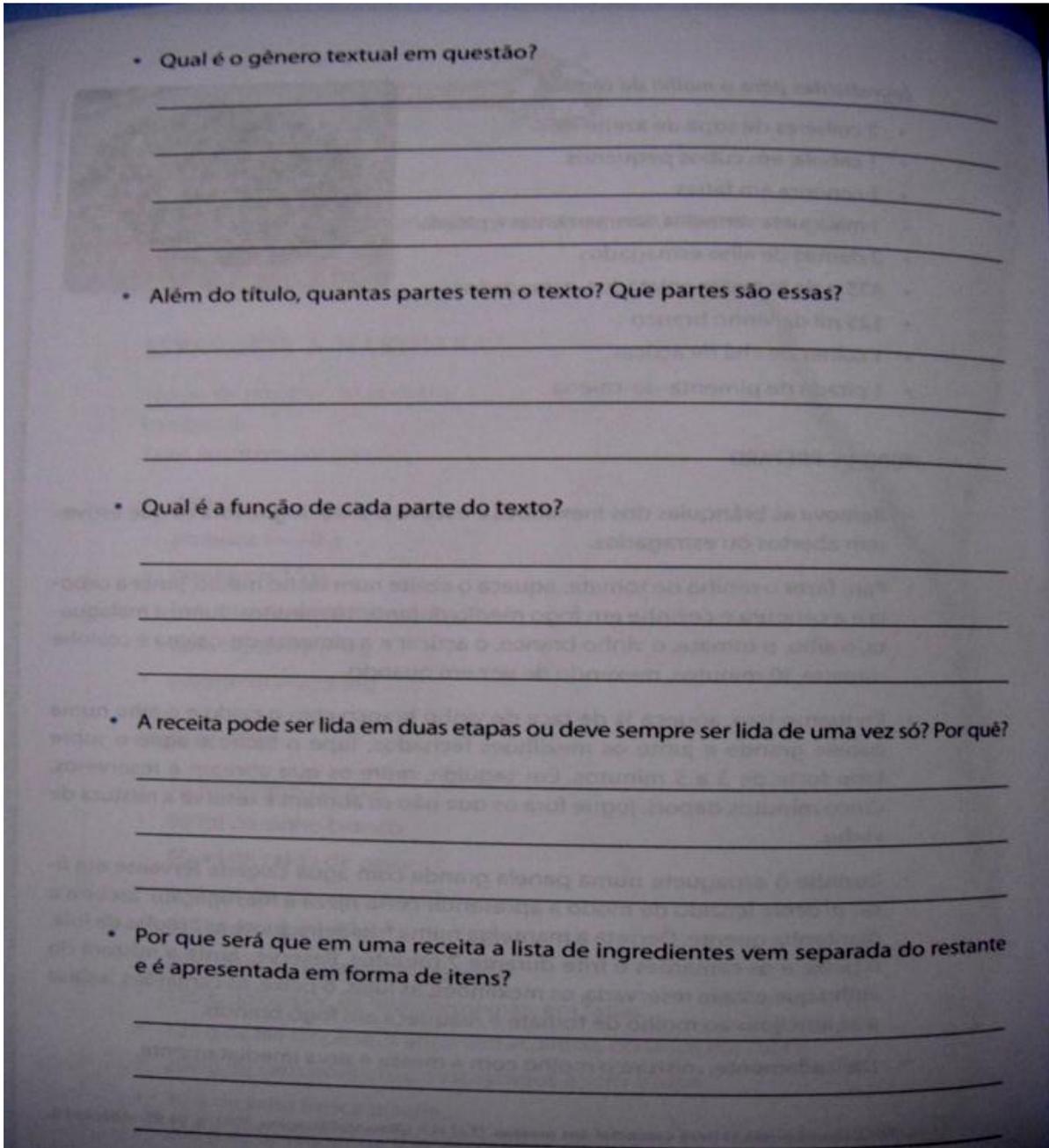


Figura 36: Livro didático de Língua Portuguesa SESI

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Este conteúdo apresentado pela receita como o uso de enlatados, contraria a realidade vivida pelos assentados que produzem seus alimentos. Podemos observar grande número de questões e respostas dissertativas somente, o que não atrai o interesse dos alunos para a resolução dos exercícios, pois segundo os alunos : “Enjoa só responder assim!”, ou

ainda, como citou outro aluno, “É só copiar¹¹ as respostas do texto para conseguir responder!”, não exigindo interpretação do conteúdo estudado.

Este conteúdo apresentado pela receita como o uso de enlatados, contraria a realidade vivida pelos assentados que produzem seus alimentos. Contraria também toda a educação em qualquer espaço social, pois vai contra a boa nutrição (enlatados não são saudáveis, não tem vitaminas, não são seguros) e contra a questão do meio ambiente.

4.3.2 Ciências Humanas e sua Tecnologias

De acordo com o Fazer pedagógico Sesi-SP (2010), a partir da década de 1980, os atuais componentes curriculares passaram a ter uma proposta pedagógica de preparação do aluno para a crítica de seu cotidiano e de aceitação das diversidades como um valor importante de convivência e transformação da realidade. É relevante, portanto, a apropriação pelo aluno da herança cultural: tradições, costumes, festas e valores da comunidade em que se localiza e de outras sociedades:

A rede escolar SESI-SP tem buscado uma abordagem interdisciplinar, objetivando superar uma divisão positivista entre as Linguagens, as Ciências Humanas, as Naturais e a Matemática. Nesse sentido, reconhece a existência de conhecimentos específicos a cada componente curricular e não pressupõe uma redução ao saber unilateral e fragmentado. A intenção é estabelecer uma relação entre os saberes específicos de cada componente, pois é ela que possibilita um domínio maior das Ciências Humanas (SESI, 2010a, p. 11).

A compreensão das contribuições trazidas pelos componentes curriculares compõem a grande área de Ciências Humanas e suas Tecnologias permite revelar a existência de objetivos comuns a essa área. Destaca-se, então, o esforço em possibilitar ao aluno formular questões, compreender as opiniões alheias, elaborar seus argumentos com fundamentação e adotar uma atitude investigativa, assim como a consciência sobre a possibilidade de intervenção na realidade. Sendo assim, é necessário uma prática educativa que contribua com o desenvolvimento de suas capacidades em entender o passado como um processo de construção do presente e este como um campo aberto para a ação, estabelecendo relação entre o tempo cronológico, o tempo social (vivido) e o tempo histórico, assumindo uma postura crítica frente às concepções do senso comum (SESI, 2010a, p. 12).

¹¹ Quando o aluno fala de copiar, é copiar o conteúdo literalmente do texto, não precisando interpretar o texto, a pergunta e a resposta do exercício.

Ao observar a apostila de História, encontrei muitos exercícios repetidos, como mostrado nas figuras 37 e 38, é apresentado um pequeno texto e o aluno deve responder dissertativamente¹². E como já citamos, não é atrativo para o aluno, dificultando sua aprendizagem. Não encontrando possibilidades como sugere o “Fazer pedagógico”, como preparar o aluno para fazer críticas ao cotidiano, pois, na maioria das vezes, é possível relacionar o conteúdo estudado às suas práticas de convivência ou de transformação da realidade.

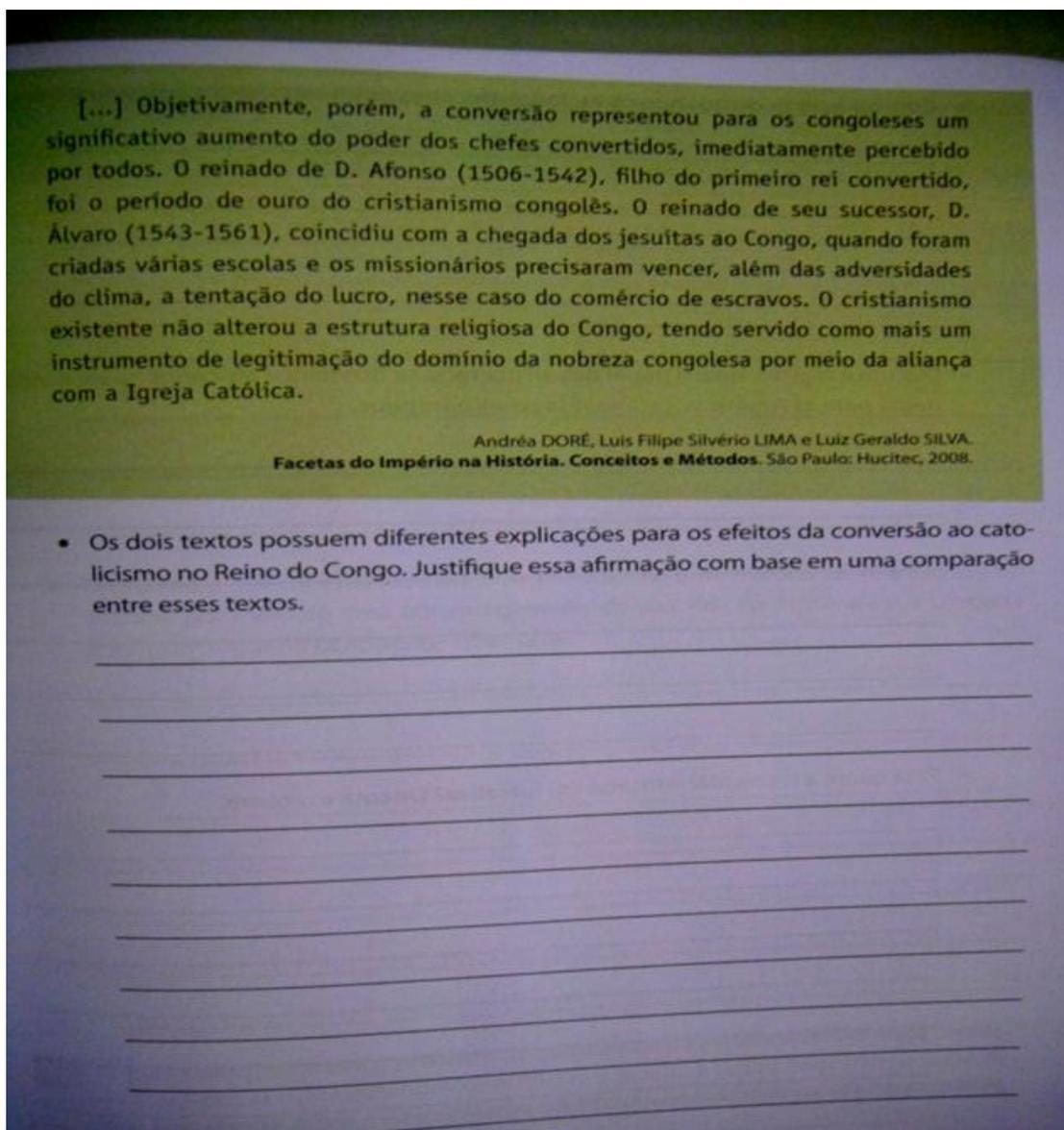


Figura 37: Livro didático de História SESI

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

¹² Segundo os professores e alunos, há o desperdício de papel, pois existem muitos exercícios com grande número de linhas para o aluno responder algo que usaria apenas poucas linhas.

- Como e a partir de quando os escravos africanos eram capturados pelos europeus?

- Discuta e registre qual o papel das aristocracias e dos reinos africanos na escravidão negra para as Américas, promovida pelos europeus.

- Para quem a escravidão africana era lucrativa? Discuta e registre.

Figura 38: Livro didático de História SESI
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Outro exercício bastante repetido na apostila de Geografia, como observado na figura 39, além dos exercícios citados anteriormente, é o preenchimento de quadros com apenas uma palavra. Atividade esta que só é possível ser respondida, após constantes pesquisas realizadas pelos alunos. E mais uma vez, é citado pelos alunos e professores o desperdício de papel, o que vai contra os princípios de sustentabilidade e respeito à natureza que tanto preza o Projeto Escola do Campo.

• Em relação a esses municípios, preencha o quadro a seguir.

Nome dos municípios		
Localização (estado/região)		
População absoluta		
Motivo pelo qual são importantes		
Escala em que se dá essa importância (internacional, nacional, estadual ou para uma região)		
Outros municípios que se destacam nesse mesmo critério		
Impactos socioambientais (positivos e/ou negativos)		

Figura 39: Livro didático de Geografia SES
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

Uma alegação dos professores observada no exercício anterior é o grande desperdício de papel como nessa página que cada coluna é ser respondida com apenas uma palavra. E isto também é questionado pelos alunos, preocupados com as questões ambientais.

4.3.3 Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias

Ainda no Fazer pedagógico Sesi-SP (2010), é inegável a importância dos conhecimentos desta área, pois envolvem:

- leitura, interpretação e produção de textos que veiculem aspectos científicos e tecnológicos;
- identificação, interpretação, utilização e análise (quantitativas e qualitativas) de tabelas, gráficos, esquemas, imagens, expressões, etc., que traduzam situações cotidianas;
- utilização de tecnologias para diagnosticar e equacionar questões de natureza social e ambiental;
- interpretação e análise de resultados de processos experimentais de natureza científica e tecnológica;
- utilização de instrumentos de medição e de cálculo, objetivando compreender fenômenos naturais e sociais.

O aluno de hoje e do futuro necessita desenvolver capacidades para a interpretação de fenômenos naturais, para a compreensão de procedimentos e práticas do cotidiano social e profissional, para resolver problemas e para gerar protagonismo diante de inúmeras questões políticas e sociais (SESI, 2010a, p. 15).

Na apostila de Matemática, como mostra as figuras 40 e 41, encontrei em vários exercícios e exemplos, conteúdos totalmente urbanos (não só urbanos como insalubres, como hambúrguer e suco engarrafado), leitura de holerith, uso de elevador, etc. O que dificulta contextualizar as atividades ao dia a dia do aluno, dificultando a aprendizagem.

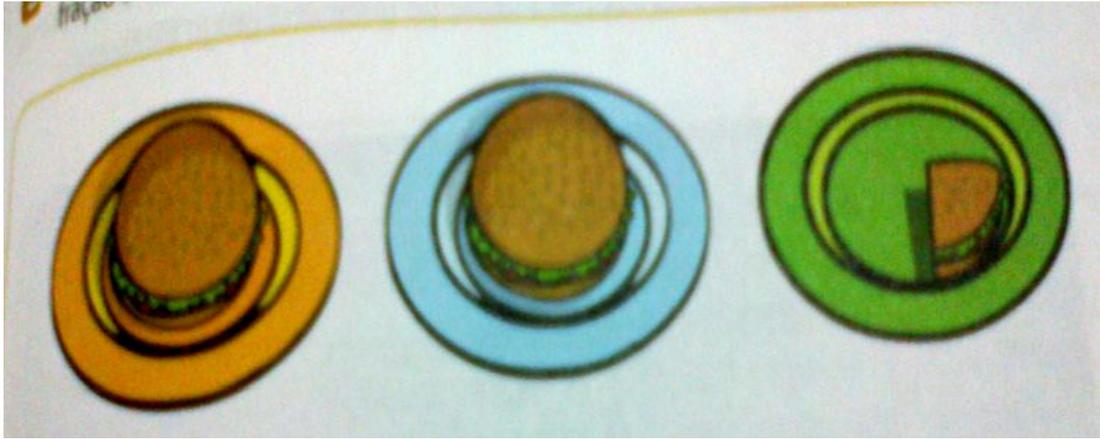


Figura 40: Livro didático de Matemática SESI
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

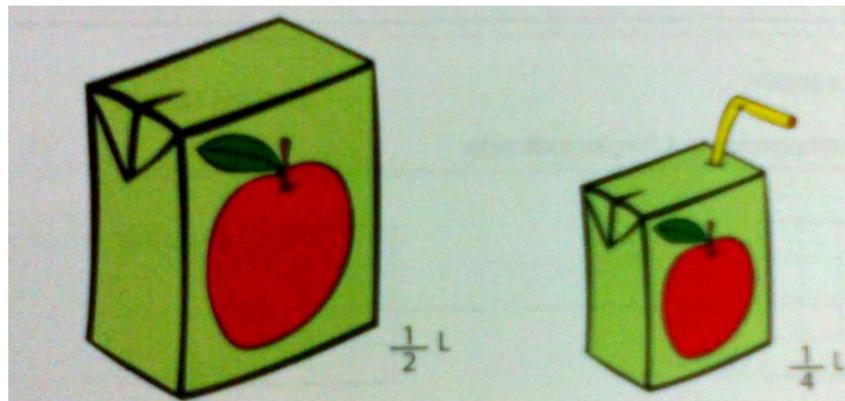


Figura 41: Livro didático de Matemática SESI
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

4.4 Um método voltado para a produção e competitividade

Prioriza-se a preparação dos indivíduos com condições de atuar em um contexto produtivo, orientado para o permanente incremento de competitividade. Habilitar o trabalhador para o contexto de suas atividades rotineiras e profissionais, formular estratégias focadas no atendimento das indústrias, segundo as especificidades dos segmentos produtivos, integram os objetivos da educação realizada pelo SESI-SP, como já observamos no decorrer do trabalho.

Ao preparar o aluno com essa formação, em princípio estaria preparando para tirá-lo do campo e trabalhar nas indústrias da cidade para se manter financeiramente. Tais diretrizes vão na contra mão do Projeto Escola do Campo, que respeita a fixação do aluno à terra, permitindo que ele escolha o rumo a tomar na sua trajetória.



Figura 42: Empresa pedagogia, fábrica-escola de móveis no Senai
Fonte: SENAI, 2012.

A história da organização e da luta dos trabalhadores, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios do educando, na memória coletiva que sinaliza futuros, nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva para qual conta a sua história (trajetória) junto à família, são alguns dos objetivos da escola do campo.

Quando não há estruturas internas suficientemente desenvolvidas nas quais possa ancorar um novo conhecimento, ocorre no indivíduo o que Piaget denomina de conflito cognitivo ou desequilíbrio. Nesse momento, ele assume uma de duas atitudes: ou abandona o que está tentando conhecer, por não encontrar nele nenhum significado, isto é, nenhum ponto de ancoragem, ou se modifica para “acomodar” o não assimilável. Para que isso ocorra, é necessário que o “novo” se ligue, a algum ponto já conhecido ou já

desenvolvido no sujeito. É por isso que, segundo a teoria construtivista, diz-se que o “novo” só ocorre a partir do “velho”, e o “estranho” deve ter um mínimo de semelhança com a estrutura já desenvolvida para poder ser reconhecido. Através deste esforço por acomodar novos elementos ocorre o progresso no conhecimento: não por caminhos lineares, nem por adição de partes, mas por transformações essenciais – assimilação e acomodação (MOREIRA, 1999, p.158).



Figura 43: Trabalhador na cultura de café
Fonte: NUPEDOR, 2010.

Sabendo que escola do campo estudada é de Educação Básica e a clientela atendida por ela, é na maioria de famílias que vivem na zona rural, fica contraditório utilizar um método que se baseie no trabalhador industrial, o que inviabiliza a aprendizagem, já que os alunos possuem outros esquemas de assimilação, como nos mostra Piaget (1967):

Antes de examinarmos o desenvolvimento em detalhes, devemos precisar a forma geral das necessidades e interesses comuns a todas as idades. Pode-se dizer que toda necessidade tende: 1º, a incorporar as coisas e pessoas à atividade própria do sujeito, isto é, “assimilar” o mundo exterior às estruturas já construídas, e 2º, a reajustar estas últimas em função das transformações ocorridas, ou seja, “acomodá-las” aos objetos externos. Nesse ponto de vista, toda vida mental e orgânica tende a assimilar progressivamente o meio ambiente, realizando esta incorporação graças às estruturas ou órgãos psíquicos, cujo raio de ação se torna cada vez mais

amplo. A percepção e movimentos elementares (preensão, etc) referem-se, primeiramente, aos objetos próximos nos seus estados momentâneos, já que a memória e a inteligência prática, permitem ao mesmo tempo, reconstituir o estado imediatamente anterior e antecipar as transformações próximas [...] Ora assimilando assim os objetivos, a ação e o pensamento são compelidos a se acomodarem a estes, isto é, a se reajustarem por ocasião de cada variação exterior. Pode-se chamar “adaptação” ao equilíbrio destas assimilações e acomodações. Esta é uma forma geral de equilíbrio psíquico. O desenvolvimento mental aparecerá, então, em sua organização progressiva como uma adaptação sempre mais precisa à realidade (PIAGET, 1967, p. 15-16).

4.5 Projeto Político da Escola do Campo “Profº Hermínio Pagotto”

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico (biênio de 2011/2013), pode-se perceber que essa construção do conhecimento desenvolvido pela escola, tenta respeitar valores, costumes e o cotidiano do aluno que vive no campo.



Figura 44: Aluno 6º ano – 11 anos - Desenho da sua casa e criação de animais no lote
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

4.5.1 Qualidade Social da Educação

Segundo Projeto Político Pedagógico da escola (2009/2011), a definição de qualidade da educação é de uma educação bem feita, bem trabalhada, bem desenvolvida, envolvendo satisfação e motivação. Uma escola capaz de motivar e despertar a criança para a aprendizagem. Uma escola em que a aprendizagem aconteça de fato (objetivo de ensinar e aprender). E também tenta responder a algumas questões:

O que é importante aprender na escola?

- O saber (experiências acumuladas) com olhar crítico;
- A pesquisa – construção de novas experiências;
- Trabalhar a criatividade do/a – solução de novos problemas;
- Integrar as diversas áreas do conhecimento, de acordo com o interesse e a realidade do/a educando/a;
- Relacionamento e convivência fraterna, solidariedade, cooperação;
- Autonomia reflexiva/ ter consciência crítica;
- Trabalhar coletivamente

Para que aprender? Por que? Que tipo de educando vamos formar?

- Um/a educando/a como ser participante da história/ sociedade;
- Um/a educando/a que domine as experiências humanas de forma crítica e que atue na solução de novos problemas;
- Um/a educando/a que consiga identificar e enfrentar os problemas com clareza/ discernimento.

Para que é esta escola de qualidade?

- Para crianças e adolescentes de 06 a 14 anos, jovens, adultos e idosos



Figura 45: Apresentação de alunos da escola do campo “Prof. Hermínio Pagotto” no Seminário de Estudos e Pesquisa de Educação do Campo realizado na Ufscar em outubro de 2011.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

Essa escola tem um diferencial em relação à maioria das escolas do campo, como por exemplo, as diversas premiações recebidas durante esses últimos anos como:

- Gestão Pública e Cidadania (Fundação Getulio Vargas - FGV);
- I Prêmio Chopin Tavares de Lima “Programa Novas Práticas Municipais” (Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal de São Paulo – Cepam);
- Programa Ação na Escola com o projeto “Semeando Sonhos de Esperanças” (Instituto Embraer de Educação e Pesquisa);
- O Futuro na Ponta dos Dedos (Inclusão Digital – Governo do Estado de São Paulo);
- Selo de Escola Solidária (Instituto Brasil Voluntário) – Prêmio bianual, ganho por quatro vezes consecutivas: 2003, 2005, 2007 e 2009;
- Programa Ação na Escola com o projeto “Da Palavra à Vida” (Instituto Embraer de Educação e Pesquisa), ganhando livros e a ampliação da biblioteca que já está quase concluída.

Um facilitador dessa educação de qualidade é o trabalho realizado pelos professores, pois grande parte das atividades realizadas com os alunos está associado à realidade em que vivem. Como por exemplo, usar o canteiro para ensinar matemática calculando área, perímetro e medidas de comprimento. Essas condições buscam criar nos

alunos a responsabilidade sobre a importância da escola e também o compromisso e respeito sobre a escola e seus semelhantes.



Figura 46: Creche que atualmente faz parte da escola e atende alunos de 0 a 5 anos
Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

4.5.2 Inserção num Contexto Global

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2009/2011, p. 7):

- Ter como ponto de partida a sua realidade para entender a sociedade com um todo;
- Trabalhar a dimensão local, regional, nacional e global, valorizando adequadamente as possibilidades de vida no campo em comparação com a vida urbana;
- Valorizar a contribuição sócio-cultural e história dos irmãos negros, índios, camponeses...
- Transformar o campo economicamente e socialmente.

O trabalho realizado pela escola estudada busca sempre respeitar e conscientizar o aluno em relação às suas origens. Essa escola busca ser futuramente, uma escola de período integral. Como é o Projeto Escola do Campo no Paraná, onde o ensino está relacionado ao processo de produção das famílias. Isto é, introduzir conhecimento de novas tecnologias do campo aglutinado ao saber que essas famílias de agricultores já possuem e ainda respeitar o currículo escolar obrigatório.

4.5.3 Educação voltada para a valorização da cultura de trabalho no campo (teoria e prática)

Ainda, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (2009/2011, p. 7):

- Refletir sobre o valor do trabalho, a nossa identidade de trabalhador/a e aprofundar a mística do trabalho e da terra;
- Valorizar a pertença ao campo;
- Resgatar e vivenciar práticas e costumes dos diferentes membros da comunidade;
- Resgatar a cultura popular (festa junina, música raiz...);
- Desenvolver o conhecimento técnico da comunidade em particular e o geral;
- Estimular a sistematização do conhecimento (história oral da comunidade) depois de vivenciado.

Na escola Hermínio Pagotto, tem-se a preocupação em realizar um trabalho conjunto com os alunos e automaticamente com a comunidade, como por exemplo, uma grande Festa Junina que dura um fim de semana na agrovila, resgatando a culinária e a cultura, além de comercializar o produzido no assentamento.

Os professores também trabalham com a preocupação de passar a história do assentamento para os alunos. A vontade da direção da escola é produzir um material didático contendo a história do assentamento e que faça parte da grade curricular dos conteúdos, pois grande parte dos alunos não conhecem a história do assentamento.

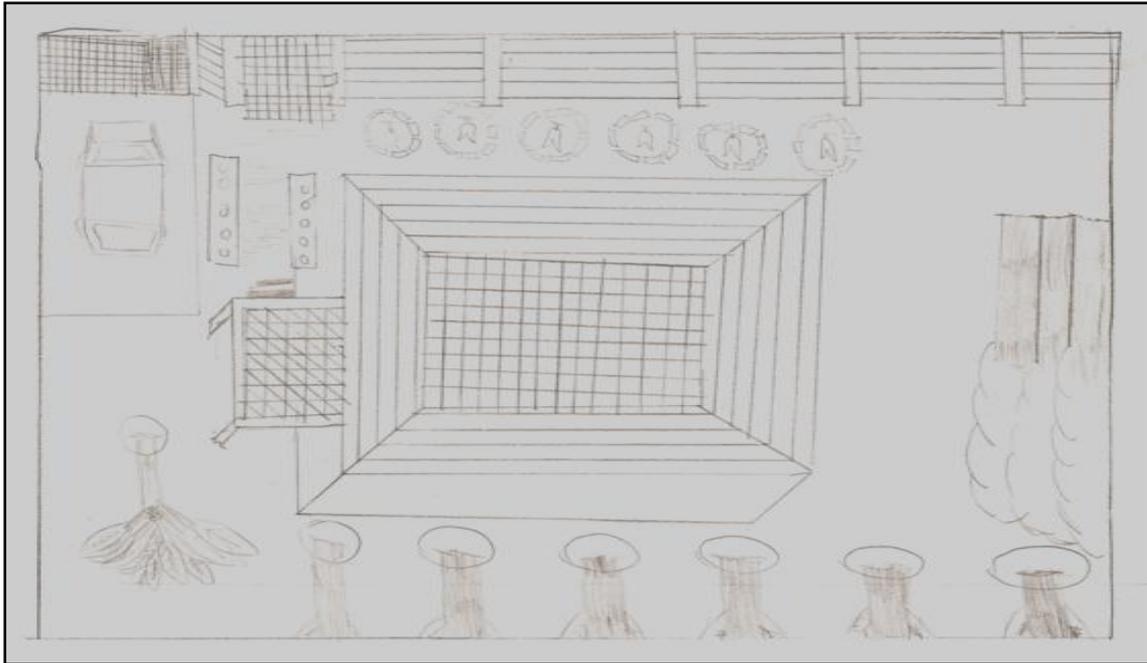


Figura 47: Aluno 6º ano (12 anos) – Desenho da vista aérea de sua casa na agrovila
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

4.5.4 Democratização do Acesso ao Conhecimento

O Projeto Político Pedagógico (2009/2011, p. 7) propõe-se:

- Assegurar o acesso à escola, garantindo transporte e condições de estradas;
- Garantir a existência de material didático e paradidático;
- Garantir atuação e acompanhamento do processo de aprendizagem para todos/as os/as educandos/as.

Como exemplo desse acesso na escola, cito uma aula que assisti dada pelo professor de História que faz parte da grade curricular do ensino de história do 6º ano. Esta aula foi realizada na sala de multimeios, com o auxílio de um datashow. Cada aluno em um computador, juntamente com o professor fazia pesquisa sobre a cidade de Atenas (Grécia). Isso facilitou o entendimento do conteúdo proposto - até os alunos que ainda não eram

alfabetizados, com um pequeno auxílio apenas, conseguiam se interessar pela aula e acompanhar junto com os demais alunos. Essa aula foi bastante estimulante e interessante, segundo os alunos, porém essa é uma aula esporádica, pois só há a sala de multimeios na escola com acesso a internet, sendo então, necessário fazer um rodízio por todas as classes para a utilização dessa sala¹³.

4.5.5 Gestão Democrática – participação da comunidade na tomada de decisões

Podemos encontrar a participação da comunidade tanto na organização do Projeto Político Pedagógico, como também em participações de eventos que envolvam a questão da educação do campo.

- Valorizar os/as profissionais da educação;
- Garantir continuidade dos trabalhos, independentemente da administração municipal;
- Criar espaços de discussão e encaminhamentos coletivos (Conselho de Escola, Assembléias Comunitárias, Reuniões Escolares, etc);
- Gerir coletivamente, respeitando e valorizando as opiniões e necessidades da comunidade (2009/2011, p. 8).

¹³ O Método Sesi se utiliza de pesquisa na internet na maioria das atividades e podemos perceber que isso inviabiliza o ensino, pois os alunos não tem acesso à internet na sua sala de aula.



Figura 48: Moradora do Assentamento Bela Vista participando de discussão sobre as questões relacionadas à educação do campo no Seminário de Estudos e Pesquisa de Educação do Campo realizado na Ufscar em outubro de 2011.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

Na escola estudada é grande a participação dos pais e membros da comunidade local na tomada de decisões, principalmente porque a escola é o centro de muitas atividades, discussões, é o coração da comunidade.

É também grande a valorização dos funcionários por parte da direção da escola desde o professor até o funcionário da limpeza. Percebi que essa atitude facilita o entrosamento da escola com a população. Com exceção de alguns professores, a maioria dos funcionários da escola mora no assentamento.

4.5.6 Espaços e tempos alternativos de educação

Existe a preocupação em aprender dentro da escola e junto à comunidade, segundo o Projeto Político Pedagógico da escola:

- Ampliar o conhecimento dentro e fora da escola;

- Utilizar os lotes, a horta, a mata, a mina, o rio, o pomar, o jardim... como laboratórios de aprendizagem;
- Utilizar os conhecimentos técnicos das pessoas da comunidade e especialistas;
- Visitar locais diversos (universidade, laboratórios, hortas, viveiros etc);
- Utilizar a cozinha experimental para práticas culinárias educativas como mini agroindústria /preparo de plantas medicinais...
- Utilizar a cooperativa mirim como atividade educativa;
- Potencializar o uso de Sala de Multimeios, Biblioteca, Laboratório de Ciências e Laboratório de Informática (2009/2011, p. 8).

Na Escola do Campo estudada, as atividades realizadas fora do ambiente escolar são diversas e constantes, desde passeios pelos lotes, a outras escolas ou instituições; como também o recebimento de visitas de outras escolas à escola do assentamento, o que possibilita rica troca de experiências e conhecimento entre todos os envolvidos.

Outras atividades realizadas no cotidiano escolar que atendem à interdisciplinaridade dos conteúdos e à realidade dos alunos podem ser presenciados constantemente durante o acompanhamento das aulas. Como por exemplo, uma aula que se inicia com o plantio de algum alimento - os alunos acompanham o desenvolvimento e as evoluções desse crescimento, em seguida realiza a colheita desse alimento plantado por eles e termina com o preparo de algum prato na cozinha experimental da escola, utilizando o alimento plantado como ingrediente principal na preparação desse prato, que é saboreado pelos alunos – durante esse processo, há o acompanhamento dos alunos com a realização de atividades oferecidas pelos professores trabalhando leitura, escrita, cálculos, interpretação, cooperação e muitas outras possibilidades de crescimento do conhecimento do aluno, ou seja, o processo de aprendizagem foi efetivo e significativo.

4.5.7 Construção de um novo homem a partir do resgate da sua identidade

Um grande destaque visto, encontrado e trabalhado pelos professores e pela escola em relação ao Projeto Escola do Campo, é o respeito que a escola tem às origens dos alunos e da comunidade (2009/2011, p. 8-9):

- Resgatar a auto-estima;
- Conscientizar-se sobre a construção social dos papéis do homem e da mulher;
- Trabalhar a identidade ligada à cidadania;
- “Quebrar” padrões criados historicamente;
- Incluir as relações de gênero e etnia;
- Tratar adequadamente das pessoas com necessidades especiais;
- Vivenciar os valores: amor à vida, à Mãe Terra, aos pais, mães, aos/às educadores/as, aos/as companheiros/as, à comunidade, à nação; solidariedade, cooperação, companheirismo, amizade. Indignação contra injustiças, mescla-se a sentimentos de esperança, confiança, coerência, compromisso, alegria, ternura, trabalho voluntário, zelo pela natureza, valor do estudo, paz...
- Incorporar valores através da vivência e convivência entre todas as pessoas, especialmente na convivência dos/as educadores/as. Por isso, o testemunho, o jeito de ser e de relacionar dos/as educadores/as também faz parte da prática pedagógica;
- Estender o trabalho da escola à comunidade;
- Resgatar a identidade da escola (discutir sobre a função da escola, avaliar seu papel);
- Trabalhar valores como conteúdo;
- Promover reuniões que colaborem com a vida em comunidade.

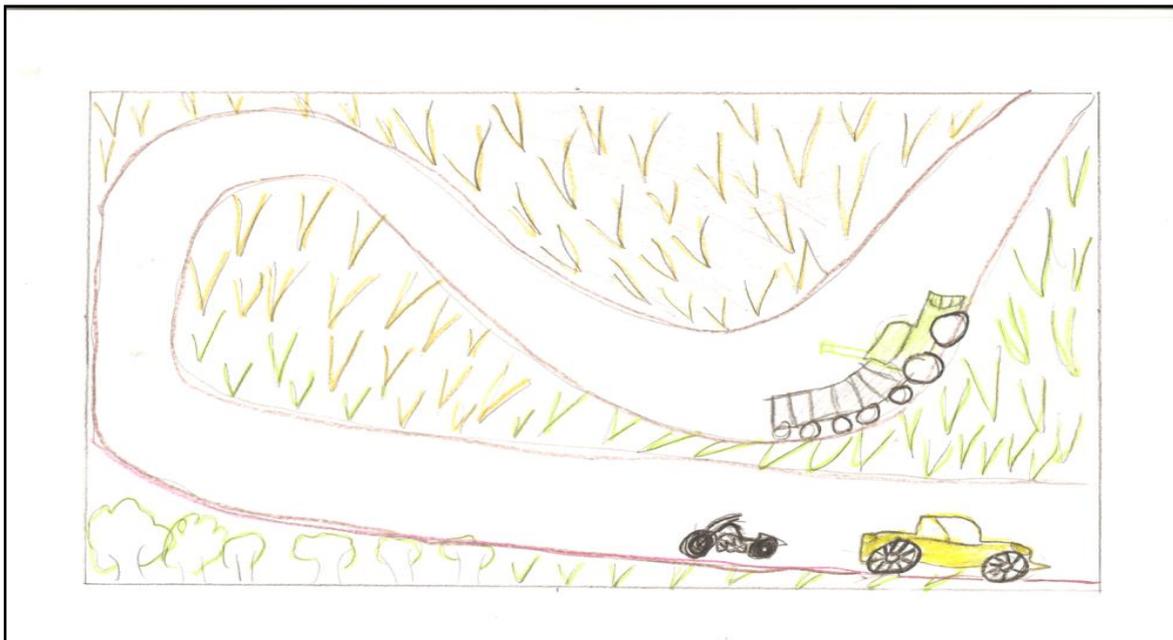


Figura 49: Aluna 6º ano (12 anos) - Desenho do local onde gosta de ver seus amigos andarem de moto no final de semana

Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

4.5.8 Resistência e luta do homem e da mulher no campo

Vimos também no Projeto Político Pedagógico, que é regularmente trabalhado o princípio de que tudo o que existe no assentamento é de todos e a grande questão da preocupação do que se deixará para os seus filhos no futuro.

- Sensibilizar a todos para a vivência da solidariedade com os companheiros que se encontram acampados na luta pelo seu pedacinho de terra;
- Assumir a caminhada dos povos do campo que continuam lutando por terra, pão e paz;
- Indignar-se contra a injustiça social, comprometer-se com a luta e com o movimento social que está buscando construir um país onde todos possam viver com dignidade e esperança;
- Participar das mobilizações refletindo o sentido e razão destas lutas e contribuir no repasse das informações para as famílias (2009/2011, p. 9).

4.5.9 Integração e interação com o meio ambiente ecológica

Durante a criação do assentamento Bela Vista, não houve a preocupação com a questão ambiental, mas hoje é grande a preocupação pela questão ambiental pelos moradores do assentamento. Podemos também observar essa preocupação também dentro da escola.

Segundo os alunos, o contato direto com a natureza é o diferencial da escola do campo visto que muitos alunos já estudaram na escola urbana. Esse é o grande orgulho dos alunos, pois eles vivem, moram e estudam em contato com a natureza. E isso faz parte do conteúdo, como podemos ver isso ainda, no Projeto Político Pedagógico da escola (2009/2011):

- Promover palestras e cursos de capacitação para a comunidade e educadores/as;
- Desenvolver a consciência crítica do consumo do assentado a fim de reduzir a produção de lixo;
- Construir espaços de recolhimento de lixo (orgânicos e recicláveis);

- Valorizar as reservas desenvolvendo trabalho de campo com crianças;
- Sistematizar o trabalho ecológico;
- Trabalhar alternativas de combate à destruição do meio ambiente;
- Mapear e valorizar o meio ambiente rural (hidrografia, vegetação);
- Estimular a boa relação do homem e da mulher com o meio ambiente que sofre transformações com o tempo;
- Trabalhar as noções de primeiros socorros;
- Promover a valorização da vida contribuindo para que haja cuidados com a água, com a terra, com o ar; promover a coleta seletiva do lixo seco e o aproveitamento do lixo orgânico (3R)¹⁴;
- Trabalhar o cuidado com a saúde preventiva e curativa; fazer campanhas contra os vícios do fumo, álcool, de outras drogas...
- Incentivar e ajudar promover o embelezamento da área do assentamento (2009/2011, p. 9-10).



Figura 50: Aluna 6º ano (11 anos) - Desenho do “Estradão” (entrada da agrovila)
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

¹⁴ A coleta de lixo é feita duas vezes por semana na agrovila pela prefeitura, porém nos lotes não há coleta, sendo necessário o máximo de reaproveitamento do lixo e descarte correto para não poluir o meio ambiente e prejudicar os próprios assentados.

4.5.10 Concepção de que a história é construída pelas lutas sociais

A principal luta da escola do assentamento neste conceito é conseguir criar um material didático próprio que faça parte da grade curricular e contemple em seu conteúdo, a história e lutas do assentamento. Podemos encontrar essa preocupação com a história local no Projeto Político Pedagógico:

- Refletir sobre o jeito de viver da comunidade, comparando o antes, o tempo de acampamento e o hoje; cultivar os valores e a história, como projeto, através do resgate de histórias, músicas, palavras de ordem, danças, encenações...;
- Fazer uma exposição permanente da história do assentamento e da luta pela terra na região no corredor da escola...
- Valorizar os sujeitos que participaram da conquista de terra;
- Trabalhar com datas comemorativas importantes como: conquistas sociais, criação do assentamento, da escola, etc (2009/2011, p. 10).

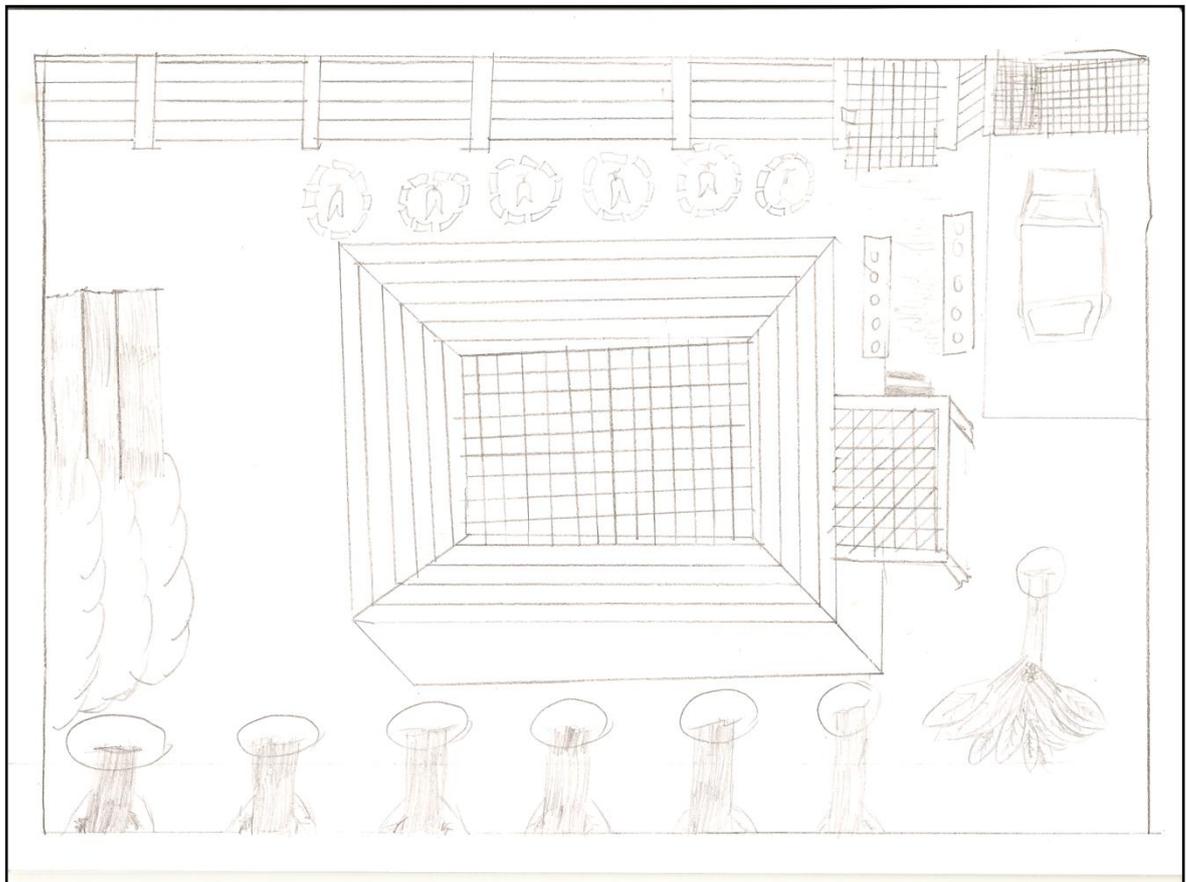


Figura 51: Aluno 6º ano – 10 anos - Desenho da vista aérea da sua casa na agrovila.
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

A escola do campo “Prof. Hermínio Pagotto” busca preservar a história do assentamento, trabalhando principalmente a origem dos moradores, sua cultura, seus valores e tradições, mostrando que um método de ensino que não permita essa preocupação com a história local se torne incompatível com o que é proposto.

A escola em questão trabalha junto com a comunidade as festas e conquistas sociais, organizando eventos, exposições com atividades dos alunos e apresentações artísticas com os alunos. Tudo feito com muito carinho e dedicação em conjunto, envolvendo professores, direção da escola, alunos e comunidade.

4.6 O Programa SESI-SP e seus objetivos estratégicos

Farei uma análise da proposta do Método Sesi de Ensino e sua compatibilidade com o Projeto Educação do Campo, segundo o SESI-SP (2007-2011) que descreve que o Sesi como Escola da Indústria quer fazer diferença por meio da oferta de educação integral em tempo integral, por meio da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio articulado com a formação profissional, que encontrado no Plano Estratégico do Sesi, possui como objetivos:

- Ser reconhecido como referencial de excelência no campo da educação básica e permanente do trabalhador da indústria e seus dependentes;
- Adequar a oferta do SESI-SP às demandas do processo de desenvolvimento da indústria, de seus trabalhadores e dependentes;
- Transferir tecnologias sociais para governos, empresas e organizações do terceiro setor;
- Desenvolver e ofertar soluções sociais que provoquem melhorias sustentáveis para indivíduos e empresas;
- Compatibilizar ação de qualidade com escala de atendimento;
- Articular competências da educação básica, lazer e esportes, saúde, nutrição e desenvolvimento sociocultural;
- Fortalecer a integração das áreas-meio e a articulação das áreas-fim, atuando de forma sistêmica;

- Ampliar a visibilidade do SESI-SP como agente promotor do desenvolvimento econômico sustentado, divulgando os rumos assumidos pela indústria e estreitando contato com formadores de opinião;
- Integrar e articular as ações das Unidades Operacionais e fomentar a transferência das melhores práticas;
- Ampliar a sustentabilidade financeira;
- Maximizar resultados, reduzindo custos e otimizando o emprego dos recursos disponíveis;
- Incrementar o progresso técnico e tecnológico do SESI-SP, valorizando, desenvolvendo e atraindo novos talentos;
- Adotar práticas de gestão que retenham pessoas de alto desempenho;
- Garantir a adequação tecnológica dos sistemas de informação, da infra-estrutura física e dos equipamentos;
- Fomentar a inteligência competitiva e a inovação.

Podemos perceber que os objetivos propostos pelo Plano Estratégico do Sesi, perseguem metas empresariais, objetivos esses contrários ao Projeto Educação do Campo, cujas metas são humanísticas. Observamos esses conceitos de produção em Pereira (2012):

Ao organizar o setor produtivo e seus dados, a empresa ganha em tempo, produtividade, qualidade e principalmente competitividade, o que nos mostra que tais iniciativas podem realmente mudar de forma agressiva o comportamento das empresas no intuito de se reduzir seus custos produtivos, sem trazer conseqüências negativas para a organização diante de um mercado consumidor bastante competitivo, onde o consumidor final deseja um produto com alta qualidade e preço acessível de acordo com seu orçamento (PEREIRA, 2012).

4.6.1 Contextualização das Estratégias

Considerando a importância que a educação básica assume na agenda econômica e social das nações, é possível concluir que o atual quadro educacional brasileiro configura elemento que fragiliza o projeto nacional de desenvolvimento econômico e social. De fato, avaliações da qualidade do ensino brasileiro, executadas por organismos estaduais, nacionais e internacionais, demonstram desempenho aquém do esperado, para um

percentual muito elevado dos alunos do ensino básico. São muitos os fatores que determinam tais resultados, valendo mencionar, entre eles, a ausência de recursos didáticos considerados básicos, docentes pouco qualificados e inadequadamente remunerados, reduzida carga horária e infra-estrutura abaixo dos padrões mínimos requeridos para um ensino de qualidade. A análise da performance da educação paulista sinaliza conjunto de tendências muito semelhante ao registrado nacionalmente. Diante deste cenário e, ainda, considerando que a educação básica representa uma das mais importantes linhas da missão e do negócio do SESI-SP, o Programa Estratégico Reformulação da Educação Básica é um dos principais eixos de transformação que sustenta o planejamento quinquenal do SESI-SP (SESI, 2007-2011).

O referencial que orienta o conjunto de projetos e de ações estruturantes estabelecido no âmbito do mencionado Programa é o atendimento das necessidades de um país que precisa crescer. Para tanto, as reformas a serem empreendidas na educação básica do SESI-SP estão pautadas nos seguintes propósitos no Plano Estratégico do Sesi para a Educação (SESI, 2007-2011):

1. Alinhamento quantitativo da oferta do SESI-SP às reais demandas educacionais do Estado de São Paulo. A análise dos indicadores estaduais de demanda e oferta de educação básica revelou que o SESI-SP estava disponibilizando oportunidades educacionais redundantes no ensino fundamental, ou seja, direcionando recursos para modalidade de educação cujo acesso está universalizado para os alunos da faixa etária correspondente. Por outro lado, as estatísticas educacionais do Estado de São Paulo demonstraram acesso limitado ao ensino médio, ou seja, para somente 62% dos indivíduos na faixa etária dos 15 aos 17 anos. Diante desse cenário, a introdução da oferta de cursos de nível médio no SESI-SP, acompanhada de proporcional redução de vagas no ensino fundamental, é uma das medidas que dá corpo à reformulação da educação básica da Entidade. Trata-se de ação que além de assegurar maior equilíbrio da oferta da educação, permite que o SESI-SP atue em todos os níveis de educação básica, garantindo que a Entidade contribua de forma mais ativa para o aprimoramento do capital humano e, por consequência, para o desenvolvimento da indústria. Ou seja, a contribuição do ensino está voltada para a indústria.

Ao ler o item 1 percebemos que é declarado a intenção de formar um aluno voltado para a indústria. Mas ensinar um aluno do campo que traz princípios contrários à indústria, com um conteúdo voltado para a indústria dificulta a sua aprendizagem, além de não respeitar os seus princípios relacionados ao meio rural.

2. Incremento da qualidade da educação. O conjunto de medidas a ser empreendido nesse sentido se apóia no reconhecimento de que, apesar de seu acesso estar universalizado, o ensino fundamental carece de qualidade. Nessa esfera educacional ainda se faz necessário superar alguns obstáculos, como a elevada evasão, distorção entre idade e série e o reduzido aproveitamento escolar. Em face disso, a atuação do SESI-SP no ensino fundamental está apoiada na premissa de vincular atendimento em escala com alta qualidade. Para tanto, a ampliação da jornada escolar para alunos do ensino fundamental é inovação que passa a integrar o conjunto de propostas de reformulação da educação básica do SESI-SP. Para a Entidade a qualidade da educação ofertada decorre, entre outros aspectos, do número de horas dedicadas à realização de atividades educativas. Segundo pesquisa, realizada em 2003, que apura o perfil socioeconômico das famílias dos educandos da rede, verifica-se que, para 50% dos estudantes do ensino fundamental do SESI-SP, a frequência à escola é a única atividade educacional realizada de forma estruturada. Trata-se, portanto, de alunos que não realizam prática esportiva monitorada ou cursos de línguas, música, dança, artes plásticas, desenho, teatro, computação etc. Tal resultado permite concluir que significativa parcela dos alunos do SESI-SP não conta com nenhuma opção, organizada e freqüente, de complementação ou reforço educacional, que potencialize a ação realizada na escola, durante o período regular. Na concepção do SESI-SP, a ampliação da jornada escolar é alternativa que viabiliza o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos, o maior desenvolvimento de habilidades e competências e, ainda, o acesso à educação nos campos da saúde, cultura e do esporte, promovendo a formação integral. Em face do propósito de assegurar a qualidade da ação educacional do SESI-SP, a decisão de implementar a oferta de educação digital assume importância estratégica. A informática ultrapassou as barreiras de um fenômeno tecnológico, transformando-se em um fenômeno social. Portanto, prover o acesso à informática representa, simultaneamente, promover a inclusão digital, desenvolver competências necessárias para o ingresso ativo e produtivo no mercado de trabalho, viabilizar para todos os estratos sociais oportunidades de acesso às inovações tecnológicas e, ainda, estimular o desenvolvimento e a descoberta de novos campos e formas de pesquisa, acelerando e fixando o aprendizado.

Quando é citado “assegurar a qualidade da ação educacional”, podemos considerar isso ótimo, porém, como atingir isso se o material em discussão não atende a realidade da clientela escolar. Como consequência disso, poderemos ter o desinteresse dos alunos e até a evasão escolar.

3. Ampliação de oportunidades e inclusão profissional. Para tanto, preparar indivíduos com condições de atuar em contexto produtivo orientado para o permanente incremento de competitividade integra os objetivos da educação realizada pelo SESI-SP. Com base nisso, passa a compor o universo de possibilidades presentes no Sistema SESI-SP de Educação a realização do ensino médio em concomitância com os cursos técnicos do SENAI, permitindo que os concluintes da educação básica passem a contar, também, com formação profissional técnica.

Nesse item 3, podemos observar a estimulação da competitividade pelo Método Sesi, no entanto, isso contaria o Projeto Educação do Campo que prega a cooperação.

4.7 Projetos vinculados ao Sistema Sesi de Ensino

Ainda dentro do Plano Estratégico do Sesi (SESI, 2007-2011), encontramos projetos vinculados ao Sistema Sesi de Ensino, como vimos no capítulo anterior. Porém os projetos são destinados à Educação Básica e à Educação de Tempo Integral, já espalhado por algumas escolas no Brasil, e têm como objetivos:

4.7.1 Sistema SESI-SP de Educação Básica

Analisando esse ítem, percebe-se uma uniformização do ensino, como é visto abaixo (SESI, 2007-2011):

- Assegurar a elevação permanente dos níveis de qualidade do ensino ministrado em toda a rede de escolas e a homogeneização do desempenho das unidades escolares, por meio do desenvolvimento, da padronização e da formalização dos principais processos, métodos e práticas que suportam a educação básica do SESI-SP.
- Organizar e formalizar valores, princípios, diretrizes, conhecimentos e práticas do SESI-SP no campo da educação básica, abordando:

- proposta educacional;
- projeto pedagógico;
- recursos básicos das unidades educacionais;
- diretrizes de avaliação, promoção e ingresso;
- material didático: elaboração e atualização, organização, conteúdos programáticos e material de apoio.

Porém, nem escola do campo nem a escola urbana podem ser uniformizadas, pois ela necessita atender peculiaridades da comunidade onde a escola está inserida, para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Podemos observar mais um exemplo da realidade vivida pelos alunos no desenho da figura 52:



Figura 52: Aluno 6º ano (11 anos) - Desenho da sua casa no lote.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2012.

4.7.2 Educação em Tempo Integral para Alunos do Ensino Fundamental

A implantação da educação em período integral, é também uma luta que a maioria das escolas do campo almejam, mas será que o Método Sesi tem como atender o Projeto Escola do Campo para que os alunos do campo permaneçam na escola em período integral? Segundo observamos (SESI, 2007-2011):

- Ofertar educação em tempo integral para 100% dos alunos do ensino fundamental do SESI-SP, matriculados nas escolas situadas nos Centros de Atividades (CATs), distribuídos no Estado de São Paulo;
- Utilizar, de forma mais intensiva, os espaços dos Centros de Atividades em períodos de menor ocupação, maximizando, de forma racional e pertinente, o retorno de recursos empregados na construção, manutenção e operação dessas estruturas.

Desta forma, como o Sistema Sesi espera o retorno dos recursos empregados, vê-se a educação como uma indústria. E ao pensar assim, poderemos estar caracterizando o aluno como um empregado potencial da indústria. No entanto, a escola do campo estudada, também pretende ser uma escola de período integral – os alunos passariam o dia inteiro na escola e no final da tarde retornariam para suas casas. Com isso poderia atender as especificidades que vimos no Projeto Escola do Campo, no Paraná, como cita Passador (2003):

Os jovens aplicam na prática os conhecimentos recebidos na escola, discutindo com seus pais e, não raro, com vizinhos, sobre as possíveis inovações. Planejam soluções para os problemas que aparecem (como pragas nas plantações ou doenças em animais), reorganizam as tarefas da casa, recebem a visita de monitores e até modificam o relacionamento com seus familiares, muitas vezes passando a ser os responsáveis pela produção da propriedade e pelo sustento de toda a família [...] Durante a semana que estão na escola, os jovens expõem seus problemas e aprendem com a experiência dos colegas. Além disso, visitam outras propriedades agrícolas da região, assistem a palestras sobre diversos assuntos – como doenças sexualmente transmissíveis, direito do consumidor e sistema partidário – recebem a educação geral voltada para a agricultura, adaptada à realidade agrícola regional e à vivência comunitária, e planejam a alternância [...] Desta forma, a CFR (Casa Familiar Rural) traz inovações em relação às escolas rurais tradicionais. Não é considerada uma proposta de escola agrícola, porém desenvolve ensino técnico e fundamental. A propriedade rural é utilizada como um campo de aprendizagem e de experiências, que reduz o custo do Projeto. As escolas ficam dispensadas de instalar, em suas dependências, estruturas que reproduzam a realidade na qual os alunos aplicarão os ensinamentos recebidos. Além de aplicar diretamente em sua

propriedade os conhecimentos recebidos na escola, o jovem pode transmiti-los para toda sua família e para a comunidade (PASSADOR, 20003, p. 59).

4.7.3 Educação Digital para Alunos da Educação Básica

Neste momento, a informatização é a base da aprendizagem (SESI, 2007-2011):

- Implantar laboratórios de informática nas escolas de ensino fundamental e médio situadas nos Centros de Atividades.
- Desenvolver metodologia SESI de ensino que se apóie no uso dos instrumentos de informática educacional.
- Preparar educadores para o desenvolvimento de estratégias de ensino pautadas na informática educacional.

A escola estudada, já possui está proposta. Sendo premiada pelo Governo do Estado de São Paulo: O Futuro na Ponta dos Dedos (Inclusão Digital).

4.4 SESI Indústria do Conhecimento: e a realidade do assentamento?

O Sistema Sesi busca extinguir o analfabeto funcional através da informatização e pesquisa para aquisição de conhecimento (SESI, 2007-2011):

- Implantar Centros Multimídia, que deverão operar no sentido de promover o acesso à informação e ao conhecimento mediante pesquisa e práticas de leitura, em uma perspectiva de educação ao longo de toda a vida.

O conceito de analfabetismo funcional ou a alfabetização imperfeita passou a ser amplamente reconhecido por meio da ação da UNESCO¹⁵. Sua definição vem sofrendo alterações ao longo dos anos, mas de forma permanente, é considerado analfabeto funcional o indivíduo que, apesar de escolarizado, é incapaz de empregar habilidades de leitura, escrita e cálculo no exercício de suas atividades rotineiras, profissionais e pessoais.

¹⁵ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

A questão do analfabetismo funcional ganhou relevo à medida em que no Brasil, verifica-se incremento da escolarização da população¹⁶, sendo altas as taxas de analfabetismo. Apesar de passar despercebido por muito tempo, as preocupações decorrentes desse fenômeno estão se intensificando em razão de suas conseqüências, tão dramáticas quanto às originadas do analfabetismo absoluto. Não é demais enfatizar a importância da adequada alfabetização. Tal condição assegura aos indivíduos a capacidade de exercitar plenamente a cidadania e, ainda, de contar com os recursos necessários para atuar de forma ativa no mercado de trabalho. Pessoas que enfrentam restrições da alfabetização convivem com importantes limitações nas habilidades requeridas para promoção de seu auto-aprendizado, de sua qualidade de vida e de sua educação continuada. Os efeitos desse fenômeno no âmbito empresarial também representam empecilho à competitividade.

Estudo realizado no final de década de 90, no município de São Paulo, junto à indústria de transformação, indica que, excluindo os trabalhadores de nível técnico, cerca de 76% da força de trabalho apresenta nível de alfabetização inferior ao requerido pelas suas atribuições e, ainda, ao certificado pela sua educação formal.

De fato, os benefícios dos processos de inovação técnica e tecnológica, via aquisição de equipamentos ou adoção de métodos de produção e de organização do trabalho mais eficientes, são comprometidos pela existência de recursos humanos incapazes de compreender manuais de instruções ou de se aprimorarem via participação em programas de treinamento. Ainda, de acordo com levantamentos efetuados nessa área, estima-se que a queda de produtividade provocada pela existência do analfabetismo funcional corresponde a uma perda equivalente a US\$ 6 bilhões anuais.

Mesmo que estivéssemos preparando os alunos filhos de assentados, ao respeitarmos sua realidade, não os estaremos preparando para a indústria. Como podemos verificar em Duval e Ferrante (2012):

Naquilo que distingue os assentados de outros agricultores familiares, há a história de destituição da terra, migrações e luta social, a experiência de um assalariamento precário no trabalho sazonal e certa politização a partir do trabalho de base dos movimentos sociais [...] Acredita-se sim, que o fluxo migratório pode alterar certos códigos da cultura, na medida em que as práticas não são constantemente retransmitidas e/ou perdem aplicabilidade

¹⁶ De acordo com levantamento efetuado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 2005 (PNAD), 8,4% da população brasileira com mais de dez anos é analfabeta.

no cotidiano, mas isso não se aplica de forma absoluta em relação aos conhecimentos, crenças ou hábitos alimentares que, por exemplo, permanecem os mesmos até nas cidades (DUVAL; FERRANTE, 2012 p.141).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assentamento expressa complexidades e diversidades do meio rural, a criação de um novo modo de vida pleno de particularidades que se desdobram... O que significa imprimir nesta realidade plena de paradoxos um método de ensino padronizado a partir de uma realidade industrial? Não se trata de defender a retomada de dicotomias que insistem em fragmentar a realidade. O problema é que o método SESI se apropria das especificidades da realidade dos assentamentos, moldando-a a partir de um viés urbanocêntrico. Podemos compreender isso:

A valorização da escola é forte no meio rural. Segundo nossa experiência, os pais anseiam que seus filhos aprendam na escola, aquilo que eles não podem ensinar. Ou seja, toda parte “universal” da cultura que fornece os instrumentos para lutar contra a expropriação e as falácias de que são vítimas. Realmente a escola do campo não precisa ensinar os conteúdos da vida rural [...] O que se propõe, portanto, quando se fala hoje em educação para o campo não é uma volta à razão dualista e sim um avanço em direção à razão dialética. A escola do campo precisa incorporar a valorização de modos de vida e os conhecimentos sobre os processos de trabalho, não para ensinar aos homens do campo, mas para aprender com eles[...] Assim, a necessidade de uma educação diferenciada para o campo (ou para qualquer espaço social que não recebe as benesses do modo de produção, mas apenas sua exploração) refere-se apenas aos pontos de partida da ação pedagógica, que deve levar em conta exatamente o aspecto sócio-histórico dos grupos aos quais pertencem os educandos (WHITAKER, 2008, p. 299-300).

Constatamos dentre os problemas e principais entraves: o material não apresenta conteúdo significativo para a aprendizagem do aluno, o que gera dificuldade para o processo de ensino; o professor tem que adaptar o material do SESI às necessidades do campo constantemente; a proposta do sistema SESI orienta o professor para trabalhar os conteúdos, mas, em nenhum momento, foi encontrado no material, algum elemento que faça parte da realidade do aluno do campo. Por se tratar de um material voltado para a indústria, é nítido o crucial estímulo à competitividade, o que contraria o Projeto Escola do Campo, que incentiva a cooperação. Outro problema encontrado ainda é em relação à questão ambiental e nutricional, pois os exemplos utilizados nos exercícios referem-se a embalagens longa vida, enlatados que não são saudáveis e geram muito lixo, além do material didático utilizado pelo aluno, que são oito livros consumíveis descartados todo final do ano, ou seja, oito livros são descartados por ano.

De um lado, a pesquisa aponta problemas, ainda que deva ser levado em conta o relativo curto período de aplicação do método SESI. Enquanto órgãos municipais procuram supervalorizar este método, apontando-o como responsáveis por avanços educacionais permanecem problemas detectados na pesquisa que esperamos que seja aceito.

De um ângulo – o institucional – valoriza-se a ampla utilização de ferramentas educacionais, como lousa digital e os laboratórios de informática. Argumenta-se igualmente ser plenamente favorável a visão dos pais e alunos em relação ao método, pois incorpora mais pesquisa e aumenta a participação da família na escola. Retórica que não corresponde aos resultados das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas, as quais mostram o limitado acesso à internet por parte dos assentados e o risco de se perder a riqueza dos códigos culturais e práticas tradicionais que fazem dos assentamentos uma realidade plena de contradições, mas uma presença viva na história da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ARARAQUARA. Secretaria da Educação. **Diário de Classe**. 5º ano (Ciclo II) EMEF do Campo “Prof. Hermínio Pagotto”. (2009/2011). Assentamento Bela Vista do Chibarro. Araraquara, SP.

_____. _____. **Plano de Ensino**. EMEF do Campo “Prof. Hermínio Pagotto”. (2011). Assentamento Bela Vista do Chibarro. Araraquara, SP.

_____. _____. **Projeto Político Pedagógico**. EMEF do Campo “Prof. Hermínio Pagotto”. (2009/2011). Assentamento Bela Vista do Chibarro. Araraquara, SP.

_____. _____. **Projeto Político Pedagógico**. EMEF do Campo “Prof. Hermínio Pagotto”. (2011/2013). Assentamento Bela Vista do Chibarro. Araraquara, SP.

ARAUJO, J. P. **A docência em uma escola do campo**: narrativas de seus professores. 146 f. Tese (Doutorado em Educação). UfsCar, São Carlos, 2009.

BAPTISTA, F. C. **Educação Rural**: das experiências às Política Pública. Brasília, DF: Editorial Abaré, 2003 (Coleção Debates e Ação volume 2).

BARRETO, M. P. **Educação e meio ambiente**: a formação de professores em tempos de crise. 246f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

BARROSO, J. O Estudo da Autonomia da Escola: da autonomia decretada à autonomia construída. In. BARROSO, J. (Org.). **O estudo da escola**. Porto: Porto Editora, 1996, p. 167-189.

BASTOS, V. A. A construção da gestão democrática em uma escola do campo. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 1, n. 10, p. 97-112, 2006.

_____. **As contribuições do projeto político –pedagógico de uma escola de campo na formação do (a) professor (a)**. 121 f. Mestrado em Psicologia. USP, Ribeirão Preto, 2005.

BRANCALEONI, A. P. **Do Rural ao Urbano**: o processo de adaptação de alunos moradores de um assentamento rural à escola urbana. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação). USP, Ribeirão Preto, 2002.

BEZERRA NETO, L. **Sem-terra aprende e ensina: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais**. Editora Campinas: autores associados, 1999.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**; Resolução CNE/CEB n. 1, de 3 de abril de 2002. Diário Oficial 2002. Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 32.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Educação do Campo**. Disponível em: <www.mec.gov.br/secad>. Acesso em 28 mar. 2006.

_____. _____. **Elementos para um plano nacional de educação do campo**. Disponível em: <www.mecgov.r/secad>. Acesso em 28 mar. 2006b.

_____. _____. **Lei nº 8.069**, de 14/07/1990. Estabelece o Estatuto de Criança e do Adolescente.

_____. _____. **Lei nº 9.394**, de 20/12/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

_____. _____. **Referências Para uma política nacional de educação do campo**. Caderno de Subsídios. Brasília. 2004.

CALDART, R. S. A Escola do Campo em Movimento. **Currículo sem Fronteiras**, v. 3, p. 60 – 81, Jan/Jun 2003. Disponível em : <www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli2.htm>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. Educação do Campo: Notas para uma análise de percurso. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, nº 1, p. 35 - 64, Mar/Jun 2009.

COUTINHO, C. D. **(Des) Pedagogia ambiental e formação de professores**. Disponível em :<www.webartigos.com/articles/21081/DES-PEDAGOGIA-AMBIENTAL-E-FORMACAO-DE-PROFESSORES>. Acesso em: 30 jun. 2010.

DUVAL, H. C. O diário de campo e suas relações com o acompanhamento e a apreensão de vivências nos assentamentos. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 1, n. 9, p. 77-89, 2004.

DUVAL, H. C.; FERRANTE, V. L. S. Autoconsumo e as escalas de diversificação agrícola em um assentamento rural. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 1, n. 14, p. 135-150, 2011.

FENG, L. Y.; FERRANTE, V. L. S. Projeto educação do campo: estratégias e alternativas no campo pedagógico. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 1, n. 11, p. 195-224, 2008.

FENG, L. Y. **Projeto Educação do Campo: estratégias e alternativas no campo pedagógico**. 82 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente). Uniara, Araraquara, 2007.

FIAMENGUE, E. C. **Entre o espaço vivido e o espaço sonhado: Imagens da Infância em um Assentamento de Trabalhadores rurais**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UNESP, Araraquara, 1997.

FLICK, M. E. P. **Educação Ambiental e formação de professores**. Disponível em: <www.cenedcursos.com.br/educacao-ambiental-e-formacao-de-professores.html>. Acesso em: 30 jun. 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 47 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental: no consenso um embate?** Campinas: Papyrus, 2000.

LOPES, V. L. O desenvolvimento do projeto educação do campo em um assentamento da reforma agrária no município de Araraquara-SP: Uma possibilidade de intervenção na problemática ambiental. **Retratos de Assentamentos**. Araraquara, v.1, n. 10, p. 83-96, 2006.

LO SARDO, P. M. **Percepção Ambiental de Educandas/os do Ensino Fundamental do Assentamento de Reforma Agrária “Bela Vista do Chibarro/Araraquara” (SP): Prática e Reflexões em Educação Ambiental**. Monografia de Bacharelado em Ciências Biológicas. UfsCar, São Carlos, 2008.

MATTEI, L. **Memórias e reflexões sobre a Primeira Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário**. Disponível em: <http://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&q=LAURO+MATTEI+MEMORIAS+E+REFLEXOES&lr=&as_ylo=&as_vis=1>. Acesso em: 20 fev. 2011.

MOREIRA, Marco Antonio. **A Teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel**. Cap. 10, p. 151-165. In: Teorias da Aprendizagem. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, EPU, 1999.

PASSADOR, C. S. **O Projeto Escola do Campo (1990-2002) do Estado do Paraná: Capital social, redes e agricultura familiar nas políticas públicas.** 154 f. Tese (Doutorado em Educação). USP, São Paulo, 2003.

PEREIRA, M. G. **Redução dos custos de produção.** Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/redu-ccedil-atilde-o-dos-custos-de-produ-ccedil-atilde-o/2494/>. Acesso: em 22 de maio de 2012.

PIAGET, J. **Seis estudos.** Rio de Janeiro: Forense, 1967.

SEMPRETOPS. **Mapa do Estado de São Paulo,** 2011. Disponível em: [<www.sempretops.com/informacao/mapa-de-guarulhos-sp/attachment/mapspra/>](http://www.sempretops.com/informacao/mapa-de-guarulhos-sp/attachment/mapspra/). Acesso em: 12 de jul. 2011.

Serviço Nacional da Aprendizagem Industrial (SENAI), **Fábrica-escola,** 2012. Disponível em: [<www.google.com.br/imgres?q=senai+fabrica-escola+foto&start=284&hl=pt-BR&sa=X&biw=1365&bih=519&tbn=isch&prmd=imvns&tbnid=vL_EIeExC1DSM:&imgrefurl=http://www2.fiescnet.com.br/web/pt/noticias/show/tipoNoticia/2/id/9145/portaId/1&docid=MWmZemPupw1t8M&imgurl=http://www2.fiescnet.com.br/web/uploads/release_noticia/large/e2ad304dfaef4889a02229d947d60226.jpg&w=640&h=427&ei=mlitT42cDIuy8AS7nP2gDQ&zoom=1 >](http://www.google.com.br/imgres?q=senai+fabrica-escola+foto&start=284&hl=pt-BR&sa=X&biw=1365&bih=519&tbn=isch&prmd=imvns&tbnid=vL_EIeExC1DSM:&imgrefurl=http://www2.fiescnet.com.br/web/pt/noticias/show/tipoNoticia/2/id/9145/portaId/1&docid=MWmZemPupw1t8M&imgurl=http://www2.fiescnet.com.br/web/uploads/release_noticia/large/e2ad304dfaef4889a02229d947d60226.jpg&w=640&h=427&ei=mlitT42cDIuy8AS7nP2gDQ&zoom=1). Acesso em 21 fev. 2012.

Serviço Social da Indústria (SESI). **Plano Estratégico (2007-2011).** Disponível em: [<sesisp.org.br/home/2006/educação>](http://sesisp.org.br/home/2006/educa%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 20 maio 2011.

Serviço Social da Indústria (SESI) - SP. **Fazer pedagógico:** livro do professor. 1. ed. São Paulo: SESI, 2010a.

_____. **Muitos textos...** Tantas palavras. São Paulo: SESI, 2010b.

_____. **Ciências:** Ensino Fundamental 6º ano. São Paulo: SESI, 2010c.

_____. **Geografia:** Ensino Fundamental 6º ano. São Paulo: SESI, 2010d.

_____. **História:** Ensino Fundamental 6º ano. São Paulo: SESI, 2010e.

_____. **Língua Portuguesa:** Ensino Fundamental 6º ano. São Paulo: SESI, 2010f.

_____. **Matemática:** Ensino Fundamental 6º ano. São Paulo: SESI, 2010g.

_____. **Referenciais Curriculares da rede escolar SESI-SP.** São Paulo: SESI, 2003.

SILVA, C. R. **Formação Ambiental na Escola do Campo:** Uma análise documental sob o olhar do ecoletramento. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UfsCar, São Carlos, 2011.

SANTOS, V. M. N; COMPIANI, M. Formação de professores para o estudo do ambiente: projetos escolares e a realidade socioambiental local. **I Simpósio de Pesquisa em Ensino e História de Ciências da terra.** Unicamp, Campinas, maio de 2010.

UNESCO/SESI. **Sistema de Avaliação de Competências do Program Sesi – Educação para o trabalho.** Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=65600. Acesso em 29 de abril de 2012.

VALENTE, A. L. E. F. A Educação no campo e a sua realidade: a esquizofrenia teórica em xeque?. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v.1, n. 11, p. 261-281, 2008.

VERNIER, J. **O meio ambiente.** Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

WHITAKER, D. C. A. **Educação e resgate cultural.** Palestra ministrada no evento Formação de Professores na desordem contemporânea, realizada na UNESP Araraquara em 08/04/2003.

_____. Educação Rural: da razão dualista, à razão dialética. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 1, n. 11, p. 295-304, 2008.

_____. O rural-urbano e a escola brasileira. **Revista do Migrante**, São Paulo, ano V, n. 12, 1992.

_____. **Sociologia Rural:** questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Editora Letras à Margem/CNPQ, 2002.

WHITAKER, D. C. A; FIAMENGUE, E. C. Crianças em assentamento da reforma agrária: um estudo das possibilidades de um novo modo de vida. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 1, n. 8, p. 69-82, 2000.

ANEXOS

ANEXO A: Projetos desenvolvidos no dia a dia da escola

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE ARARAQUARA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

*“Buscamos a ocupação de outro latifúndio:
o latifúndio do saber”.*

11 . Projetos

A EMEF do Campo “Prof.º Hermínio Pagotto” desenvolverá projetos especiais abrangendo:

I- Atividades de apoio educacional e orientação de estudos – assim que aprovados pela Secretaria Municipal da Educação;

II- Organização e utilização de espaços educativos: sala de multimeios, laboratório de ciências, portal do saber, cozinha experimental, estudo do meio, jardim, horta, viveiro de mudas...;

III- Cultura, esporte e lazer:

a) ACLs previstas no Calendário Escolar homologado pela Secretaria Municipal da Educação;

b) Escolinha de Esportes;

c) Treinamento de futebol masculino e feminino(sábado);

d) Projeto Natação – 2º e 3º anos;

e) Projeto Atletismo;

f)Mostra de Arte e Cultura Camponesa.

IV- Projetos de interesse coletivo e da comunidade escolar:

a) Projeto Plantando e Vivenciando valores (Ed. Infantil, 1º ao 9º ano);

b) Projeto de Educação Ambiental (Ed. Infantil, 1º ao 9º ano);

c) Projeto de Leitura e Produção de Texto (Ed. Infantil, 1º ao 9º ano);

d) Projeto de Acolhida, Recepção e Comunicação (Ed. Infantil, 1º ao 9º ano).

e) Programa Jovem Aprendiz Rural/ SENAR (jovens de 14 a 17 anos).

f) PROERD – Projeto de Prevenção às Drogas (Polícia Militar) – 5º e 7º anos

V – Saídas Pedagógicas: mediante ano de ciclo e conteúdos abordados pelos componentes curriculares, a EMEF elaborará um quadro, com as saídas pedagógicas necessárias, com a finalidade de complementar as explicações realizadas em sala de aula.

ANEXO B: Dificuldades na realização do trabalho pedagógico

- *Trabalho Pedagógico*

As maiores dificuldades para a realização de um trabalho pedagógico de maior qualidade nesta Unidade Escolar são:

- ⚡ Faltas freqüentes dos educandos que moram nos lotes em dias de chuva (transporte prejudicado) – Ações realizadas: compensação de ausências com trabalhos e atividades extras e solicitação de reparos nas estradas para que o transporte consiga chegar até os lotes.
- ⚡ Dificuldade no uso da internet (sites bloqueados e quedas no sinal) – Ações realizadas: solicitações de desbloqueios de site e de reparos na rede.
- ⚡ Ausência de apoio educacional para oferecer suporte aos alunos com dificuldades de aprendizagem – Ações realizadas: solicitação à Secretaria Municipal de Educação.
- ⚡ Autonomia restrita para escolha do material didático ou criação de materiais alternativos (com base em nossa realidade) – Ações realizadas: disponibilização de outros recursos e adaptações realizadas dentro do material adotado pela rede (SESI).
- ⚡ Falta de formações específicas para a educação do campo – Ações realizadas: solicitações, junto à Secretaria Municipal;
- ⚡ Tempo escasso para o preparo de atividades e projetos condizentes com a nossa realidade – Ações realizadas: encaminhamento de propostas de alterações de jornada para as escolas do campo.

Metas

- ✓ Melhoria do trabalho a partir da efetivação das ações acima citadas.